

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários

Gabriel Bittencourt de Oliveira

UMA POÉTICA DO FUTEBOL NAS MEMÓRIAS DE TOSTÃO

Belo Horizonte
2025

Gabriel Bittencourt de Oliveira

UMA POÉTICA DO FUTEBOL NAS MEMÓRIAS DE TOSTÃO:

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Área de concentração: Teoria da Literatura e Literatura Comparada.

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Marcelino Rodrigues da Silva.

Belo Horizonte

2025

T716t.Yo-p Oliveira, Gabriel Bittencourt.
Uma poética do futebol nas memórias de Tostão [manuscrito] /
Gabriel Bittencourt Oliveira. – 2025
1 recurso online (93 f.) : pdf.
Orientador: Marcelino Rodrigues da Silva.
Área de concentração: Teoria da Literatura e Literatura Comparada.
Linha de pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Letras.
Bibliografia: f. 91-93.
Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Tostão, 1947- – Tempos vividos, sonhados e perdidos : um
olhar sobre o futebol – Crítica e interpretação – Teses. 2. Futebol
na literatura – Teses. 3. Memória na literatura – Teses. 4. Ética na
literatura – Teses. 5. Futebol – Brasil – Teses. 6. Crônicas
brasileiras – História e crítica – Teses. I. Silva, Marcelino
Rodrigues da. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade
de Letras. III. Título.

CDD: B869.342



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ESTUDOS LITERÁRIOS

ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE GABRIEL BITTENCOURT DE OLIVEIRA

Número de registro: 2023654224. Às 08:30 horas do dia 7 (sete) do mês de março de 2025, reuniu-se na Faculdade de Letras da UFMG a Banca Examinadora de Dissertação, indicada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da UFMG em 05/02/2025, para julgar, em exame final, o trabalho final intitulado *UMA POÉTICA DO FUTEBOL NAS MEMÓRIAS DE TOSTÃO*, requisito final para obtenção do Grau de MESTRE em Letras: Estudos Literários, área de concentração Teoria da Literatura e Literatura Comparada/Mestrado. Abrindo a sessão, a Profa. Dra. Aline Magalhães Pinto, Presidente da Banca Examinadora e Representante do Orientador, Prof. Dr. Marcelino Rodrigues da Silva, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra ao candidato para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a Banca Examinadora se reuniu, sem a presença do candidato e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Profa. Dra. Aline Magalhães Pinto (Representante) - POSLIT/FALE/UFMG - indicou a aprovação do candidato.

Prof. Dr. Elcio Loureiro Cornelsen - POSLIT/FALE/UFMG - indicou a aprovação do candidato.

Prof. Dr. Márcio de Vasconcellos Serelle - PUC/MG - indicou a aprovação do candidato.

Pelas indicações, o candidato foi considerado APROVADO.

O resultado final foi comunicado publicamente ao candidato pelo Presidente da Banca. Nada mais havendo a tratar, o Presidente lavrou a presente ATA, que será assinada por todos os membros participantes da Banca Examinadora. Belo Horizonte, 7 de março de 2025.



Documento assinado eletronicamente por **Marcio de Vasconcellos Serelle, Usuário Externo**, em 07/03/2025, às 12:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Elcio Loureiro Cornelsen, Professor do Magistério Superior**, em 12/03/2025, às 10:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Aline Magalhaes Pinto, Professora do Magistério Superior**, em 20/03/2025, às 09:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

[https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **4013853** e o código CRC **1099E2A1**.

*Quero dedicar este trabalho ao Clube Atlético Mineiro,
pelo amor que tenho por sua camisa e suas cores,
paixão que herdei de meu pai.*

Agradecimentos

Gostaria de agradecer primeiramente aos meus pais, Cleomar e Raquel, pelo apoio incondicional que permitiu a realização desta dissertação. Agradeço do fundo do coração ao meu orientador e professor Marcelino, pela paciência e acolhimento que foram essenciais durante todo o processo. A toda minha família pelo apoio diário, em especial minha prima Gisele, meus tios Geraldo, Cássio e Neider e minhas tias Dalva, Ângela, Isabel e Regina. Aos incontáveis amigos e amigas que fiz durante todos esses anos; de forma injusta destaco Vinícius, Henrique, Eduardo “Cascão”, Leandro, Ângelo, Helena, Yago, Angélica (e seus pais “seu” Leonardo e “dona” Angélica), Marcelo, Luis, Reiner, Luana e todos aqueles que, compartilhando palavras e sentimentos, me mostraram como a vida pode ser bonita. Aos professores e funcionários de todas as instituições em que estudei, meu muito obrigado por me mostrar o amor pelo conhecimento e ensino; de forma ainda mais injusta destaco Denise, diretora da minha primeira e mais querida escola, a professora Bianka, que me ensinou a amar a literatura, e os professores Rogério, Mauro e Tadeu, do curso de Graduação em Filosofia. Também agradeço aos professores Andrea e João, por mostrarem diariamente até onde vai o amor à linguagem. Ao meu cachorro Bituca e minha gata Evita, agradeço pelo companheirismo silencioso e amor profundo. Por fim, gostaria de agradecer a todos os cafés que tomei, os cigarros que fumei e discos que escutei durante a escrita desta dissertação, aos autores que li, filmes que assisti e jogadores cujos gols comemorei, minha mais sincera gratidão.

RESUMO

Este trabalho propõe uma leitura da obra *Tempos vividos, sonhados e perdidos: um olhar sobre o futebol* (2016), do ex-jogador, ex-médico e jornalista Eduardo Gonçalves de Andrade, conhecido pelo apelido “Tostão”, com o objetivo de analisar e compreender sua concepção do esporte a partir de relações com o campo da linguagem, da arte e da literatura. Num primeiro momento, colocamos em foco a constituição híbrida desse livro, que combina o registro autobiográfico, acompanhando a vida pessoal do autor, com um registro memorialístico e reflexivo sobre a história do futebol brasileiro e mundial nos últimos 70 anos. Em seguida, exploramos a visão poética do futebol elaborada por Tostão a partir de um conjunto de dualidades de fundo filosófico, com especial atenção à dualidade entre “futebol-prosa” e “futebol-poesia”, formulada inicialmente por Pier Paolo Pasolini. Finalmente, nos dedicamos a pensar sobre como essa visão poética do esporte se desdobra em reflexões sobre o futebol como representação da identidade e dos dilemas da sociedade brasileira. Durante esse percurso, destacamos a importância da ética no pensamento do autor, como solução possível para as dualidades e dilemas que estruturam sua visão do futebol, da arte e da própria vida.

Palavras-chave: **Tostão; futebol; poética; memórias; ética.**

ABSTRACT

This work proposes a reading of the work *Tempos vividos, sonhados e perdidos: um olhar sobre o futebol* (2016), by former player, former doctor and journalist Eduardo Gonçalves de Andrade, known by the nickname “Tostão”, with the aim of analyzing and understand his conception of sport based on relationships with the field of language, art and literature. Initially, we focus on the hybrid constitution of this book, which combines an autobiographical record, following the author's personal life, with a memorialistic and reflective record on the history of Brazilian and world football in the last 70 years. Next, we explore the poetic vision of football elaborated by Tostão based on a set of dualities with a philosophical background, with special attention to the duality between “football-prose” and “football-poetry”, initially formulated by Pier Paolo Pasolini. Finally, we dedicate ourselves to thinking about how this poetic vision of sport unfolds into reflections on football as a representation of the identity and dilemmas of Brazilian society. During this journey, we highlight the importance of ethics in the author's thinking, as a possible solution to the dualities and dilemmas that structure his vision of football, art and life itself.

Keywords: **Tostão; football; poetics; memories; ethics.**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 - AS MEMÓRIAS DE TOSTÃO E A REFLEXÃO SOBRE O FUTEBOL	15
1.1 - Sobre a obra e o autor	15
1.2 - Autobiografia e memória	17
1.3 - Tostão entre a autobiografia e a memória	24
2 - O FUTEBOL COMO LINGUAGEM E ARTE NAS MEMÓRIAS DE TOSTÃO.....	34
2.1 - Futebol e linguagem.....	34
2.2 - Tostão entre o futebol e a linguagem.....	38
2.3 - Tostão entre o futebol e a vida.....	44
3 - FUTEBOL DE PROSA X FUTEBOL DE POESIA.....	52
3.1 - O que é futebol de prosa e futebol de poesia?.....	52
3.2 - Tostão, o futebol e a dualidade.....	60
4 - O FUTEBOL-ARTE E A IDENTIDADE BRASILEIRA NA VISÃO DE TOSTÃO	70
4.1 - O Brasil, os brasileiros e o futebol.....	70
4.2 - Tostão e o estilo brasileiro de futebol	74
4.3 - Tostão e a ética no futebol brasileiro	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
BIBLIOGRAFIA	91

INTRODUÇÃO

*The game doesn't change the way you sleep or wash your face or
chew your food. It changes nothing but your life.*
(Don Delillo em *Underworld*)

Eis que surge então o lance genial
do craque Tostão
(Trecho da canção “O jogo”, de Milton Nascimento)

No dia 17 de Junho de 1970 ocorreu a semi-final da Copa do Mundo de 1970, entre Brasil e Uruguai. A partida foi vencida pelos brasileiros, de virada, por 3 x 1. Uma vitória emblemática, que foi parte decisiva da trajetória da “seleção canarinho” rumo ao tricampeonato mundial e gerou um sentimento de vingança contra os uruguaios, pela traumática derrota de vinte anos antes, na Copa de 1950. Apesar de tudo isso, o lance mais memorável dessa partida não foi nenhum dos quatro gols, mas um drible do camisa 10 brasileiro, Pelé, no goleiro celeste Ladislao Mazurkiewicz. Um drible plástico e deslumbrante, que foi dado sem que o atacante nem o goleiro encostassem na bola, e ficou imortalizado como uma “obra prima”, uma prova incontestável da genialidade de Pelé.

Em seu elogiado romance *O drible*, Sérgio Rodrigues usa esse lance como ponto de partida da narrativa, conferindo a ele uma função simbólica que reverbera sobre toda a trama do livro. Na cena inicial, o personagem Murilo Filho, um grande conhecedor da história do futebol brasileiro, afirma em uma conversa com seu filho que, nesse lance, “Pelé desafiou Deus e perdeu”, completando logo em seguida: “Imagine se não perdesse. Se não perdesse, nunca mais que a humanidade dormia tranquila.” (RODRIGUES, 2013, p. 7). A cena torna evidente como essa jogada e o próprio futebol acabaram ganhando, no imaginário brasileiro, uma carga mágica e poética, um significado profundo que repercute metafisicamente para além das quatro linhas do campo de futebol, ligando-se ao destino de todo o universo.

Essa dimensão simbólica do esporte vem sendo explorada por diversos escritores e estudiosos. Roland Barthes, por exemplo, no primeiro ensaio de seu célebre livro *Mitologias*, intitulado “O mundo do catch”, nos mostra que esse tipo de luta-livre encenada, que mistura teatro, esporte e circo, geralmente transmitido pela TV, não se resume a apenas um jogo ou um esporte. Ao contrário, ele o descreve como um “grande espetáculo da Dor, da Derrota e da Justiça” (BARTHES, 1982, p. 15). De modo similar, no mundo esportivo brasileiro, o cronista

e dramaturgo Nelson Rodrigues afirma, numa crônica intitulada “O divino delinquente”, que “o que procuramos no futebol é o drama, é a tragédia, é o horror, é a compaixão” (RODRIGUES, 1994, p. 104).

Refletindo sobre essa dimensão simbólica do esporte, e particularmente sobre o caso do futebol no Brasil, em um ensaio intitulado “Nas margens do futebol, a literatura (e vice-versa)”, Marcelino Rodrigues da Silva distingue dois modos de se relacionar o futebol e outros espetáculos esportivos com as artes e a literatura: um que se debruça sobre os discursos que produzimos sobre o futebol e outro que coloca em foco a ideia do próprio futebol como um discurso dirigido aos espectadores” (SILVA, 2014, p. 237-238). Se, por um lado, o esporte já tem uma organização estrutural que traz em si elementos significantes (a disputa pela vitória, o conjunto de regras que o regula, os movimentos e objetivos específicos de cada modalidade etc.); por outro, são os discursos sobre o esporte que se encarregam de realizar esse potencial e conferir a ele uma densidade semântica, interpretando-o continuamente e colocando-o em relação com outras dimensões da vida humana. Um processo que se intensifica de maneira radical quando o esporte se transforma em um grande espetáculo popular com ampla repercussão midiática, como é o caso do futebol no Brasil.

Na história da relação entre o futebol e a sociedade brasileira, são inúmeros os exemplos de jornalistas, escritores, artistas plásticos, cineastas, intelectuais e acadêmicos que contribuíram para que esse processo se realizasse, conferindo ao esporte sua importância simbólica no país. Entre eles, podemos citar nomes como Mario Filho, Nelson Rodrigues, José Miguel Wisnik e Sergio Rodrigues. O que nos traz de volta ao famoso drible de Pelé em Mazurkiewicz, que tomamos como ponto de partida desta reflexão inicial sobre as possibilidades de se pensar as relações do futebol com o campo da linguagem, das artes e da literatura.

Apesar de toda a lenda que se criou em torno desse lance, poucos se lembram que sua origem - o passe que deu a Pelé a chance de driblar o goleiro uruguaio - veio do jogador que envergava a camisa 9 do time brasileiro, o belo-horizontino Eduardo Gonçalves de Andrade, mais conhecido pelo apelido “Tostão”. Anos depois de ter cumprido uma importante carreira como atleta de futebol - carreira que foi precocemente encerrada por conta de um deslocamento de retina -, Tostão começou a trabalhar como cronista e comentarista esportivo, transformando-se em um importante representante contemporâneo dessa grande tradição de intérpretes que contribuíram para desenvolver o processo de produção de sentido que se dá em torno do futebol no Brasil. Dentre suas publicações, está o livro *Tempos vividos, lembrados e sonhados: um olhar sobre o futebol*, que escolhemos como objeto de análise desta dissertação.

Publicado em 2016, o livro é, em linhas gerais, um relato de Tostão sobre sua vida e seu envolvimento com o futebol e uma narrativa sobre a história do esporte durante esse período, enfocando especialmente a participação brasileira nas Copas do Mundo. Ao mesmo tempo, ele é também uma profunda reflexão sobre o futebol, nas suas múltiplas relações com diferentes aspectos da existência humana, a partir dos diferentes pontos de vista que ele acumulou durante sua vida, seja como simples espectador e torcedor, como jogador de destaque internacional ou como jornalista e escritor sobre o assunto. O autor fala de si, em diferentes momentos da vida, ao mesmo tempo em que olha para o mundo do futebol à sua volta, constituindo um discurso ao mesmo tempo autobiográfico e memorialístico.

Articulando estes dois níveis narrativos/reflexivos de seu livro, Tostão divide o tempo coberto por seu texto em três períodos que se referem ao mesmo tempo à sua história pessoal e à história esportiva, mostrando como o futebol brasileiro coincidentemente acompanhou as fases da sua vida. O período inicial de “encantamento” (TOSTÃO, 2016, p. 10) começa em sua infância, quando ele acompanhou pelo rádio as vitórias de seus primeiros ídolos esportivos, passa por sua trajetória como atleta de sucesso e termina com sua precoce aposentadoria como jogador. Esse foi um período visto por ele como de beleza e fantasia, marcado por um estilo de jogar no qual predominava o lado artístico do esporte. O segundo período, que ele chama de “*Intermezzo*”, corresponde à época em que ele se dedicou às carreiras de médico e de professor de Medicina, na qual ele via o futebol de forma mais distanciada, como um espectador. Tanto em sua vida pessoal quanto na história do futebol, esse foi para ele um período de confronto entre a ciência e a improvisação (TOSTÃO, 2016, p. 10), no qual se deu a ascensão de um futebol essencialmente pragmático, voltado para os resultados, que colocava em segundo plano a dimensão artística do jogo. O terceiro período corresponde à época em que Tostão volta ao futebol como jornalista e cronista, refinando seu olhar crítico em relação ao esporte, e culmina na retumbante derrota brasileira por 7 a 1 para a Alemanha, na Copa de 2014. Tostão define esse tempo como o de uma conciliação e de uma convivência, ao mesmo tempo conflituosa e harmoniosa, entre o “futebol-força” e o “futebol-arte” (TOSTÃO, 2016, p. 10).

Por meio desse procedimento, ele amplia as possibilidades de explorar a dimensão significativa do futebol, desenvolvendo ligações do esporte com outras esferas da vida. Sem nunca perder a lucidez e a humildade, e demonstrando grande capacidade de manejo da linguagem, Tostão nos oferece uma reflexão elaborada a partir do olhar de um homem que, em suas próprias palavras, é ao mesmo tempo “racional e sonhador” (TOSTÃO, 2016, p. 91). Desdobrando-se em outros pares dicotômicos, essa dualidade atravessa tanto o seu relato pessoal quanto sua narrativa e suas reflexões sobre o mundo do futebol. Essas dualidades

repercutem no modo como ele encara o futebol, tanto em suas crônicas como em seu livro de memórias, refletindo-se em um modo poético de encarar o esporte. Como observa Günther Augustin, em seu artigo “Uma poética do futebol nas crônicas de Tostão”, uma das coisas mais interessantes na escrita de Tostão é, justamente, o fato de que ele estabelece essa relação entre o futebol e a arte. Dessa perspectiva, abre-se a possibilidade do sonho e da reinvenção da história por meio da imaginação (AUGUSTIN, 2014 p. 12).

O objetivo desta dissertação, portanto, é fazer uma análise do livro *Tempos vividos, lembrados e sonhados: um olhar sobre o futebol*, a fim de compreender e discutir a visão particular do jogo de futebol elaborada pelo autor nessa obra, a partir de suas relações com a linguagem, a arte e a vida. Ou seja, trata-se de tentar compreender o modo como uma poética do futebol é elaborada o livro de Tostão, em diálogo com o contexto esportivo e sociocultural em que ele foi escrito. Por isso, além de discutir os mecanismos internos de funcionamento do texto em foco, será necessário também recorrer a outros textos jornalísticos, acadêmicos e artísticos que interpretam e recriam o esporte, ampliando as reflexões sobre os significados e a história do futebol no Brasil e no mundo.

No primeiro capítulo da dissertação, começaremos por uma breve apresentação do autor, para em seguida fazer uma análise panorâmica do livro *Tempos vividos, sonhados e perdidos* e de suas principais características, com destaque para o modo como nele se articulam uma dimensão autobiográfica e uma dimensão memorialística, permitindo ao autor relacionar o futebol com a vida e elaborar uma complexa reflexão sobre o futebol. No segundo capítulo, faremos um exame mais detido da concepção de futebol elaborada por Tostão, relacionando-a com a linguagem, a arte e a vida e buscando captar sua compreensão do futebol como um fenômeno cultural que abarca uma ampla cadeia de significações. O terceiro capítulo será dedicado ao aprofundamento dessa análise, a partir da oposição estilística entre “futebol de prosa” e “futebol de poesia”, proposta por Pier Paolo Pasolini e reelaborada por Tostão, como base para sua poética do futebol. Estarão em foco, também, reflexões de autores que discutiram as ideias de Pasolini, bem como textos de outros autores que propõem distinções semelhantes. Finalmente, no quarto capítulo discutiremos o modo como a poética do futebol elaborada por Tostão se relaciona com os discursos sobre o Brasil e a identidade brasileira, fazendo do esporte um campo de representação de questões importantes de nossa sociedade. Ao longo desse percurso, buscaremos mostrar como a visão poética do futebol elaborada por Tostão se estrutura a partir de uma série de dualidades, que se relacionam de forma analógica e se resolvem por

uma atitude marcada pela ética e pelo esforço de conciliação entre as tendências opostas que definem essas dualidades.

1 - AS MEMÓRIAS DE TOSTÃO E A REFLEXÃO SOBRE O FUTEBOL

1.1 - Sobre a obra e o autor

O autor da obra que pretendemos analisar nesta dissertação se chama Eduardo Gonçalves de Andrade, mas é conhecido pelo mundo como “Tostão”. Nascido no dia 25 de Janeiro do ano de 1947 na jovem cidade de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais, Tostão ganhou esse apelido por ser sempre o menor de sua turma, já que na época um “tostão” era a menor moeda utilizada no país (TOSTÃO, 2016, p. 14). O jovem cresceria no conjunto habitacional IAPI, no bairro Lagoinha de BH, e logo se tornaria um dos maiores jogadores de futebol do Brasil e do mundo.

Tostão entraria no futebol nas categorias de base do América-MG, de onde se transferiria para o Cruzeiro, clube no qual se consagrou como um de seus maiores ídolos, além de ganhar destaque para posteriormente defender a seleção brasileira em duas copas do mundo (a de 1966 na Inglaterra e a de 1970 no México). Após ser penta-campeão mineiro (de 1965 a 1969) e campeão da Taça Brasil (de 1966¹), Tostão compôs o icônico “esquadrão canarinho” que foi campeão mundial no México em 1970, ao lado de Pelé, Rivellino e outros “cobras”. Mesmo com a glória máxima do futebol, o jogador mineiro encerrou precocemente sua carreira, devido a complicações com um deslocamento da retina e uma conturbada transferência do Cruzeiro ao Vasco da Gama em 1973.

Depois de “pendurar as chuteiras”, Tostão se dedicou à medicina por mais de vinte anos de sua vida (mais especificamente entre os anos de 1973 e 1994). Nessa altura, o ex-jogador se empenhou em estudar para o vestibular da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e, após obter êxito, dedicou-se aos estudos, à prática e ao próprio ensino da profissão. Formando-se em 1981, atuou como médico, estudou psicanálise e ministrou aulas na Faculdade de Ciências Médicas, em um momento de sua vida que, citando o ex-jogador Falcão, ele considera como uma “morte” e um “renascimento” de si mesmo (TOSTÃO, 2016, p. 86). Uma “morte” do jogador Tostão, de meias e calções e que corre, dribla e marca gols, mas também um “renascimento” deste como “dr. Eduardo”, que se dedicaria a ajudar as pessoas, cumprindo também seu sonho adolescente de ter uma profissão liberal (TOSTÃO, 2016, p. 85).

Embora tivesse o desejo de ingressar na carreira acadêmica por meio de um concurso para professor na UFMG, Tostão acabou abandonando o mundo médico e retornando ao futebol em 1994, ano de copa do mundo. Foi no contexto do mundial dos Estados Unidos que o ex-

¹ Título hoje reconhecido pela CBF como equivalente ao Campeonato Brasileiro de Futebol.

atleta resolveu embarcar na carreira jornalística. Após um convite do jornalista Luciano do Valle para participar dos debates da TV Bandeirantes durante a Copa, Tostão nunca mais largou a mídia esportiva (TOSTÃO, 2016, p. 103). Passando por diferentes veículos de imprensa, o ex-jogador (e na altura de 1997, ex-médico) se tornou um cronista consagrado e referência no universo da crônica esportiva brasileira. Por meio de seus diversos textos publicados em jornais como *Estado de Minas* e *Folha de S. Paulo* (além de antologias reunindo suas crônicas mais célebres), Tostão se tornou um autor com um estilo reconhecido e admirado. A publicação de uma primeira experiência literário-jornalística ocorreu em 1997 com o livro *Lembranças, opiniões e reflexões sobre futebol*, que reúne “textos curtos e objetivos, orbitando em um formato ambíguo” (LIMA, 2016, p. 10). Embora sejam textos que refletem o pensamento do autor de forma progressiva e abrangente, deixaremos as crônicas e o primeiro livro de lado e colocaremos em foco seu trabalho mais recente e atualizado.

O que se pretende fazer nesta dissertação, portanto, é uma análise cerrada do livro *Tempos vividos, sonhados e perdidos*, publicado em setembro de 2016 pela Companhia das Letras. Este livro de 2016 se destaca, dentre todas as outras obras de Tostão, pelo longo intervalo de tempo que abarca. Com um título que faz referência à obra máxima de Marcel Proust, Tostão inicia seu trabalho remoendo a história do futebol a partir de suas primeiras lembranças com o esporte, quando ainda era uma criança no conjunto IAPI. Suas primeiras lembranças com o esporte remontam aos seus sete anos de idade, quando jogou pelo time do bairro contra o infantil do Atlético Mineiro, e acompanhou a trajetória da seleção brasileira de 1958, que seria o berço de seus primeiros ídolos no futebol, como Pelé, Garrincha e Nilton Santos, entre outros (TOSTÃO, 2016, p. 12 - 18).

O autor descreve seu caminho pelas categorias de base do América-MG e sua consagração no Cruzeiro, que fizeram com que o jovem jogador mineiro chamasse a atenção da seleção brasileira, onde acabou jogando duas copas do mundo com o “manto canarinho”. A Copa de 1966 foi um fracasso para o Brasil e mostrou a clara decadência do esporte nacional. Já a Copa de 1970 marcou o auge da seleção brasileira e do próprio Tostão. Depois de narrar sua precoce aposentadoria, Tostão continua o livro nos apresentando suas impressões sobre o futebol brasileiro, apartando-se dele, não sendo mais um agente direto envolvido com os acontecimentos futebolísticos analisados. Entre 1974 e 1994, Tostão se dedicou à medicina e acompanhou o futebol brasileiro apenas como espectador. Durante esse período, o Brasil não conseguiu nenhuma glória digna de nota, embora tenha esporadicamente apresentado alguns times excepcionais, como a seleção de 1982 e o São Paulo de 1992/1993, ambos comandados por Telê Santana. Após sua reentrada na vida jornalística em 1994, Tostão pensa o esporte de

seu país com um olhar mais analítico, um método próprio do jargão midiático que ele abraçaria naquele momento.

Tostão fala de si e do futebol brasileiro, ele fala do futebol brasileiro a partir de si. De certo modo a obra de Tostão acompanha sua vida, e de outro modo, acompanha o que ocorre com o futebol no Brasil e no mundo. A articulação entre esses dois fios narrativos é o eixo estruturante desse texto, que não pode ser definido facilmente a partir de uma única categoria de gênero literário. Veremos adiante como o autor articula, em seu livro, o discurso autobiográfico ao lado do registro memorialístico para, então, construir uma visão única e integrada tanto da vida quanto do futebol.

1.2 - Autobiografia e memória

Em um texto clássico sobre a autobiografia, Philippe Lejeune busca definir, de forma clara e fundamentada, as problemáticas que envolvem esse complexo gênero literário (LEJEUNE, 2014, p. 13). Ao tentar traçar uma definição precisa para o gênero, o autor lança a seguinte sentença: a autobiografia é uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de uma personalidade” (LEJEUNE, 2014, p. 14). Embora abarque um grande número de casos, essa definição tem sido bastante questionada contemporaneamente, portanto a consideraremos estritamente para os objetivos desse trabalho.

Desdobrando essa definição cerrada, o teórico francês estabelece quatro critérios que diferenciam a autobiografia de gêneros “vizinhos” como a biografia, o romance pessoal e a memória. A divisão em quatro categorias elementares da autobiografia possui os seguintes tópicos: forma de linguagem (narrativa, em prosa); assunto tratado (vida individual, história de uma personalidade); situação do autor (identidade entre autor e narrador); posição do narrador (identidade entre narrador e personagem principal, perspectiva retrospectiva da narrativa) (LEJEUNE, 2014, p. 14). Assim, os gêneros vizinhos da autobiografia não compartilhariam com ela pelo menos uma dessas quatro categorias elementares. No caso específico das memórias, o ponto divergente é o segundo, que diz respeito ao “assunto tratado”. Logo, a correspondência entre uma autobiografia e um texto memorialístico ocorre em todos os elementos anteriores, exceto no assunto tratado que, para Lejeune, deveria necessariamente ser a “vida individual, história de uma personalidade”, no caso da autobiografia. Já no caso das memórias, o assunto tratado teria obrigatoriamente que ser qualquer coisa exceto a vida e a história do autor memorialista, próprios do gênero da autobiografia.

Inicialmente, o que queremos mostrar é que essa delimitação proposta por Lejeune não é rígida, e permite infinitas articulações, misturas e transições entre os gêneros em foco. O próprio autor admite, um pouco adiante em seu texto, que o único critério de certo modo rigoroso para a autobiografia é o pacto identitário firmado pelo autor com o leitor através de seu nome próprio:

O que define a autobiografia para quem a lê é, antes de tudo, um contrato de identidade que é selado pelo nome próprio. E isso é verdadeiro também para quem escreve o texto. Se eu escrever a história da minha vida sem dizer meu nome, como meu leitor saberá que sou *eu*? É impossível que a vocação autobiográfica e a paixão do anonimato coexistam no mesmo ser. (LEJEUNE, 2014, p. 33)

Se mantivermos essa relação pactual entre autor e leitor em mente, podemos entender como as possibilidades inventivas entre os gêneros podem ser articuladas dentro de uma obra. Mantendo-se o pacto que estipula a identidade do autor com a identidade do narrador e do protagonista (contrato firmado pelo nome próprio), as possibilidades de método e estilística se abrem, sem perder o fio lógico que mantém a unidade daquela obra. Uma autobiografia normativa (de acordo com os princípios de Lejeune) pode ter momentos versificados ou memorialísticos e não deixar de ser uma autobiografia, desde que mantenha o acordo firmado previamente.

O próprio Lejeune, em outro momento do texto, admite que suas delimitações não são totalmente rígidas. Sua definição permite mesclas entre os estilos e elementos, desde que mantenha uma espécie de prioridade em relação às categorias elementares pelas quais a obra pode ser considerada “*principalmente*” autobiográfica:

O texto deve ser *principalmente* uma narrativa, mas sabe-se a importância do *discurso* na narração autobiográfica; a perspectiva, *principalmente* retrospectiva: isto não exclui nem seções de auto-retrato, nem diário da obra ou do presente contemporâneo da redação, nem construções temporais muito complexas; o assunto deve ser *principalmente* a vida individual, a gênese da personalidade: mas a crônica e a história social ou política podem também ocupar um certo espaço. Trata-se de uma questão de proporção ou, antes, de hierarquia: estabelecem-se naturalmente transições com os outros gêneros (memórias, diário, ensaio) e uma certa latitude é dada ao classificar o exame de casos particulares. (LEJEUNE, 2014, p. 15)

A discussão sobre os gêneros e a articulação entre eles não é nova na teoria literária. De forma geral, a questão dos gêneros nos estudos literários foi objeto de reflexões que remontam à *Poética* de Aristóteles, passando por sua ruptura no contexto do Romantismo, decorrente da visão da literatura como expressão da subjetividade, chegando até a intensificação dessa liberdade inventiva com o modernismo e o vanguardismo do século XX (SILVA, 2024, p. 145-

172). Logo, se no próprio contexto priorizado por Lejeune² as possibilidades criativas para o autor que escreve sobre si já são enormes, na contemporaneidade literária essas possibilidades se multiplicam.

Não é necessário, portanto, que uma obra qualquer seja fixada categoricamente em algum gênero definido. Existe sempre a possibilidade da mistura e da sobreposição das características dos diversos gêneros, de acordo com a capacidade criativa de cada autor. Não apenas Lejeune, mas outros autores e correntes de pensamento mais recentes também têm demonstrado como esses gêneros não são categorias estanques, e que na verdade possuem grande maleabilidade. Por exemplo, ao analisar o livro *O negro no futebol brasileiro* de Mário Filho a partir da ótica do campo da recepção, Marcelino Silva (2024) observa o modo como podemos pensar em um texto que, mesmo identificado a um gênero específico, pode conter elementos de outros, abrindo um grande leque de leituras possíveis:

A identificação de um texto a um determinado gênero, portanto, não exclui a presença de traços de outros, nem a existência de casos que provoquem dúvidas, contradições e superposições de categorias genéricas. Esse, evidentemente, parece ser o caso do livro de Mário Filho.

O deslocamento da discussão sobre os gêneros para o campo da recepção, por sua vez, nos mostra que o problema não se resume a identificar em que gênero um texto foi feito, mas envolve também a necessidade de pensar em como o texto é lido. Um mesmo texto pode ser lido a partir de diferentes convenções, o que implica em maneiras diferentes de ler, que buscariam nas possibilidades que o texto oferece os traços não excludentes que permitiriam sua vinculação a um determinado gênero. A escolha de uma rubrica genérica, por parte de um leitor ou de uma comunidade de leitores, não obriga a considerar que as demais escolhas estejam erradas. (SILVA, 2024, p. 14)

Outra autora que trabalha de maneira flexível com a questão dos gêneros no discurso biográfico é a argentina Leonor Arfuch. Dando um passo adiante, partindo do conceito de gêneros do discurso de Bakhtin para se contrapor a Lejeune, a autora nos afirma que não existem realmente nenhuma dessas “formas puras” que delimitariam rigidamente uma obra dentro de uma categoria genérica, mas apenas espécies híbridas que flutuam entre diferentes conceituações possíveis. Os gêneros, por mais fechados que possam parecer, na realidade podem ser moldados e reconstruídos em função do projeto desenvolvido e da criatividade do autor. O modelo de “autobiografia”, como foi anteriormente definido por Lejeune, é mais frágil do que suas pretensões almejavam chegar. O fato apontado por Arfuch é que qualquer obra dentro do que ela chama de “espaço biográfico” pode ser encaixada em um gênero específico, mas trabalha na realidade com uma mescla conceitual menos atrelada a uma rigidez

² Literatura europeia pós-1770 (LEJEUNE, 2014, p. 14)

classificatória e mais a uma heterogeneidade de discursos pautados pelos seus usos, suas possibilidades e suas recepções:

Vários apontamentos poderiam ser feitos a respeito da pertinência dessa conceituação para pensar o espaço biográfico. Em primeiro lugar, a heterogeneidade constitutiva dos gêneros, sua estabilidade apenas relativa, o fato de não existirem formas “puras”, mas *constantes misturas e hibridizações*, em que a tradição se equipara à abertura à mudança e à novidade. Os primários, familiares, suscetíveis de se recontextualizarem nos secundários, como o diálogo e a carta no romance por exemplo, são para Bakhtin um motor de transformação, na medida que em que oferecem uma conexão direta com a cotidianidade e contribuem para a flexibilização de convenções discursivas, proibições, tabus. Os usos dos gêneros influenciam desse modo hábitos e costumes, na variação dos estilos e até no “tom” de uma época. Por esse prisma, torna-se relevante o papel flexibilizador das formas que nos ocupam através da incorporação natural dos gêneros primários à sua própria dinâmica (a conversa, a piada, a anedota, a cena íntima, tanto na autobiografia quanto na entrevista quanto na crônica ou no testemunho), cujo desdobramento no horizonte midiático imprime um selo particular. Em segundo lugar, há o funcionamento pragmático dos gêneros, a atenção dispensada aos *usos*, à dimensão interativa entre participantes, que se complementa com a participação do enunciado como essencialmente *destinado*, marcado por uma prefiguração do destinatário - “tal como imagino” - e por uma atitude a respeito dele, que é, por sua vez, uma *tensão à resposta*. Essa consideração do outro como fazendo parte do meu enunciado, prévia a toda consumação possível da comunicação, encontra seu correlato na ideia de uma linguagem *outra*, habitada por vozes que deixaram seu rastro com o uso de séculos, uma *palavra alheia* que expressa sentidos, tradições, verdades, crenças, visões de mundo, e que o sujeito assume de forma natural, mas da qual deverá *se apropriar* pelo uso combinatório peculiar que dela faça, pelos gêneros discursivos que escolher e, sobretudo, pelas *tonalidades de sua afetividade*. (ARFUCH, 2010, p. 66-67)

Portanto, uma categorização estrita da autobiografia ou de seus gêneros vizinhos é descartada a antemão. Os modos de articulação possíveis entre os gêneros e as funções que eles desempenham em constante contraste se tornam não apenas possíveis mas necessários para que um texto autorreferencial se torne significativo. Mais adiante em seu texto, Arfuch destaca essa importância dos encontros entre os diferentes gêneros em um mesmo texto como sendo mais importante até que os acontecimentos (mesmo que verdadeiros) que seriam narrados. A “verdade” da narrativa sendo escanteada em detrimento da estratégia do autor que joga com a veracidade que têm em mãos. O fato se torna o objeto com a qual é construído um edifício que está longe de ser homogêneo; pelo contrário, possui uma diversidade de modelos em constante sobreposição:

Seria possível afirmar, então, que efetivamente, e para além de todos os jogos de simulação possíveis, esses gêneros, cujas narrativas são atribuídas a personagens realmente existentes, *não são iguais*; que, inclusive, mesmo quando estiver em jogo uma certa “referencialidade”, enquanto adequação aos acontecimentos de uma vida, *não é isso o que mais importa*. Avançando uma hipótese, não é tanto o “conteúdo” do relato por si mesmo - a coleção de acontecimentos, momentos e atitudes -, mas precisamente *as estratégias* - ficcionais - *da autorrepresentação* o que importa. Não

tanto a “verdade” do ocorrido, mas sua construção narrativa, os modos de (se) nomear no relato, o vaivém da vivência ou da lembrança, o ponto do olhar, o que se deixa na sombra; em última instância, que história (qual delas) alguém conta de si mesmo ou de *outro eu*. E é essa a qualidade autorreflexiva, esse caminho da narração, que será, afinal de contas, *significante*. No caso das formas testemunhais, tratar-se-á, além disso, da verdade, da capacidade narrativa de “fazer crer”, das *provas* que o discurso consiga oferecer, nunca fora de suas estratégias de verificação, de suas marcas enunciativas e retóricas. (ARFUCH, 2010, p. 73)

É deste modo que Tostão escreve sua obra, na qual podemos observar uma grande liberdade de articulação entre os gêneros, não necessariamente delimitada exatamente a uma ou outra forma literária. O próprio autor de *Tempos vividos, sonhados e perdidos* recusa a classificação de seu livro como “autobiografia” (TOSTÃO, 2016, p. 9), mas é inegável que ele possui elementos claramente autobiográficos, embora talvez não de forma predominante. Fica evidente que o texto mescla elementos de dois modelos de gênero, alternando a hierarquia entre eles. Em certos momentos temos o discurso autobiográfico, que segue Tostão em suas jornadas pessoais e profissionais; em outros temos as reflexões de Tostão sobre o futebol jogado no Brasil, a partir do que foi registrado por sua memória.

Inferimos então que temos em nossas mãos um texto que se articula entre o discurso memorialístico e o discurso autobiográfico, valendo-nos das conceituações iniciais de Lejeune, com a ressalva de que nada impede que esses discursos se mesquem em uma mesma obra. Inclusive, é importante destacar que a articulação entre autobiografia e memória não é nenhuma novidade criada pelo ex-jogador, sendo inclusive usada por outro autor oriundo de Minas Gerais: Pedro Nava. Em um artigo sobre o memorialista de Juiz de Fora, o teórico Davi Arrigucci Jr. mostra como Nava inicia sua obra com um caráter estritamente autobiográfico e posteriormente envereda por outros assuntos que extrapolam sua história individual:

Nava começa por um discurso que promete ser fundamentalmente autobiográfico, mas logo se bifurca e desvia para perseguir rumos diversos, enlaçando a história íntima do indivíduo à história dos grupos com que ele se relaciona e fazendo do chão da memória o espaço mais amplo e complexo das relações sociais e históricas. (...) Ao tomar como fio de seu relato a genealogia de sua família, acaba realizando não apenas uma “exploração do tempo”, mas se dá conta de que sua gente “é o retrato da formação dos outros grupos familiares do país”, uma vez que tudo se acha “entranhado na história do Brasil”. (ARRIGUCCI JR., 1987, p. 76)

Embora Tostão nunca tenha planejado de fato um projeto estritamente autobiográfico, podemos traçar um paralelo entre as empreitadas de ambos os autores mineiros. Tanto um quanto o outro partem da experiência própria e individual para enveredar por algo exterior e maior que ela. Enquanto Nava parte de si para um tratamento do Brasil como um todo, Tostão realiza o mesmo processo para falar do futebol brasileiro e sua evolução, por meio daquilo que

viu, sentiu, participou, analisou e imaginou, seja como “garoto, adolescente, atleta profissional, médico, professor de medicina, comentarista de TV, colunista e cidadão” (TOSTÃO, 2016, p. 10).

O próprio título do livro de Tostão (*Tempos vividos, sonhados e perdidos*) reflete esse caráter de ambivalência, que repercute a humildade do autor e um esforço para recuperar as migalhas que sobreviveram ao tempo. Marcelino Silva, ao citar Arrigucci Jr., destaca que “o memorialismo é definido como uma tarefa paradoxal e impossível, que consiste em ‘reconstruir o passado a partir de lembranças fragmentárias’, ‘partindo de cacos em busca de um todo significativo’ e de uma ‘coerência perdida’” (ARRIGUCCI JR., 1987, p. 83-85 *apud* SILVA, 2024, p. 7-8). As memórias de Tostão refletem esse desejo de rememoração, de reconstrução de um mundo passado que não existe mais, por meio apenas dos vestígios que permaneceram. A expressão “tempos perdidos”, definidos como “momentos não vividos” e “soltos no tempo e no imaginário” (TOSTÃO, 2016, p. 9), mostra o peso daquilo que foi vivido por Tostão, que honestamente admite seus desconhecimentos e suas limitações, se esforçando em um trabalho (nem sempre bem-sucedido) de reconstruir esse edifício que ficou marcado no tempo:

Não nos lembramos de muitas coisas que estão em nossa memória, e o que recordamos nem sempre é um retrato exato dos fatos. Com frequência, esquecemos, reprimimos e sublimamos o que não queremos lembrar. A lembrança dos fatos não costuma ser a primeira imagem, a real. Às vezes, a verdade chega perto, mas foge de nossa consciência, como ocorre quando acordamos e tentamos lembrar do que sonhamos. Os fatos que esquecemos não desaparecem. Vão para debaixo do tapete da memória e podem voltar a qualquer momento, sem avisar, muitas vezes disfarçados, incompreendidos. (TOSTÃO, 2016, p. 9)

A instabilidade das recordações reconstituídas pela memória do autor fazem contraste com sua necessidade implícita de registrar suas lembranças no papel. O encontro de Tostão com a escrita memorialista não é algo simplesmente fortuito se pensarmos que suas reminiscências, pelo processo natural da vida, caminham para se perder na caminhada imparável do tempo. Aleida Assmann analisa a escrita como um meio pelo a qual a memória se eterniza, se mantém viva a partir de uma materialidade que se torna o suporte dessa memória. De acordo com a autora, o fato de a escrita servir ao mesmo tempo como suporte e eternização constituiria uma condição para considerá-la, ao mesmo tempo, “*medium* e metáfora da memória” (ASSMANN, 2021, p. 199). O ato de escrever memórias permite esse sentimento de eternização por meio do qual a recordação ganha uma carga de significação e relevância, para além da sua simples existência como lembrança que fugazmente se perde no decorrer dos anos.

Vale-se destacar que esse sentimento de eternização provocado pelo registro da memória não desqualifica a humildade de Tostão diante do ato de escrever. Pelo contrário, o ato de escrever memórias realça aquilo que se perde pela fragilidade da nossa memória, que tenta manter viva a reminiscência do que passou, mas nem sempre com sucesso. O ato de recordar por meio do papel destaca o fato de que esquecemos, e escrevemos porque sabemos que iremos esquecer, assim como Tostão admite na introdução ao seu livro. Nesse sentido o ato de escrever suas memórias está longe de ser uma atitude vaidosa. Na realidade, revela uma humildade frente à rápida opressão do tempo. Citando Assmann:

Escrita e livro são também o melhor relógio, pois registram ganho e não as perdas. Assim, a escrita vê-se inusitadamente excluída das condições normais de vaidade; ela guarda em si exatamente o que foi subtraído ao homem, do ponto de vista da decadência e transitoriedade: a chance de uma renovação produtiva do tempo. (ASSMANN, 2021, p. 205)

Escrever um texto memorialístico é registrar um tempo morto, registrar um universo passado que não existe mais. A rememoração desses eventos que já ocorreram não é um ato simplório; é um ato de reafirmação de uma vida vivida e é muito mais significativo vindo de alguém que já tem muitos anos de existência. Ecléa Bosi, em seu livro *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, ao reunir memórias de idosos da classe operária da cidade de São Paulo, realça esse aspecto da atividade memorialista. O velho é a figura que viveu muito mais do que irá viver, além de estar em um lugar marginalizado e rejeitado no corpo da sociedade industrial (BOSI, 2023, p. 79-80). Esse apontamento sobre a situação social do velho mostra como a eternização de sua vivência se torna relevante, fazendo do ato de rememoração uma atividade com a qual sua vida sobrevive às mazelas do tempo e sua memória se torna receptáculo do passado:

Em suma: para o adulto ativo, vida prática é vida prática, e memória é fuga, arte, lazer, contemplação. É o momento em que as águas se separam com maior nitidez. Bem outra seria a situação do velho, do homem que já viveu sua vida. Ao lembrar o passado ele não está descansando, por um instante, das lides cotidianas, não está se entregando fugitivamente às delícias do sonho: ele está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida. (BOSI, 2023, p. 65)

Assim, o passado é registrado, seja em momentos predominantemente autobiográficos ou memorialísticos. A possibilidade de articulação entre essas duas dimensões do passado abre uma porta por onde a memória foge da fragilidade onírica da mente para adentrar na escrita,

onde ela pode se tornar objeto de reflexões sobre si ou sobre o mundo, ou sobre ambos, de forma alternada ou articulada.

Essa hibridez de discursos não é nada incomum no mundo esportivo. Pelo contrário, existe uma profusão de livros e textos sobre jogadores e outras figuras ligadas ao futebol no Brasil. Marcelino Silva (2016), em um texto no qual discute a biografia de Guará, jogador histórico do Atlético Mineiro nos anos 1930, mostra como um texto narrativo sobre a vida de alguém é suscetível a uma maleabilidade de gêneros e construções imaginativas nos espaços deixados pela memória:

A biografia do homem comum, em especial, nos lembra também que qualquer narrativa é um saber parcial, lacunar e incompleto, uma enunciação inseparável de um ponto de vista local e de um teor ficcional inevitavelmente ligado a esse ponto de vista, ou seja, de suas formas específicas de conhecer e imaginar o real. Desse modo, a discussão dos historiadores se aproxima das reflexões contemporâneas, no campo dos estudos literários, sobre os textos do chamado “espaço biográfico”, constituído pelos diversos gêneros dedicados a narrativas de vidas de pessoas reais, como o diário, a correspondência, a biografia e a autobiografia. Uma discussão que é fortemente marcada pelo questionamento da representação, pela afirmação do papel da linguagem e da cultura na constituição do sujeito e de suas visões de mundo e pelo atravessamento das fronteiras entre os gêneros e categorias fixas. (SILVA. 2016, p. 165-166)

Elcio Cornelsen (2020), em um estudo intitulado “Memória e futebol no Brasil”, em que analisa biografias e autobiografias de jogadores brasileiros, destaca em sua conclusão que as autobiografias (tal como as biografias) constituem um “gênero híbrido”, no qual os “autores necessitam apelar para a imaginação diante do caráter lacunar de seus documentos e dos lapsos temporais, para entretecer seus textos” (CORNELSEN, 2020, p. 154). É a partir de um trabalho criativo que o autor relaciona os laços perdidos do passado que são recuperados pela memória e constituem textos que frequentemente não cabem estritamente em categorizações como “autobiografia” ou “memória”, se estabelecendo em campos híbridos, para muito além de simples e estritas convenções.

1.3 - Tostão entre a autobiografia e a memória

O método que Tostão emprega na elaboração de seu livro passa por dividi-lo em três momentos com aproximadamente 20 anos de duração, distinguindo-os por apresentarem situações diversas tanto da trajetória pessoal quanto do esporte que o acompanhou de diferentes modos por todos esses anos. Embora o autor afirme que tenha feito essa divisão por “exagero didático” (TOSTÃO, 2016, p. 10), veremos que na verdade esses três momentos refletem

mudanças verdadeiramente drásticas na vida do autor e no próprio futebol de seu país e do resto do mundo.

Os momentos são chamados de “encantamento”, “*intermezzo*” e “conciliação”. Cada uma dessas fases abarca a vida de Tostão exercendo uma atividade profissional diferente. Na primeira ele atua como jogador, na segunda como médico e professor de medicina e na terceira e última como jornalista esportivo e colunista. A perspectiva autobiográfica que permeia todo o livro se articula com o discurso memorialístico sobre o futebol, mais especificamente o futebol brasileiro. Veremos como, em cada um desses períodos, o futebol é praticado de acordo com um estilo predominante e diferente dos demais, influenciando as vitórias e derrotas de equipes do Brasil e do mundo. Cada fase descrita pelo autor articula, a partir de um olhar autobiográfico, perspectivas memorialísticas sobre o futebol. De uma forma que flerta com a coincidência, os discursos autobiográfico e memorial se acompanham, o que fica evidente quando percebe-se que os estilos de futebol analisados pelo autor mudam aproximadamente ao mesmo tempo em que ocorre uma mudança drástica na própria vida do autor. A partir dessa perspectiva, fica claro que o autor organiza um texto híbrido, constituído por momentos autobiográficos, nos quais sua própria vida é posta em questão, em conjunto com momentos explicitamente memorialísticos, nos quais a análise esportiva é o foco principal.

Em todos os momentos de seu texto, Tostão evita se restringir a um registro que seja apenas autobiográfico ou apenas memorialístico, mas procura um encontro, priorizando o modo como sua vida e suas perspectivas estimularam e influenciaram suas concepções esportivas. É neste sentido que o futebol, em sua visão, é tão próximo da vida e da literatura. Não é casual, portanto, sua valorização do trabalho do icônico cronista Nelson Rodrigues, que afirma que “a mais sórdida pelada é de uma complexidade shakespeariana”, e que “em futebol, o pior cego é o que só vê a bola” (RODRIGUES, 1998, p. 103). Uma análise puramente fria do jogo de futebol não faria justiça à subjetividade que Rodrigues pregou para a crônica esportiva, e talvez isto explique a hibridez do texto do autor mineiro. Podemos supor que Tostão busca ser reto e verdadeiro, porém sem perder a magia e a paixão que o futebol proporciona, e assim falar do futebol a partir de seu ponto de vista, de seu olhar e de suas vivências.

Percebemos esta concepção na escrita de Tostão já no início de sua narrativa, a partir do “encantamento”³ que dá nome ao primeiro capítulo do livro, no qual ele narra desde os primórdios do futebol até o final da infância do autor, em uma Belo Horizonte que ouvia pelo

³ Observe-se que o primeiro capítulo, intitulado “Encantamento”, refere-se a apenas uma parte do período mais extenso a que ele chama de período de encantamento, em seu livro.

rádio seus craques na Suécia disputando a primeira Copa do Mundo que seria vencida pelo Brasil:

No dia 29 de junho de 1958, com onze anos de idade, eu estava no bar do conjunto habitacional onde morava, o IAPI, no bairro Lagoinha, em Belo Horizonte, espremido no meio de uma multidão para escutar pelo rádio a grande final entre Brasil e Suécia. Eu era o único garoto. Daí, por ser muito pequeno, sempre o menor da turma, nasceu o apelido Tostão – na época, um tostão era a menor parte da moeda, equivalente a um centavo. (TOSTÃO, 2016, p. 14)

A trajetória do pequeno garoto se mistura com a história dos campeões do mundo. Ao mesmo tempo em que fala de si, Tostão fala do futebol ao seu redor e de seus primeiros heróis, como Pelé, Garrincha, Didi e Nilton Santos, campeões mundiais de 1958 e que repetiriam o feito no Chile em 1962 (TOSTÃO, 2016, p. 14-15). É dessa articulação entre os discursos que nascem as análises mais apuradas de Tostão. Como, por exemplo, quando, ainda na fase de “encantamento”, ele fala da diferença entre o craque e a aquele que não é um craque. O uso do contraste entre Nilton Santos, a “Enciclopédia do Futebol”, e seu irmão Nilson surge de uma partida entre Botafogo e Atlético Mineiro, que o autor assistiu ao lado do pai no Estádio Independência (TOSTÃO, 2016, p. 17). Tostão aprende com seu pai que o jogador comum pode parecer um craque e enganar o espectador por algum tempo, mas a realidade acaba sempre se revelando no campo: o craque é um craque, e o resto não. A percepção do estatuto especial do craque no mundo do futebol só surge para o autor neste momento específico de sua vida, no qual a vivência pessoal e a aprendizagem sobre futebol inicialmente se misturam. Tostão vive aprendendo sobre futebol, seus contextos e trajetórias estão intimamente ligados ao esporte já em seus primeiros anos de vida, aproximação que acentua-se nos anos seguintes.

Essa articulação entre a vida de Tostão e o futebol fica ainda mais evidente quando os dois se unem definitivamente, no início dos anos 1960, momento em que ele disputa e vence o Campeonato Juvenil Mineiro duas vezes, pelo América-MG (TOSTÃO, 2016, p. 21). Com a sua posterior venda ao Cruzeiro, Tostão caminha para se tornar um jogador profissional de sucesso, e o futebol se torna parte essencial de sua vida, seu sustento. A partir desse momento, os discursos sobre si e sobre o futebol brasileiro se misturam de modo quase indissociável, tendo em vista o fato de Tostão ter sido um dos principais personagens do futebol mundial de meados dos anos 1960 ao início dos anos 1970, até quando vai o período do “encantamento”. Como o futebol era seu “ganha-pão” e seu “dia-a-dia”, tudo que vivia era inteiramente assimilado ao meio do futebol. Portanto, Tostão não era um observador das partidas, mas um personagem envolvido nos acontecimentos. Por isso, temos aí um momento do texto em que o

discurso se torna mais passional e menos analítico, tendo em vista que o autor narra os eventos não como um frio analista das táticas esportivas (postura aproximada na terceira fase), mas como alguém que viveu e sentiu tudo aquilo “à flor da pele”, com fortes sentimentos, altos e baixos, alegrias e decepções.

A vitoriosa carreira de Tostão no Cruzeiro rendeu ao clube o título brasileiro de 1966 (além de outros cinco títulos estaduais) e ao jogador uma convocação para a seleção brasileira que disputaria a Copa do Mundo na Inglaterra. Foram experiências contrárias pelo lado sentimental do autor, já que mesmo ele tendo uma boa atuação no mundial, a seleção acabou sendo eliminada, prematuramente e com péssimo desempenho, logo na primeira fase da competição. A volta para o Brasil foi triste, embora Tostão tenha sido tratado como herói em Minas Gerais, devido à representação do estado no escrete nacional (TOSTÃO, 2016, p. 32-35). Embora ele tenha tido um relativo fracasso inicial com a seleção brasileira, no time da Toca da Raposa a situação foi diferente. No mesmo ano do péssimo Mundial brasileiro, o time celeste venceu epicamente a Taça Brasil, goleando o Santos de Pelé por 6 a 2 no Mineirão e vencendo no Pacaembu por 3 a 2. Tostão realça que, mesmo com a vitória esmagadora, o episódio lhe rendeu um sentimento de falsidade, devido a uma situação com um fotógrafo no vestiário após a conquista, que fez uma foto que posteriormente renderia comparações com Pelé:

No vestiário do Pacaembu, logo após o título conquistado pelo Cruzeiro diante do Santos, um fotógrafo, no meio da festa, colocou uma coroa de papel em minha cabeça e bateu a foto. No outro dia, estava na primeira página do jornal: “Tostão, o novo rei”. Senti-me como um usurpador do trono, um picareta. Na época, começaram a me comparar com Pelé. Ficava incomodado. Dizia que, no máximo – o que já era um grande exagero –, eu imaginava as mesmas coisas que Pelé, só com a diferença de que ele as executava, por ter muito mais técnica, mais velocidade e mais força física. (TOSTÃO, 2016, p. 37)

Em seguida, Tostão dedica muitas páginas a sua preparação e participação na delegação brasileira para a Copa do Mundo no México em 1970. Tratando dos métodos contrários de João Saldanha e de Mário Zagallo como técnicos da seleção, o autor também nos apresenta àquilo que o afastaria dos gramados poucos anos depois: o deslocamento na retina do olho esquerdo (TOSTÃO, 2016, p. 45-46). O contraste entre um Saldanha “humanista” e um Zagallo “estrategista” perpassa a própria luta de Tostão pela saúde ocular e pela tão desejada vaga na seleção que disputaria a Copa. Depois de falar do imbróglio que envolveria a política nacional (em época de ditadura civil-militar) e da troca de Saldanha por Zagallo no comando da “amarelinha”, o autor reflete sobre suas dúvidas em relação à sua posição no time e as dificuldades que poderia enfrentar na Copa (TOSTÃO, 2016, p. 56). O autor revela que, por

um lado, com Saldanha teve medo de ficar de fora da escalção por sua condição médica ocular; e, por outro, com Zagallo teve medo de perder sua oportunidade no Mundial por opção técnica do novo comandante, que talvez preferisse deixar Tostão no banco de reservas. Aqui os medos do autor se relacionam com o futebol. Seus sentimentos e angústias pessoais se entrelaçam profundamente, e de forma indissociável, ao esporte e ao seu próprio lugar nele. A preocupação de Tostão se direciona intimamente com sua posição e sua condição de jogar o mundial, e assim vida e futebol se unem.

Apesar das dificuldades, o Brasil venceu a Copa com grandes atuações individuais e coletivas. Tostão descreve emocionado as partidas e suas participações nas vitórias brasileiras, sempre se dedicando a dar detalhes táticos e psicológicos que pôde identificar no eventos do Mundial. Desde as necessidades de superação individual de cada atleta naquele campeonato (TOSTÃO, 2016, p. 59) até a felicidade de dormir abraçado no travesseiro e sonhar com a casa e a família no dia seguinte à vitória de 4 a 1 sobre a Itália na final da Copa (TOSTÃO, 2016, p. 70), o autor apresenta uma trajetória de “encantamento”, seja na sua trajetória, seja no futebol jogado pelo Brasil. Para Tostão, essa época foi marcada por um “encantar”, um “maravilhar-se” com o mundo do futebol, tanto pela qualidade das partidas e equipes daquele período quanto por na sua vitoriosa carreira esportiva.

O segundo momento do livro, chamado de “*Intermezzo*”⁴, inicia-se logo após o fim da carreira de atleta de Tostão. Depois de uma conturbada saída do Cruzeiro e posterior transferência ao Vasco da Gama, o jogador não conseguiu se recuperar dos problemas no olho e acabou se aposentando prematuramente, aos 26 anos. Mesmo com boas lembranças de São Januário e do bairro de São Cristovão, onde fica a sede do clube carioca, Tostão saiu decepcionado com os dirigentes vascaínos e voltou a Belo Horizonte no mesmo ano (1973), para estudar para o vestibular em medicina da UFMG, buscando o sonho antigo de possuir uma formação profissional liberal. Realizou o curso entre 1975 e 1981 e considerou seu fim de carreira como jogador profissional e início da carreira de médico como uma “perda”, mas também como um “renascimento” (TOSTÃO, 2016, p. 84-86). Ao mesmo tempo em que perde sua íntima ligação com esporte, característica da primeira fase do livro, o autor renasce em um outro âmbito: o da medicina e seus conhecimentos. Morre Tostão, craque do Cruzeiro e da seleção brasileira, e nasce o Dr. Eduardo, que irá usar seus conhecimentos e habilidades não

⁴ A expressão para designar esse período do futebol brasileiro é emprestada de José Miguel Wisnik, em seu livro *Veneno Remédio* (cf. WISNIK, 2023, p. 321-349).

para driblar e fazer belos gols, como em outros tempos, mas agora para curar os enfermos e ajudar o próximo.

Durante esse período que engloba seu afastamento da carreira de atleta, os estudos de medicina e o exercício da profissão de médico, Tostão viveu afastado do mundo futebolístico nacional. O ex-craque da seleção brasileira acabou se tornando um esporádico espectador de partidas que o interessavam. Teve, inclusive, que rever posteriormente algumas partidas para a análise que futuramente faria dessa época, tendo em vista que via os jogos ao vivo apenas como um simplório torcedor, sem a profundidade analítica que mais tarde se tornaria necessária na carreira de jornalista esportivo:

No período entre 1974 e 1994, afastei-me do esporte e dediquei-me à medicina. Trabalhei e estudei muito e não tinha tempo para acompanhar de perto o futebol, a não ser os principais jogos, como os da Copa. Nas folgas do trabalho médico, estava com a família. Por isso, durante os últimos vinte anos, como comentarista de televisão e colunista esportivo, tive de ler bastante, pesquisar e conversar com muitas pessoas que viveram intensamente o futebol daquele período, a fim de entendê-lo melhor. Continuo com muitas dúvidas. Assistir anos mais tarde às partidas do passado, como fiz, é diferente de vê-las na época em que foram realizadas. (TOSTÃO, 2016, p. 89)

Em geral, Tostão considera esse período como uma fase de baixa qualidade técnica do futebol, apesar de grandes jogadores como Zico do Flamengo e Reinaldo do Atlético Mineiro (TOSTÃO, 2016, p. 92-95). Durante a preparação para o vestibular e o próprio curso de medicina, o autor acompanhou a seleção de 1974, que foi eliminada pelo “carrossel holandês” de Johann Cruyff, último grande time da primeira fase; e a de 1978, que foi eliminada de forma invicta na Copa do Mundo disputada na Argentina, que assistiu de casa.

Uma exceção nesse período de pouca qualidade técnica no futebol foi o Brasil da Copa do Mundo de 1982, com craques como Sócrates, Éder e Falcão, sob o comando de Telê Santana. Tostão precisou mudar seus horários de plantão médico para assistir aos jogos dessa seleção. O ápice daquele Mundial foi a partida apelidada de “Tragédia do Sarriá”, na qual os brasileiros sucumbiram diante da Itália do artilheiro Paolo Rossi. Para o autor essa foi a contestação do lugar comum de que a história é sempre contada por vencedores, já que o esquadrão de 82 perdeu mas entrou para a história (TOSTÃO, 2016, p. 94), pois foi uma seleção que jogou muito bem e de forma espetacular, deslumbrado o mundo por seu futebol, embora tenha saído derrotada.

A Copa seguinte foi a de 1986, disputada no México. O autor neste momento demonstra pouco envolvimento pessoal e descritivo com a competição, dedicando a ela apenas duas páginas de seu texto. A seleção brasileira, mesmo com alguns craques como Zico e

Sócrates e o grande técnico Telê, não conseguiu ir adiante na competição e foi eliminada nos pênaltis pela França de Michel Platini. Apesar do fracasso brasileiro, Tostão disserta sobre a grande sensação dessa Copa: Diego Armando Maradona. Para Tostão, o camisa 10 argentino era um *showman* e foi o autor do gol mais bonito de todas as Copas, o segundo nas quartas-de-final contra a Inglaterra (TOSTÃO, 2016, p. 96-97).

A última Copa de que Tostão se recorda, nesse período de “*intermezzo*” é a Copa da Itália de 1990. Seguindo a linha do Mundial anterior, o autor afirma que esta foi outra competição tecnicamente ruim. Mas, diferentemente de 1986, vemos uma aproximação maior do ex-jogador com a Copa de 1990, certamente por tê-la presenciado (parcialmente) *in loco*:

Na Copa de 1990, disputada na Itália, recebi um convite tentador e aceitei. Vi, no Brasil, os três primeiros jogos da fase de classificação. Depois, tirei férias do trabalho e viajei para lá, onde me hospedei em um navio de turistas e torcedores, ancorado em Gênova. Fui com minha esposa e meu filho, que tinha doze anos. Minha filha não pôde ir, por causa de provas no colégio. Chegamos a Gênova e, no outro dia, fomos de ônibus até Turim, para ver Brasil e Argentina. Uma grande decepção, apesar de o Brasil ter sido muito superior. A seleção brasileira, dirigida por Lazaroni, jogou pela primeira vez com três zagueiros e dois alas. O jovem Romário, que na época atuava no PSV, da Holanda, já despontava como um fenômeno, mas se contundiu e não pôde jogar. Maradona, em um lance genial, driblou dois marcadores e tocou para Caniggia fazer o gol da vitória. Meu filho, no estádio, chorou copiosamente. (TOSTÃO, 2016, p. 98)

A Copa de 1990 foi a última do período que abarcou a carreira de Tostão como estudante, médico e professor de medicina. O abandono da carreira na área médica e o retorno ao mundo do futebol ocorreria às vésperas da Copa do Mundo dos Estados Unidos, em 1994, após um tentador convite do jornalista Luciano do Valle para participar de um programa de debates na TV Bandeirantes (TOSTÃO, 2016, p. 103). Neste momento se iniciou um período chamado pelo autor de “conciliação”, por entender que nessa época predominou uma tentativa de conciliar os estilos de futebol presentes nos dois períodos anteriores (TOSTÃO, 2016, p. 113). Uma conciliação que também repercute na vida do autor, que volta ao futebol, não mais como jogador, mas agora na posição de jornalista esportivo, mantendo-se portanto próximo e distante dos gramados (o que remete à sua afirmação no final do livro, de que quer estar ao mesmo tempo “longe e perto de tudo”; cf. TOSTÃO, 2016, p. 194).

Tostão acabou aceitando o convite e foi para Dallas, acompanhar a Copa pelo estúdio. Observa-se, nesse momento, que o texto de Tostão se torna mais analítico, tendo em vista que começa também o seu trabalho como jornalista esportivo, e com isso o autor se dedica mais aos detalhes técnicos do que nas décadas anteriores. Apesar de a seleção ter conquistado o sonhado tetracampeonato, nos pênaltis, na final contra a Itália de Roberto Baggio, 24 anos depois da

última conquista, o autor nos conta que o time foi bastante criticado, por adotar um “estilo europeu” de futebol e por ter apenas um supercraque: Romário (TOSTÃO, 2016, p. 106-107). Apesar das dificuldades com as câmeras e do desejo de se tornar professor da UFMG, Tostão acabou abandonando a medicina para voltar ao futebol, agora como jornalista, definitivamente em 1997 (TOSTÃO, 2016, p. 110-111).

No período posterior ao tetracampeonato, Tostão trocou algumas vezes de emissora e de jornal, mas acabou cobrindo toda a preparação e os jogos da seleção na Copa do Mundo da França, em 1998. Tostão lamenta a preparação organizada por Zagallo, que tentou repetir o que deu certo em 1970, porém em uma outra época, com outro futebol. O Brasil acabou chegando à final, mas foi derrotado por 3 a 0 para a anfitriã, que contou com o craque Zidane e seus dois raríssimos gols de cabeça (TOSTÃO, 2016, p. 118-121). O autor encerra o capítulo relembrando a crise de Ronaldo antes da partida final, refletindo sobre o mistério do que de fato teria acontecido com o centroavante brasileiro. Teria sido uma convulsão ou um “piti”? Nada é cravado, permanece o mistério (TOSTÃO, 2016, p. 122-123). Nesse último momento do texto, são frequentes as análises mais detalhadas e distanciadas dos eventos, sobressaindo-se a face analítica própria de um jornalista esportivo que, no entanto, mesmo conhecendo bem o ambiente e o jogo, admite que algumas coisas pertencem ao campo do “mistério”.

Em um dos capítulos dessa parte do livro, intitulado “A volta por cima”, o tema é a preparação e a realização da campanha brasileira na Copa do Mundo de 2002, disputada na Coreia do Sul e no Japão. Tostão, que abandonaria a televisão para se dedicar apenas a mídia escrita, cobriu a competição pela *Folha de S. Paulo*. Apesar de considerar a Copa de 2002 mais um Mundial “sem grande empolgação técnica” (TOSTÃO, 2016, p. 133), o autor conferiu ao vivo o Brasil vencer a Alemanha de Oliver Kahn por 2 a 0, com grande atuação do camisa nove, Ronaldo. O mais interessante de se destacar neste momento é um trecho que Tostão transcreve de uma crônica de sua própria autoria, publicada na *Folha de S. Paulo* do dia 30 de Julho de 2002. A crônica retrata a emoção de Tostão com o pentacampeonato e faz uma articulação entre os três momentos de sua própria vida (jogador, médico/torcedor e jornalista esportivo), reproduzindo a lógica que governa o livro que analisamos nesta dissertação. Destacando a diferença de sua experiência nesses três momentos: no primeiro, ele vive as emoções do jogador que, em seus trajes, joga e experimenta a glória da vitória ou a melancolia da derrota; no segundo, sua perspectiva é a do torcedor que gratuitamente sente as emoções dos eventos em campo; e, finalmente, no terceiro, seu lugar é o do jornalista que precisa encarar tudo que ocorre com seriedade e frieza analítica. O trecho coloca esses três momentos juntos, ligados à emoção única causada pela vitória máxima do futebol:

Hoje, queria ser apenas um torcedor. Ter vindo caminhando até o estádio, vestido com uma camisa amarela. Dançando, cantando e enrolado numa bandeira brasileira. Queria ter assistido ao jogo no meio da galera. Gritando, sambando e aplaudindo os jogadores do início ao fim. Queria ser Tostão apenas por alguns momentos, para estar lá embaixo, de calção, chuteira, e reviver a glória de ser campeão do mundo. Mas hoje não sou apenas um torcedor, nem ex-jogador. Sou um colunista, metido a entender de futebol, com a obrigação de opinar e relatar os fatos. O pensamento e os meus desejos não podem ser onipotentes. Há uma realidade. Nesse momento, liberto-me um pouco desse peso de observador para vibrar com o título. Ronaldo não fez um gol driblando os zagueiros e o goleiro como eu sonhara e escrevera na véspera do jogo, mas fez dois gols. O segundo, espetacular. Rivaldo abriu as pernas, e Ronaldo, com talento, técnica e genialidade, finalizou de curva, no canto. Ronaldo sonhou durante quatro anos com esse momento, após o episódio da final de 1998. Foi a vitória não somente do craque, mas também do homem. (TOSTÃO, 2016, p. 133 - 134)

Depois da emoção do pentacampeonato, Tostão disserta sobre os fracassos brasileiros nas Copas seguintes. Em 2006 e 2010, ele viajou junto à equipe da *Folha de S. Paulo* para cobrir as partidas e acompanhou as derrotas para a França e Holanda, respectivamente. Além disso são analisados minuciosamente eventos como a cabeçada de Zidane em Materazzi, na final de 2006, na qual a Itália foi campeã, e a inédita vitória espanhola em 2010.

Na Copa do Mundo seguinte, Tostão não precisou viajar para lugar nenhum, já que o campeonato foi disputado no Brasil. O autor acompanhou todos os jogos e escreveu todos os dias direto de sua casa, em Belo Horizonte (TOSTÃO, 2016, p. 159). Apesar das vantagens e desvantagens que ele afirma possuir por esse “fator casa” (cf. TOSTÃO, 2016, p. 159-160), o autor provavelmente usou sua posição privilegiada para assistir a várias análises e de vários ângulos e realizar uma longa abordagem analítica sobre o desastre brasileiro na semifinal do mundial, quando a seleção foi derrotada pela Alemanha, na inesquecível goleada por 7 a 1 (cf. TOSTÃO, 2016, p. 167-188). A análise de Tostão passa por sua visão do jogo pela televisão, com seus múltiplos ângulos e perspectivas, seja no campo de jogo ou por meio das análises de diversos comentaristas. A partir de tudo que viu e ouviu, Tostão reconstrói o 7x1 e tenta explicá-lo, indo além da ideia do “mero acaso” do apagão geral, mas como algo que de fato pode ser explicado pela lógica (em contraste com o mistério do “piti” de Ronaldo em 1998), em função de tudo o que vinha acontecendo no futebol brasileiro e mundial naqueles últimos anos.

O encerramento do livro também é digno de nota porque, apesar da tonalidade ao mesmo tempo melancólica e esperançosa, recordando o desastre brasileiro na Copa de 2014, Tostão exalta a memória, reflete sobre suas dualidades internas e relaciona novamente sua vida com o futebol:

A memória é o elo entre o passado e o presente, entre o corpo e a alma. Tenho ainda alguns sonhos, distintos dos que vivi. Receio que o futuro não chegue a tempo. Gosto do silêncio, do meu canto, de estar próximo das pessoas que amo e também de descobrir o mundo. Quero estar longe e perto de tudo. A vida e o futebol continuam. (TOSTÃO, 2016, p. 194)

Como podemos ver, nesta recapitulação, Tostão articula os gêneros autobiografia e memória para traçar um paralelo entre sua vida e a história do futebol. Ao longo de todo o texto, ele mostra como sua vida tem acompanhado o futebol, e vice-versa. Por meio dessa articulação, o autor confere ao esporte uma carga de significação que extrapola seu simples significado esportivo, ou mesmo sua dimensão de negócio e espetáculo de massas, conectando-o a diferentes aspectos de sua vida e fazendo dele um campo para reflexões sobre temas diversos, que vão desde questões psicológicas e existenciais até questões políticas relacionadas à história brasileira. O modo como ele constrói essas reverberações de sentido, propiciadas por essa escrita que funde a vida pessoal com o futebol e sua história, será o objeto de nossa análise, nos próximos capítulos desta dissertação.

2 - O FUTEBOL COMO LINGUAGEM E ARTE NAS MEMÓRIAS DE TOSTÃO

2.1 - Futebol e linguagem

O Brasil e a sociedade brasileira demonstram como o futebol pode adquirir uma carga simbólica e significativa altíssima, envolvendo a participação dos mais diversos estratos sociais. Não é incomum, aliás, constatar a presença de pessoas de todas as classes econômicas em um estádio durante uma partida de um time popular. O futebol não moveria tantos sentimentos se não fosse capaz de acionar uma ampla rede de significações, estimulando diversas emoções, tanto em quem o pratica quanto em quem o assiste, e dando origem a uma efusiva produção discursiva sobre ele, sendo o texto de Tostão um exemplo disso.

Para entendermos o futebol como um sistema significativo, é necessário colocar em foco a concepção de jogo, e como esse conceito foi trabalhado como um fator essencial para se pensar o processo de produção de sentido em que este esporte está envolvido em nossa sociedade. Em 1938, o historiador holandês Johan Huizinga publica *Homo Ludens*, livro que trata do jogo como elemento da cultura através da história da humanidade. Nessa obra é destacado como os jogos derivam dos antigos rituais primitivos, definidos como “espetáculo” ou “representação dramática” (HUIZINGA, 2020, p. 18), em que “a humanidade arcaica ‘joga’, representa a ordem da natureza tal como ela está impressa em sua consciência” (FROBENIUS, 1932 *apud* HUIZINGA, 2020, p. 19).

Porém, para Huizinga, o ritual primitivo, embora seja um precursor dos esportes modernos, tem algo em comum com o jogo infantil ou animal, e não pode ser considerado de maneira simplista como somente uma expressão de um “emoção cósmica”, desconsiderando o valor lúdico em sua essência (HUIZINGA, 2020, p. 20-21). Fica evidente uma necessidade de levar em conta a transição do “ritual” para o “jogo”, uma evolução conceitual que o holandês encontra exatamente na linguagem, mais especificamente no fazer poético:

Diríamos, então que, na sociedade primitiva, verifica-se a presença do jogo, tal como nas crianças e nos animais, e que, desde a origem, nele se verificam todas as características lúdicas: ordem, tensão, movimento, mudança, solenidade, ritmo, entusiasmo. Só numa fase posterior da sociedade, e de modo sério, o jogo se encontrará associado à expressão de alguma coisa, nomeadamente aquilo a que podemos chamar de “vida” ou “natureza”. O que era jogo desprovido de expressão verbal adquire agora uma forma poética. (HUIZINGA, 2020, p. 21)

O jogo se torna significativo, adquirindo uma “forma poética” nas sociedades posteriores à primitiva, se tornando “expressão de alguma coisa”. Se entendermos o futebol como um

“esporte”, uma competição “em habilidade, força e perseverança” e ao mesmo tempo um jogo moderno regido por um sistema de regras (possuindo, portanto, uma “forma poética”), percebemos que ele pode ser considerado como algo dotado de significado (HUIZINGA, 2020, p. 256-257). E, como as “formas básicas das competições esportivas se mantiveram constantes temporalmente”, resultando na criação e existência de clubes profissionais e competições organizadas (HUIZINGA, 2020, p. 256-257), fica claro que o futebol se manteve não apenas como significante, mas também como algo que se popularizou e cresceu junto com suas possibilidades “poéticas” herdadas dos antigos “rituais”, mantendo também o fator lúdico dos jogos primitivos.

Esta via de pensamento que relaciona o conceito de jogo com o ritual ressoa também o pensamento do antropólogo francês Claude Lévi-Strauss, em seu livro *O pensamento selvagem*, de 1962. Nesse livro, o antropólogo trata rapidamente da questão do jogo, afirmando que ele possui uma ligação específica com o rito, pois ambos são “jogados”, embora com finalidades diferentes. O jogo seria “disjuntivo” enquanto o rito seria “conjuntivo”; ou seja, o primeiro parte de um equilíbrio inicial em direção a um desequilíbrio final, enquanto o segundo parte de uma situação de desequilíbrio para encontrar um equilíbrio final (LÉVI-STRAUSS, 2021, p. 47-51). Os ritos trabalhados por Lévi-Strauss sempre buscam um equilíbrio a partir de uma dessimetria anteriormente estipulada, enquanto o resultado final de um jogo é geralmente a separação dos jogadores entre vitoriosos e derrotados, vencedores e vencidos (cf. DELEUZE, 2009, p. 61-63).

É devido a este constraste que José Miguel Wisnik, em seu livro *Veneno Remédio* de 2007, afirma que os futebol moderno e as modalidades pré-modernas de jogos com bola são praticados com o emprego de lógicas diferentes, e que a formalização do *football association* na Inglaterra “separou o jogo do rito” (WISNIK, 2023, p. 75). Para o autor, o que mantém uma ligação entre eles seria essencialmente essa carga simbólica que ambos possuem, que levaria do “soule” medieval (cf. WISNIK, 2023, p. 76-87) até a criação das regras inglesas na segunda metade do século XIX. As possibilidades significantes do futebol seriam, então, uma herança dos ritos antigos, com uma lógica diferente daqueles, mas mantendo o que Huizinga definiu como “uma luta *por* alguma coisa ou a representação *de* alguma coisa” (HUIZINGA, 2020, p. 16), que é exatamente essa carga simbólica que “jogo” e “rito” compartilham.

Seguindo uma linha de pensamento similar a essas reflexões sobre as relações entre o rito e o futebol, podemos citar a análise semiológica que o francês Roland Barthes faz do “catch” em seu livro *Mitologias*. O catch pode ser definido como “uma espécie de luta-livre caricaturada, de caráter circense, realizada em ‘salas de segunda classe’ e frequentada por uma

platéia de origem popular” (SILVA, 1997, p. 22). Barthes analisa o catch como uma espécie de espetáculo, um evento dotado de carga simbólica, no qual “as nuances mais sociais da paixão (...) encontram sempre, e felizmente, o signo mais claro que as possa recolher, exprimir, e levar triunfalmente até os confins da sala” (BARTHES, 1982, p. 14).

Embora o catch seja “falseado”, pelo fato de possuir um enredo que não é submetido ao sistema de um jogo, podemos afirmar que ele é uma “teatralização do jogo” (SILVA, 1997, p. 23), uma mistura da luta tradicional (que isolada em suas regras seria um jogo) e o caráter de espetáculo teatral, que muito tem a ver com o mito e sua transfiguração simbólica, elevando simples homens a ícones que despertam variadas emoções no público:

Quando o herói ou o vilão do drama, o homem que há minutos se vira possuído de um furor moral, desenvolvido até à dimensão de uma espécie de signo metafísico, sai da sala de catch, impassível, anônimo, levando na mão uma pequena mala e de braço dado com a mulher, ninguém pode duvidar de que o catch contém o poder de transmutação que é próprio do Espetáculo e do Culto. No ringue, e no mais profundo de sua ignomínia voluntária, os lutadores são deuses, porque são durante alguns instantes a chave que abre a Natureza, o gesto puro que separa o Bem e o Mal e desvenda a figura de uma Justiça enfim inteligível. (BARTHES, 1982, p. 20)

A transfiguração que os lutadores de catch sofrem durante a luta teatralizada, despertando paixões (seja para que lado for), lembra muito a situação dos jogadores de futebol, que nos campos se metamorfoseiam em semi-deuses, despertando a mais efusiva alegria, a mais melancólica tristeza ou o mais inflamado ódio no público que se envolve ativamente no jogo. O jogo, transformado em espetáculo, se torna um “discurso” dirigido ao público, que rapidamente se envolve com seus signos e a eles responde emocionalmente (SILVA, 1997, p. 25)

Neste contexto, podemos traçar um paralelo entre o que Barthes afirma, quando diz que “o que se oferece ao público é o grande espetáculo da Dor, da Derrota, e da Justiça” (BARTHES, 1982, p. 15), e a observação de Wisnik, de que o futebol, “pela singularidade de sua formação, abre-se, mais que os demais esportes, a uma margem narrativa que admite o épico, o dramático, o trágico, o lírico, o cômico, o paródico” (WISNIK, 2023, p. 19). Por meio deste paralelo, podemos entender como o futebol possui uma relação íntima com o catch, no que diz respeito ao caráter de espetáculo dotado da possibilidade de significação que ambos possuem. O que quer dizer que ambos permitem um amplo leque de sentidos para os acontecimentos testemunhados em seus respectivos palcos, sejam eventos falseados como acontece no catch, seja eles realmente “jogados” em busca de uma vitória, como ocorre no futebol.

Tendo em vista as já citadas possibilidades simbólicas do futebol, vale destacar dois estudos sobre tal esporte que expandem suas definições e estreitam sua relação com a linguagem. O primeiro se trata do texto “O futebol no Brasil”, do alemão Anatol Rosenfeld. Obra pioneira, que possui grande valor por enxergar o futebol como um fenômeno de “catarse de massas”, no qual sujeitos que estão à margem da sociedade podem conquistar uma ascensão econômica, social e simbólica (ROSENFELD, 1993, p. 104-105). O jogador se torna símbolo e figura essencial desse processo catártico das massas populares, que se identificam com seus ídolos e se vêem representadas no campo do jogo.

Assim, esse processo representativo que, a partir do popular, nos mostra a “valência estética do futebol”, se torna, de acordo com Rosenfeld, uma “expressão *simbólica* de energias primitivas, até destruidoras: é sua representação organizada” (ROSENFELD, 1993, p. 105). O futebol e seus agentes se tornam figuras representativas de toda uma gama de significados enraizados na sociedade brasileira e sua história. As lutas entre classes periféricas e classes privilegiadas são representadas dentro do palco que chamamos de campo, onde sentimentos são sublimados em uma verdadeira catarse do povo brasileiro.

A questão do campo de jogo como “palco” ressoa no pensamento do antropólogo Roberto Damatta, em um artigo intitulado “Futebol: ópio do povo x drama de justiça social”. Nesse texto, o esporte mais popular do Brasil é definido como uma “dramatização” em dois sentidos: como um drama representativo dos conflitos e dilemas presentes na sociedade (DAMATTA, 1982, 58) bem como da própria vida:

No futebol (como na chamada “vida real”) os homens estão relacionados em times (e famílias), pretendem vencer e atuam com um certo estilo. Mas não podem controlar as ações da equipe adversária, ou as coincidências, os erros e os acertos que decorrem do próprio jogo. Mesmo quando uma equipe apela meios mágicos de vitória (o que é muito comum no futebol brasileiro), a vitória pode ser situada no plano do favorável, mas nunca no da certeza. Ora, é precisamente essa interação complexa do time com o time adversário, do time com ele mesmo, das duas equipes com as regras que governam o espetáculo e das equipes, regras e público com os controladores da partida (juizes e bandeirinhas) que cria o fascínio exercido pelo futebol enquanto um jogo e um *drama*. É sem dúvida essa complexidade que permite tomar o *jogo de futebol* como uma metáfora da própria vida. (DAMATTA, 1982, p. 57)

Fazendo coro com a afirmação de Wisnik anteriormente citada, Damatta afirma que o futebol, com sua “interação complexa”, permite essas possibilidades *dramáticas*. O que também, de certo modo, reflete o pensamento de Umberto Eco, em “A falação esportiva”, quando o autor italiano define o espetáculo esportivo como “esporte ao quadrado”, ou seja, o jogo se torna um discurso, pois não seria apenas jogado, mas jogado por um e visto por outro (ECO, 1984, p. 222). A transformação do esporte em espetáculo engendraria também um

“esporte ao cubo”, que diz respeito ao “discurso sobre o esporte enquanto assistido”, remetendo explicitamente aos discursos vinculados à imprensa esportiva, que o próprio autor relaciona ao discurso político (ECO, 1984, p. 223-224), o que evidencia, mais uma vez, a carga simbólica que o esporte adquire ao se transformar em espetáculo.

Ficam claras, por conseguinte, as afirmações de Marcelino Silva (2014), quando descreve “o futebol como discurso” como uma prática esportiva que, “quando transformada em espetáculo, se torna uma espécie de campo simbólico, assumindo do ponto de vista do público uma série de relações com os outros domínios da vida” (SILVA, 2014, p. 240-241). O esporte se torna um campo cujos significados são produzidos e transformados não apenas a partir de suas regras e modelos fixos, mas também pelas jogadas, personagens e histórias envolvidas em sua prática. As vitórias ou derrotas, placares, jogadas históricas ou patéticas, tudo isso se torna significante, remetendo a algo além do terreno estrito dos acontecimentos do jogo em si.

Muitas dessas construções significantes passam, como aponta Eco, pelos discursos jornalísticos sobre futebol. Essa influência do jornalismo esportivo no funcionamento semiótico do futebol no Brasil se deve, em grande medida, à sua “variedade polifônica” e à “presença massiva [do futebol] nos meios de comunicação” (SILVA, 2014, p. 246). Nesse espaço, a forma do esporte encontra a abertura para as construções discursivas realizadas por autores consagrados, como Nelson Rodrigues, João Saldanha e o próprio Tostão. É neste “ponto de encontro” entre o “futebol como discurso” e o “discurso sobre futebol” que Marcelino Silva afirma que podemos pensar o futebol como “metáfora da vida” (SILVA, 2014, p. 251-252). O que buscaremos, na próxima seção deste trabalho, é entender como esse encontro entre vida, linguagem e futebol é essencial para o pensamento de Tostão.

2.2 - Tostão entre o futebol e a linguagem

O encontro entre o futebol e a linguagem é um ponto essencial na obra de Tostão. Já em suas crônicas publicadas periodicamente em veículos de imprensa, sua busca por uma poética do esporte é marcada por essa aproximação. Em seu livro intitulado *Trocando os pés pelas mãos*, o jornalista Gilson Yoshioka (2010) trata sobre diversos aspectos da vida e do trabalho de Tostão, entre eles o seu “estilo” como escritor. O livro conta com diversas fotos, relatos e entrevistas cedidas pelo ex-jogador, incluindo também a pesquisa de Yoshioka sobre as crônicas publicadas por Tostão. Em determinado momento, por exemplo, ele observa o modo como o ex-jogador explora uma série de analogias entre o futebol e a vida, citando em seguida um trecho do próprio Tostão:

As analogias entre o esporte e a existência são inventivas, inúmeras, intermináveis. “Estão presentes a alegria e a tristeza, a glória e o ocaso, a razão e a paixão, a ganância e a solidariedade, o invisível e o previsível, o evidente e o contraditório, o real e o simbólico, a ternura e a agressividade e outras ambivalências que fazem parte da alma humana”. (YOSHIOKA, 2010, p. 63)

Dentre os vários aspectos que definem o estilo de escrita que Tostão emprega em suas crônicas, está a própria concepção do futebol como um esporte que abarca uma gama de significações tão ampla quanto a própria vida. Essa percepção da dimensão simbólica do esporte é explicitada por Tostão, no trecho acima, quando ele descreve os diversos significados que podem estar implicados em um jogo de futebol; pois, tal como a vida, o futebol tem momentos de alegria, tristeza, ocaso, glória etc. Esses significados presentes no esporte mostram como o futebol, na visão de Tostão, reflete a vida em suas múltiplas facetas. Essa concepção faz coro, inclusive, com o pensamento já mencionado de Roberto Damatta, que é citado diretamente por Yoshioka no trecho seguinte:

Para ele, é muito tênue a linha divisória entre a ética, a responsabilidade, a ambição e a busca pela vitória a qualquer custo, reforçando a tese do antropólogo Roberto Da Matta de que o futebol é uma forma de teatralização das relações sociais. “O mundo pode ainda ser visto por meio de várias tríades: passado, presente e futuro; inconsciente, pré-consciente e consciente; estética, ética e razão; id, ego e superego; real, imaginário, simbólico; nascimento, vida e morte; céu, inferno e purgatório. Podemos falar em drible, passe e gol, fundamentos técnicos que são característicos do belo e eficiente estilo brasileiro. O drible eficiente é seguido de um bom passe, uma certa finalização ou às vezes até mais de um drible. O passe tem de ser no instante exato e às vezes necessita ser surpreendente. O passe tem de ser no instante exato e às vezes necessita ser surpreendente. O gol é feito pelo artilheiro que sabe, antes dos outros, aonde a bola vai chegar. Como sabe? Sabendo. Existe um saber que antecede o raciocínio lógico”. (YOSHIOKA, 2010, p. 63)

As observações de Damatta evidenciam uma força dramática presente no futebol que também aparece representada pelas ideias de Tostão sobre o esporte: o futebol como um palco onde os eventos e personagens representam sentimentos próprios da humanidade que o pratica. A analogia sobre as tríades na citação anterior define o futebol como esse campo onde diversas questões humanas se apresentam metaforizadas por um jogo com regras e espaço-tempo limitados. Os dois campos, o futebol e a vida, se misturam e se hibridizam, representados pelos eventos que ocorrem no espaço e no tempo limitados pelas linhas que cercam a prática esportiva.

Não é incomum pensarmos na tríade “céu, purgatório e inferno” ao vermos uma partida de futebol na qual as figuras envolvidas podem ir, no jargão popular, “do céu ao inferno” quando seu time toma uma remontada ou uma virada nos últimos minutos. Outra tríade

relacionada ao esporte é a de “nascimento, vida e morte”, que pode ser metaforizada por momentos diversos no futebol, seja pela situação de uma equipe específica (é muito comum torcidas fazerem “caixões” para equipes rivais, se referindo a uma “morte” simbólica) ou pela carreira de jogadores que “nascem” quando começam sua carreira, “vivem” suas conquistas e frustrações e “morrem” quando se aposentam. Essa metáfora ressoa inclusive uma citação que Tostão faz do também ex-jogador Falcão, que afirma “que o jogador morre duas vezes, uma quando para de jogar e outra quando morre de fato” (TOSTÃO, 2016, p. 86).

A capacidade do futebol de expressar diversos aspectos da vida humana é demonstrada também em uma seção do livro de Yoshioka intitulada “Dicionário Tostão de futebol”, na qual o autor traz pequenas definições de termos recorrentes nas crônicas esportivas de Tostão. Vale a pena nos atentarmos para a definição que o ex-jogador faz do “futebol”:

Futebol - O futebol é o único esporte coletivo em que nem sempre vence o melhor. Há, em uma partida, dezenas de possibilidades e, com frequência, não existe relação direta, sintonia, entre o resultado e o que acontece durante o jogo. Futebol se joga com os pés, com a cabeça (nos dois sentidos) e com a alma. (YOSHIOKA, 2010, p. 112)

Esta definição nos ajuda a compreender como o futebol alcança um nível *dramático* para o autor, pois é um esporte em que o melhor pode perder e o pior pode vencer; ele é imprevisível e por isso pode significar tanto. O resultado, para Tostão, a definição exata de quem ganhou ou perdeu, pode não significar nada diante da miríade de acontecimentos que ocorrem em uma partida de cerca de 90 minutos. Também vale destacar a última sentença, na qual Tostão afirma que, além de usarmos os pés e a cabeça (entendida aqui como cabeça física e intelecto) para o jogo de futebol, também usamos a “alma”. Não é necessário nos debruçarmos na análise do que Tostão quer dizer com a palavra “alma” para deixar evidentes as possibilidades poéticas que o jogo de futebol abre, como um campo onde se joga não apenas com o corpo físico, mas com alguma coisa que está além da materialidade fria e concreta, algo que podemos chamar de “alma”.

Esta linha de reflexão, voltada para as possibilidades poéticas do trabalho de Tostão, recebeu uma interessante contribuição no artigo “Uma poética do futebol nas memórias de Tostão”, de Günther Augustin (2014). O paralelo entre o futebol e a literatura é o pontapé inicial do texto que, por meio de uma referência ao filósofo Ludwig Wittgenstein, nos mostra que ambos possuem uma similitude que pode ser pensada a partir do conceito de jogo. A relação entre a literatura (entendida como um “jogo de palavras”) e o futebol é “o potencial de permitir, dentro de relativamente poucas regras, a criação de um número ilimitado de constelações”

(AUGUSTIN, 2014, p. 9). Definição que claramente dialoga com a ideia do futebol como um esporte que possibilita múltiplas interpretações e significações. Estando muito próxima da concepção tradicional de linguagem, essa definição também abre a possibilidade de que o futebol possua, então, uma poética, que é levada a cabo não por artesãos dos jogos de palavras mas por atletas que dominam o jogo com a bola.

A proposição de Augustin consiste em que, lendo as crônicas de Tostão, podemos ter a impressão de que existe essa poética do jogo de bola, similar à do jogo de palavras a que chamamos de literatura. Não é de se estranhar que Augustin destaque trechos em que Tostão valoriza o cronista Nelson Rodrigues, grande figura da crônica esportiva brasileira que tinha também uma concepção do futebol como um jogo com forte carga dramática e significante (cf. SILVA, 1997), como explicitam suas críticas aos “idiotas da objetividade”, em favor de uma crônica esportiva mais livre e subjetiva (AUGUSTIN, 2014, p. 10). A partir desses apontamentos, Augustin parte para sua análise do discurso de Tostão, buscando mostrar que, através de suas crônicas, o futebol e o mundo são postos dialeticamente em relação:

É um pensamento dialético, que percebe o mundo e a vida do homem nas suas contradições. Quase todas as crônicas tratam de uma delas e a lista é longa: sonho e fantasia versus realidade, programado versus criativo, analógico versus digital, linha reta versus curva, ciência versus fantasia e arte, animal instintivo versus animal racional, objetivo versus subjetivo, realista versus romântico, explicação versus compreensão, racional versus misterioso, científico e racional versus analógico e intuitivo. O próprio autor se caracteriza em termos dialéticos: além de ser realista, ele confessa ser romântico. Registra a realidade, mas não deixa de sonhar com a superação dessa realidade racional, comercial, programada e dominada pelo pensamento científico e as elites econômicas. (AUGUSTIN, 2014, p. 9-10)

Para Tostão, essas dualidades pautam grande parte do que acontece na vida e no mundo esportivo. Voltaremos mais atentamente à análise dessas dualidades que marcam a visão poética do futebol por Tostão no próximo capítulo. No momento, vale constatar que o ex-jogador usa essas dualidades para explicar os fatos, mas não para os sedimentar em um lado ou outro. De acordo com Yoshioka, Tostão vai muito além desses extremos e busca sempre contextualizar suas falas de modo consistente (YOSHIOKA, 2010, p. 60). A busca de Tostão, a de “ver o futebol com o olhar do poeta” (AUGUSTIN, 2014, p. 11), é possível apenas na zona cinza ou no contraste entre essas dualidades, na articulação entre contrários que se repelem e se atraem ao mesmo tempo:

O sonho ganha uma dimensão nova tanto na construção de um edifício quanto na de uma jogada. No futebol, é muito importante também saber dar uma curva na bola. É uma jogada bela e, ao mesmo tempo, eficiente. E tem algo poético. A dicotomia entre

ideal e real, técnico e poético, articula-se muito bem na análise dos estilos de futebol. (AUGUSTIN, 2014, p. 11)

Até mesmo o modo como Tostão escreve articula “estilos” diversos. Seus textos direcionados aos jornais são construídos em uma zona cinza entre a crônica e o ensaio (cf. LIMA, 2016, p. 16), do mesmo modo como o livro que tomamos como objeto de estudo articula o discurso memorialístico com o autobiográfico. Esse contraste entre os discursos, como vimos, aparece com clareza no trecho do livro citado anteriormente, em que Tostão sobrepõe os três momentos de sua vida à situação única da vitória brasileira em Yokohama, no ano de 2002 (TOSTÃO, 2016, p. 133 - 134).

Por circunstâncias da vida, o autor teve que encarar o futebol de um modo mais frio e racional (mais próximo do que normalmente se espera de um jornalista esportivo), embora sempre faça questão de lembrar a magia, a arte e as possibilidades diversas que uma mesma partida de futebol abre: “A grande escritora Clarice Lispector era obcecada em saber o que vinha antes do pensamento. Isso acontece no futebol. Um craque como Pelé antevê o lance e o executa antes de pensar, racionalizar. Ele sabe, mas não sabe que sabe.” (TOSTÃO, 2016, p. 63). A questão existencial e literária levantada por Lispector é projetada na figura do atleta símbolo máximo do futebol brasileiro, podendo ser elaborada tanto pelos densos textos da escritora quanto pelas complexas jogadas de Pelé. Essa aproximação mostra, novamente, como, para Tostão, literatura e futebol têm muito em comum, como expressões significantes que funcionam como formas de linguagem.

Para o autor, no futebol existe sempre algo a mais, que vai além do “pensar, racionalizar”; algo inexplicável e que constitui a camada de acaso, desconhecido e magia, oferecendo uma alternativa à visão fria e racional que predomina no mundo da mídia esportiva. Esse “algo a mais” está escondido em dois aspectos essenciais do futebol para Tostão: a significação e o acaso. Ambos os aspectos são essenciais para a forma como conhecemos e vivemos o futebol: o primeiro não apenas para os estilos de jogo (como veremos no próximo capítulo), mas também para o modo como o esporte se relaciona com a vida e com o mundo. Já o segundo é aquilo que o futebol apresenta de imprevisível e surpreendente, a possibilidade da construção de enredos cruéis ou redentores:

Em 1986, Maradona fez o gol mais bonito de todas as Copas, nas quartas-de-final contra a Inglaterra, na vitória da Argentina por 2 a 1. Na mesma partida, ele fez o famoso gol com a mão. Para o povo argentino, foi mais que uma vitória esportiva. Foi a vingança por causa da derrota na Guerra das Malvinas, em 1982. Maradona contou a seu amigo Jorge Valdano - que também estava em campo e que depois se tornou um grande pensador do futebol - que, ao receber a bola em seu

campo, pensou em passá-la ao companheiro. Apareceu um inglês à frente, e ele teve de driblá-lo. Queria novamente dar o passe, e estava lá outro inglês à sua frente. Teve também de driblá-lo. Assim, sucessivamente, driblou vários ingleses, o goleiro e fez o gol. Foi a união de um fenomenal talento com os acasos. (TOSTÃO, 2016, p. 97)

A história sobre a atuação de Diego Maradona naquele jogo e todo o significado que a partida adquiriu para o povo argentino, machucado pela guerra das Malvinas, ficaram gravados na memória de Tostão como um caso típico de um jogo que tem muito mais significado do que aparenta inicialmente. Terminando com o resultado de 2x1 para a Argentina, o jogo foi palco para a representação de um conflito político histórico, que ceifou a vida de muitos jovens argentinos. Logo, não é de se estranhar que o povo daquele país tenha se sentido vingado quando viu seu maior craque derrotando de forma humilhante o país que os humilhou em uma guerra lutada em seu “quintal”. Os dois gols de Maradona são reflexos dos sentimentos de uma nação que encontram sua redenção contra os inimigos “de fora”, conseguindo se reerguer e ser “campeã do mundo” (lembrando que a Argentina conquistou o campeonato mundial de 1986, quatro anos depois da guerra das Malvinas e dois anos depois do fim da ditadura militar que assolou o país).

Neste trecho, o lance do “gol do século”, feito por Maradona, é tratado também como um fruto do acaso. O acaso é um curioso aspecto que ocorre no mundo do futebol. As inúmeras possibilidades que se abrem com apenas um lance são essenciais para a riqueza semântica que esse esporte possui. Uma partida de futebol adquire uma densidade de sentido semelhante à da literatura ao ter, inerente a si, uma miríade de possibilidades internas que podem ocorrer quase pelo acaso. O que nos lembra o conto “O jardim de veredas que se bifurcam”, de Jorge Luis Borges (cf. ASSUNÇÃO, 2020, p. 10), autor que não tinha muita simpatia pelo esporte, mas criou nessa obra uma excelente analogia para a multiplicidade de alternativas possíveis a partir de um único lance do futebol.

O acaso é essencial para a concepção de Tostão sobre o futebol por sua capacidade de mudar todo o destino de uma partida, independentemente da vontade dos que estão nela envolvidos. No “Dicionário Tostão de futebol”, organizado por Yoshioka, o ex-jogador definiria o acaso como algo que “ajuda e prejudica todos, os que relaxam e os que tentam fazer tudo para dar certo para vencer. Não avisa, não dá para evitá-lo nem explicá-lo.” (YOSHIOKA, 2010, p. 103). Em suas memórias, Tostão reafirma essa importância do acaso, considerando-o essencial para analisar tanto a vida quanto o futebol:

As pessoas, principalmente as mais racionais, operatórias e fascinadas pela prancheta, relutam em aceitar o acaso como fator importante em nossas vidas. Têm descaso pelo

acaso. Parafraseando o grande escritor Stefan Zweig, em seu livro *Momentos decisivos da humanidade*, um gesto, um olhar, uma palavra, uma bola na trave ou no adversário e que muda de direção e milhares de outros fatores comuns, que acontecem todos os dias, mas que não sabemos quando e onde vão ocorrer, podem mudar a história de um jogo, de um campeonato, de uma vida, de um povo, de um país. (TOSTÃO, 2016, p. 24)

O acaso é este elemento que serve como ponto de disrupção, no qual a vontade dos personagens envolvidos não importa. Ainda no “Dicionário Tostão de futebol”, o acaso também é chamado por Tostão de “fatores desconhecidos”, que muitas vezes são mais importantes que os fatores objetivos e concretos que podem ser treinados e aperfeiçoados pelos técnicos e jogadores:

Fatores desconhecidos - A análise técnica, tática, individual e racional do futebol nunca retrata a realidade. Os fatores desconhecidos, subjetivos e emocionais são às vezes mais importantes do que a técnica. O mesmo acontece em qualquer atividade. (YOSHIOKA, 2010, p. 111)

Não apenas no futebol, mas em toda a vida essas forças misteriosas imprimem sua marca, demonstrando a importância do misterioso, do subjetivo e do inesperado, ao contrário do que pensam os chamados “idiotas de objetividade”, viciados em pranchetas e em números. Esses fatores aleatórios podem alterar desde a mais banal partida de várzea até todo o destino da humanidade, e assim agregam uma carga dramática tanto na vida quanto no esporte, seja ele vivido por si ou encarado como uma representação da vida, concepção da qual trataremos adiante.

2.3 - Tostão entre o futebol e a vida

A relação entre o futebol e a vida na obra de Tostão foi longamente explorada por Leandro Siqueira Lima (2016) em sua tese de doutorado, intitulada *Crônicas de Tostão: futebol e ética, vida e literatura*. Nesse trabalho, o autor analisa as crônicas jornalísticas do ex-jogador e, além das considerações estilísticas, destacam-se suas três teses centrais sobre o pensamento de Tostão, que julgamos essenciais para nosso propósito:

E é fundamental sublinhar três pontos - as suas três teses - que percorrem todo o conjunto de suas crônicas, que indicam a direção para onde seus argumentos querem chegar: (1) Tostão consagra em seus textos princípios éticos; (2) nos seus textos, há um autor que persegue uma espécie de “teoria do futebol”, que indica uma perspectiva estética do jogo; e (3) Tostão desenvolve uma série de raciocínios críticos que, por meio da noção de metáfora, identifica o futebol como produtor de sentidos análogos ao jogo social da vida humana. (LIMA, 2016, p. 80)

Ancorando-nos nessas três teses, podemos entender como Tostão encara a relação entre a vida e o futebol em seus textos: como uma relação analógica, materializada em situações éticas e concebida a partir de uma visão estética do jogo de bola. Nas seções anteriores procuramos mostrar como esse visão estética do futebol se desenvolve nas memórias do autor. O que procuraremos mostrar, agora, é como esse princípio ético que guia suas crônicas também está presente em suas memórias.

Inicialmente, vale tentar entender o que Tostão entende por “ética”, e para isso usaremos uma breve “definição” compilada no já citado “Dicionário Tostão de Futebol”, presente no livro de Gilson Yoshioka (2010):

Ética - O esporte de alto rendimento não é um bom lugar para aprender e desenvolver valores éticos. Os atletas, treinadores e dirigentes querem ganhar a qualquer preço. Ainda bem que existem exceções. (YOSHIOKA, 2010, p. 110)

Como se pode ver, não se trata bem de uma definição de ética, mas de algo mais próximo de um comentário sobre o problema da ética no mundo esportivo. Para Tostão, o ambiente do futebol não é o lugar ideal para se construir uma postura ética, muito em função da valorização exarcebada da “vitória a qualquer custo”, da ideia de que não importa se os caminhos percorridos são positivos ou negativos, desde que o percurso termine na vitória. Essa ideia é considerada pelo ex-jogador como algo extremamente danoso para o mundo e para o esporte. Tostão valoriza bastante as exceções a ela, fazendo questão de destacar esse posicionamento em seus escritos. Ao escolher essa postura de sujeito ético, Tostão defende em seus textos, seja em suas crônicas ou no seu livro de memórias, o princípio de que “não há fins que justifiquem os meios” (LIMA, 2016, p. 98). E esta postura leva o autor a pensar o futebol não como algo isolado do mundo, mas como um fenômeno intimamente ligado ao Brasil e ao brasileiro (assunto que trataremos no capítulo 4 dessa dissertação).

Não é de se estranhar, portanto, o fato de Tostão ter pedido ao seu amigo e colaborador Juca Kfourri para escrever o capítulo 18 de seu livro de memórias⁵, chamado “Futebol, ouro e lama”, no qual o jornalista paulistano traça um pequeno panorama dos escândalos de corrupção envolvendo a FIFA e a CBF (cf. TOSTÃO, 2016, p. 183 - 188). A presença desse capítulo no livro mostra a importância que Tostão atribui à postura ética no mundo do futebol, e dialoga com a interpretação de Lima, que em sua tese afirma que o cronista coloca a ética em questão

⁵ O livro possui dois capítulos que não foram escritos por Tostão, o primeiro sendo o capítulo 6, intitulado “Bebi champanhe na taça Jules Rimet”, escrito pelo oftalmologista Roberto Abdalla Moura, e o capítulo 18, “Futebol, ouro e lama”, escrito pelo jornalista Juca Kfourri.

exatamente porque ela foi abandonada (LIMA, 2016, p. 94). Os recorrentes casos de corrupção e a postura egocêntrica e egomaniaca de figuras ligadas ao futebol entristecem Tostão, que não se restringe a criticá-las em suas crônicas, levando sua luta pela ética para as páginas de seu livro de memórias.

A decepção de Tostão com a falta de ética no mundo do futebol é palpável, por exemplo, no momento em que ele critica os dirigentes vascaínos que, após seu abandono do futebol devido aos problemas na retina, tinham-se recusado a pagar seus salários pelo tempo restante do contrato, contando para isso com o respaldo da Justiça:

A diretoria do Vasco, para justificar o investimento que tinha feito, quis, na Justiça, receber do Cruzeiro o que havia gasto, o que, obviamente, foi negado. Como decidi voltar a Belo Horizonte, a Justiça - a meu ver, erroneamente - decidiu que o Vasco não precisava pagar meus salários, desde o momento da contusão até o fim do contrato, por mais ou menos um ano. Eu havia sido contratado para jogar, e não tinha obrigação de ficar à disposição do clube, para fazer qualquer outra coisa. (...) Eu, que tinha ficado tão decepcionado com os dirigentes do Cruzeiro, estava mais ainda com os do Vasco. Era mais um motivo para me retirar do futebol, em vez de exercer outro cargo no esporte. (TOSTÃO, 2016, p. 83 - 84)

O autor fala abertamente da decepção que sentiu com os dirigentes do Cruzeiro e do Vasco como algo que o incentivou a se afastar do futebol naquele momento da vida, o que condiz com a definição, no “Dicionário Tostão de futebol”, de que o esporte de alto rendimento é um péssimo lugar para as atitudes éticas. Os dirigentes tanto do clube mineiro quanto do clube carioca o prejudicaram para agir apenas em benefício próprio. No momento em que Tostão não servia mais, tornou-se dispensável. É essa lógica egoísta que o autor critica no mundo do futebol.

Ao abandonar o futebol, terreno de tais problemas éticos, Tostão faz a escolha pela medicina, área que seria um campo desejado, na qual ele se sentiu “mais completo como ser humano e um melhor cidadão” (TOSTÃO, 2016, p. 100). A medicina, com seu ideal de ajudar aqueles que precisam de ajuda, se tornou para Tostão um espécie de materialização de sua concepção ética de vida. Ideias como as de fazer o bem, ser justo e que os fins não justificam os meios se tornaram mantras para Tostão, tanto em sua vida como médico quanto na sua escrita memorialística. Obviamente nem tudo correu às mil maravilhas no mundo da medicina: seu perfeccionismo e postura ética não o permitiram seguir em uma situação que considerava distante do ideal, na Faculdade Ciências Médicas. O ex-atleta afirma que se sentia conivente com uma situação que prejudicava tanto os médicos quanto os pacientes:

Como o hospital dependia de recursos do governo, eu tinha o compromisso de atender, com os alunos, um grande número de pacientes, como hoje acontece no Sistema Único de Saúde (hoje é ainda pior), e, ao mesmo tempo, ensinar na faculdade. Era ruim para o paciente e para os alunos. Sentia-me conivente com a situação. Dizia aos alunos que o ideal era fazer tal coisa, mas que teríamos de fazer o que era possível, pela falta de maiores recursos do hospital. (TOSTÃO, 2016, p. 110)

Foi sua postura ética que o fez entrar no mundo da medicina e foi essa mesma postura que o fez abandoná-lo. Tostão lutou por uma conduta ética no mundo da medicina, o que justifica sua afirmação de que o melhor elogio que recebeu como professor foi quando um aluno da faculdade de medicina disse que foi ele que o ensinou a “olhar para um paciente como um ser humano e não só como portador de uma doença” (YOSHIOKA, 2010, p. 94). Toda a carreira médica de Tostão foi baseada em uma concepção ética que ele, aparentemente, também queria ver no ambiente esportivo do futebol.

Portanto, essa postura ética não se resumiu à sua época de médico. Podemos ver suas considerações e cobranças de cunho ético também na posterior carreira de comentarista esportivo, como por exemplo no momento em que narra uma crítica que teria feito ao zagueiro Júnior Baiano. Em uma transmissão de um jogo do Brasil, após um erro na saída de bola do jogador em questão, Tostão afirmou que ele teria feito uma “baianada”. A expressão é claramente xenofóbica e causou a revolta de um torcedor, que reclamou com ele por e-mail (o fato ocorreu em 1998, ano em que a internet ainda não tinha se popularizado). O autor considerou seu comentário como uma “gafe”. Embora ele não tivesse a intenção de ofender ninguém, julga que cometeu um ato falho e, provavelmente, se preocupou em não repeti-lo outras vezes:

Na transmissão de um jogo do Brasil, cometi uma gafe ao vivo. O zagueiro Júnior Baiano, como era frequente, dominou uma bola, tentou driblar e perdeu, e quase sai o gol do adversário. Imediatamente, sem pensar, falei que ele tinha cometido uma “baianada”, uma expressão que ouvia desde criança e que era comum no futebol. Na época, a internet começava a se popularizar. Recebi um e-mail de protesto de um baiano. Se fosse hoje, provavelmente, milhares de pessoas me criticariam nas redes sociais. Eu teria de me retratar. (TOSTÃO, 2016, p. 119 - 120)

Como nessa situação, Tostão geralmente tem a preocupação de se portar como um sujeito ético. O autor se esforça para que o discurso que veicula em seus textos seja condizente com seus valores e sua prática de vida (cf. LIMA, 2016, p. 98)⁶. Outras duas situações narradas

⁶ É evidente que o texto de Tostão, pelas próprias características de um texto autorreferencial, pode não apresentar uma semelhança completa com a realidade dos fatos. É possível que o autor tenha se favorecido em diversos trechos de sua obra, como por exemplo nessas referências aos dilemas éticos que envolvem a sociedade e o futebol.

na obra podem nos auxiliar a entender esse posicionamento. A primeira se trata de quando Tostão estava retornando do Japão, onde tinha ido para a cobertura da Copa do Mundo de 2002. Durante o voo de volta, uma senhora brasileira sofreu um acidente vascular cerebral e o ex-médico e outra passageira médica prestaram a ela o primeiro atendimento, o que custou o atraso no retorno de todos os passageiros, por conta dos procedimentos que foram necessários para socorrer aquela senhora. Apesar disso, Tostão recebeu como recompensa um relógio da companhia aérea:

No voo de volta, uma senhora brasileira, que tinha ido ao Japão por outros motivos, teve um acidente vascular cerebral, e eu e uma passageira médica fizemos o primeiro atendimento. Avisamos ao comandante que deveríamos descer o mais rápido possível, para ela ter chances de sobreviver. Descemos no Alasca, onde já havia uma ambulância esperando. Todos os passageiros tiveram de desembarcar, passar no serviço de imigração e retornar ao avião, o que atrasou a chegada do voo em Nova York. Com isso perdemos a conexão para São Paulo e, consequentemente, para Belo Horizonte. Não tive mais notícias da passageira. Espero que tenha sobrevivido. Tempos depois, recebi um relógio de presente, como forma de agradecimento da companhia aérea japonesa. (TOSTÃO, 2016, p. 134)

Esse relato mostra que, para o ex-jogador, os percalços no caminho são irrelevantes diante da possibilidade de salvar uma vida. A recompensa em si não mudaria o fato de que ele tinha a obrigação ética de ajudar aquela senhora. Mais uma vez, Tostão se mostra como alguém que valoriza extremamente as normas de responsabilidade e ética.

Outra situação exemplar é narrada por Tostão por ocasião da Copa do Mundo de 2010, em Joanesburgo. Neste caso ele e seu colega e colaborador Juca Kfoury estavam indo a um restaurante quando ficaram sabendo que, no mesmo local aonde iam, o ex-jogador e presidente de UEFA Michel Platini tinha sido levado ao hospital minutos antes, devido a um desmaio. Tostão destaca que o ex-craque francês tinha sido suspenso por irregularidades no mandato, mas em seguida afirma que teria feito os primeiros socorros nele se estivesse no local, pois seria o único médico formado lá presente (TOSTÃO, 2016, p. 148):

Em Joanesburgo, Juca e eu fomos a um restaurante de um shopping center próximo ao hotel e, quando chegamos, havia um enorme tumulto na porta. Minutos antes, Platini, um dos maiores jogadores da história, ex-presidente da Uefa e suspenso pelo

Porém, essa possibilidade de reformulação da própria imagem, fruto da natureza de um texto escrito por alguém interessado em como essa imagem será recebida, não desqualifica o pacto referencial da autobiografia, sendo inclusive notada por Lejeune como uma diferença fundamental entre este tipo de texto e os textos históricos: “Na autobiografia, é indispensável que o pacto referencial seja firmado e que ele seja cumprido: mas não é necessário que o resultado seja da ordem da estrita semelhança. O pacto referencial pode ser, segundo os critérios do leitor, mal cumprido, sem que o valor referencial do texto desapareça (ao contrário), o que não é o caso nas narrativas históricas e jornalísticas.” (LEJEUNE, 2014, p. 37)

comitê de Ética da Fifa por irregularidades em recebimento de dinheiro, tinha desmaiado enquanto jantava e fora levado a um hospital, onde só teve alta no dia seguinte. A imprensa já estava presente no restaurante, e rádios falavam ao vivo. O mundo todo já devia saber. Se eu tivesse chegado alguns minutos antes, teria feito o primeiro atendimento, apesar de não ser um médico em atividade, pois não havia outro médico no local. Certamente, correria a notícia de que Tostão, campeão do mundo em 1970, tinha prestado socorro a Platini. (TOSTÃO, 2016, p. 148)

Essa postura de Tostão mostra como sua atitude ética também é pautada no fato de que não importa que quem precise de ajuda seja um corrupto, o ato ético não deve se pautar por este critério. Algo como “fazer o bem sem olhar a quem”, ou uma postura altruísta de tentar agir como um exemplo a ser seguido, com a esperança de que todos um dia façam o mesmo.

Essa postura ética não se restringe ao dia-a-dia do convívio entre as pessoas, mas também ao mundo no futebol. Para Tostão o futebol não é um ambiente alheio de tudo. Pelo contrário, é um meio no qual a cobrança por posturas éticas deve ser maior, justamente por ser um ambiente onde elas se perderam. Deste modo o autor traz diversos exemplos de críticas à postura e às atitudes de jogadores, dirigentes e outras figuras ligadas ao futebol, como vimos anteriormente, em seus questionamentos à postura mesquinha dos dirigentes cruzeirenses e vascaínos nos momentos finais de sua carreira de jogador profissional.

Outro exemplo que merece ser destacado se encontra no início do capítulo 10 do livro, que trata da Copa do Mundo de 1994, disputada nos Estados Unidos. Antes do mundial, Tostão recorda uma reportagem que dividiu com o então jovem atacante do Cruzeiro, Ronaldo Nazário. Fora dos olhares dos jornalistas, o ex-jogador aconselhou a jovem promessa a “ter cuidado com certas coisas” e “separar o público do privado”. O franzino garoto, que mais tarde se tornaria o “Fenômeno”, não acolheu bem os conselhos do experiente ex-atleta, e mais tarde declarou que as críticas que eventualmente recebia de Tostão eram motivadas por inveja da fortuna que ele próprio havia acumulado:

Falei que ele (Ronaldo) deveria ter cuidado com certas coisas, que deveria separar o público do privado, pois, naquele dia, havia saído uma foto no jornal com Ronaldo de cueca, em seu quarto, no apartamento onde morava com vários outros jogadores. Obviamente, ele não seguiu meus conselhos. E o pior é que, depois de uma crítica técnica que fiz a ele em um jogo, Ronaldo teria dito que eu o criticara por inveja dos milhões que ele ganhava. (TOSTÃO, 2016, p. 102 - 103)

No trecho seguinte ao comentário sobre o atrito com Ronaldo, o autor também destaca um problema que teve com outro futuro astro da Copa de 2002, Rivaldo. Neste caso, o cronista foi impedido de participar de uma coletiva de imprensa a pedido do jogador, por tê-lo criticado anteriormente (TOSTÃO, 2016, p. 103). A postura de Tostão frente a esses atritos com

jogadores famosos reverbera sua postura ética: não seria certo ser um bajulador incondicional e deixar a honestidade de lado. A independência no exercício de sua função jornalística estava acima da necessidade de ficar bem com qualquer um que fosse. Existe uma norma ética intocável que guia suas atitudes e que ele tenta incutir também nos outros personagens ligados ao mundo esportivo. Cada lugar tem uma norma ética que deve ser seguida; a de campo de jogo é diferente da do ambiente jornalístico, mas ambas devem ser entendidas e seguidas:

Os jogadores aceitam a mesma crítica de um comentarista que não foi atleta profissional com muito menos rancor do que a feita por um ex-jogador. Esse é um dos motivos de ex-atletas comentaristas serem muito complacentes e bonzinhos em suas análises, de forma corporativa, como se ainda estivessem jogando. (TOSTÃO, 2016, p. 103)

O trecho acima mostra como, para Tostão, as “regras de cada jogo” não devem ser misturadas. Cada membro desse corpo estruturado que chamamos de “mundo do futebol” deve saber seu lugar, suas funções e suas obrigações éticas. De modo similar funciona a sociedade, no interior da qual políticos, cidadãos e autoridades deveriam desempenhar seus papéis da forma mais ética possível. Essa concepção nos ajuda a entender como o futebol é entendido, pelo ex-atleta, como uma “metáfora da vida”, tendo em vista que o terreno do esporte é visto por Tostão como um espaço onde situações éticas mais amplas são exemplificadas. O futebol se torna um palco onde os problemas éticos da sociedade aparecem e são representados.

Outro caso exemplar narrado por Tostão ocorreu quando ele foi visitar a casa do técnico Vanderlei Luxemburgo para uma entrevista, na época em que o treinador comandava a equipe do Santos Futebol Clube. Ao entrar pelo corredor principal o ex-jogador se deparou com um enorme quadro com o rosto do técnico “todo maquiado”, o que foi considerado pelo autor como um ato de “vaidade e breguice” (TOSTÃO, 2016, p. 126). Essa atitude demonstra a personalidade arrogante e egomaniaca de Luxemburgo, que é denunciada por Tostão. Não é porque o técnico estava em alta no mundo do futebol (como na época Luxemburgo realmente estava) que seria normal uma atitude como aquela. Mais uma vez é mostrado como o mundo do futebol não é um mundo separado, mas um campo representativo da sociedade e do ser humano.

Essa questão, da vaidade como algo nocivo para o atleta e o ser humano em geral, revela como Tostão enxerga o encontro de ambos. O futebol é jogado por seres humanos que não estão alheios aos problemas éticos. Os dilemas éticos ocorrem em um campo lúdico em que situações e problemas mais amplos da vida humana são articulados em um jogo de regras limitadas, que pode ser facilmente (como tentamos mostrar anteriormente) encarado como uma arte:

O declínio de um grande craque, de um artista, começa quando ele passa a se preocupar mais com a fama e com o sucesso do que com a gana e a ambição de atuar cada vez melhor. Nem sempre talento e dedicação coexistem na mesma pessoa. O maior compromisso do artista é com sua arte. (TOSTÃO, 2016, p. 138)

Esse trecho mostra bem o modo como Tostão vê o futebol como uma arte, e o jogador como um artista. O autor concebe o futebol como uma forma de arte por meio da qual as relações éticas da vida das pessoas se exprimem. Cria-se assim um encontro entre vida e futebol, estabelecendo possibilidades de leitura a partir de analogias entre os dois campos. A ideia é que podemos ler o futebol através da vida, entendendo-o como um campo onde se refletem os problemas éticos, e também como uma arte elaborada por jogadores-artistas que constroem sua obra por meio de seus pés.

3 - FUTEBOL DE PROSA X FUTEBOL DE POESIA

3.1 - O que é futebol de prosa e futebol de poesia?

O capítulo anterior foi o pontapé necessário para uma análise mais aprofundada de como a concepção de Tostão do futebol adquire seu caráter estético. Tendo em vista a relação que mostramos entre esporte, linguagem, arte e vida na visão do autor, partiremos agora para tratar mais detidamente de como essa relação é articulada através da dualidade entre prosa e poesia, que expressa de modo mais explicitamente literário as dualidades estabelecidas por Tostão como base da “dúvida primordial do ser humano, presente no cotidiano e em toda a literatura universal”: a oposição entre “razão e imaginação”, “ética e desejo”, “real e simbólico”, entre outras dualidades que podem ser resumidas na tensão entre “futebol-força e futebol-arte”, ou “futebol-prosa” e “futebol-poesia” (TOSTÃO, 2016, p. 91). Para tanto, não começaremos por Tostão, pois o autor mineiro não foi o primeiro a usar essa distinção para tratar do futebol, e nem o primeiro a estetizá-lo.

A ideia do esporte como um fenômeno dotado de beleza, ou seja, da possibilidade de contemplação estética, ganhou uma formulação importante na obra do alemão Hans Ulrich Gumbrecht (2007) chamada *Elogio da beleza atlética*. Neste livro singular o autor tenta explicar o fascínio que a sociedade tem pelas performances esportivas em geral, através de conceitos de beleza próprios à filosofia e à estética.

Para analisar o esporte a partir deste viés estético, Gumbrecht evoca a filosofia do alemão Immanuel Kant, que, em sua *Crítica da faculdade de julgar*, estabeleceu um pensamento em que o belo está intrinsecamente ligado a uma atitude de desinteresse por parte daquele que o aprecia. Gumbrecht considera que a contemplação estética do esporte seria uma espécie de “perder-se na intensidade da concentração”, estando essa “perda” está ligada ao desinteresse kantiano (GUMBRECHT, 2007, p. 43 - 45). O interessante desta concepção é a percepção do esporte como algo passível de ser analisado esteticamente, ligando-se ao que Kant afirmava ser o belo, aquilo que é contemplado desinteressadamente. Analisado esteticamente, o esporte pode ser aproximado de um objeto artístico tradicional, passível de juízos estéticos tradicionais, como o de ser “belo” ou não.

Tal como um objeto artístico, na visão de Gumbrecht, o esporte também pode ser algo que alcança contornos dramáticos, devido principalmente à “chance de vencer e o risco da derrota”, que “produzem uma narrativa, um sentido épico e um drama” (GUMBRECHT, 2007, p. 61). Pensamento que repercute o que Roberto Damatta diz sobre o futebol como um esporte

que serve como dramatização⁷ (DAMATTA, 1982, p. 55). Neste sentido podemos entender o fenômeno esportivo como algo que desperta sentimentos extremos no público que o assiste, como de fato ocorre (e de modo similar aos dramas tradicionais como peças de teatro ou filmes no cinema).

O próprio Gumbrecht cita em sua obra dois exemplos clássicos para se pensar o esporte como esse drama que desperta sentimentos profundos no espectador. O primeiro caso é do time norte-americano de baseball chamado Boston Red Sox, que enfrentou um longo jejum sem títulos desde 1918. Gumbrecht afirma que a intensa popularidade desse time deveu-se especialmente a essa grande seca de conquistas, que encerrou-se em 2004 após uma histórica virada contra o rival New York Yankees e a avassaladora conquista do World Series contra o St. Louis (GUMBRECHT, 2007, p. 63 - 64). Os fatores emocionais acumulados dão a essa conquista um caráter de um drama épico, semelhante à tradicional “jornada do herói” que vence inúmeras dificuldades para conquistar seu objetivo final. O termo “épico” também é empregado por Gumbrecht ao se referir à derrota brasileira e de seu “futebol-arte” para a Itália na Copa do Mundo de 1982, na infame “tragédia do Sarriá” (GUMBRECHT, 2007, p. 65). O próprio apelido que essa partida recebeu já reflete o caráter dramático que esse jogo adquiriu. O Brasil tinha uma seleção encantada, mas acabou sendo eliminado com três gols do atacante italiano Paolo Rossi (que até aquele momento tinha feito pouco na Copa), após ter empatado o jogo duas vezes com gols de Sócrates e Falcão. É uma trajetória na qual o herói, com suas habilidades quase mágicas, é derrotado mesmo após ter o triunfo na mão por duas vezes (naquela partida o Brasil se classificaria com o empate).

No exemplo da “tragédia do Sarriá”, fica evidente como uma partida de futebol pode adquirir contornos dramáticos, e como um drama pode ser visto como belo. Mas o que consiste em dizer que um jogo de futebol é belo ou não? No lugar comum do dia-a-dia, é normal ouvirmos alguém dizer que um jogo foi bonito ou feio, mas em que consiste essa afirmação? Esse questionamento está no âmago do pensamento de Gumbrecht e, posteriormente, da obra de Tostão. Focando nas jogadas que compõem uma partida de futebol, podemos entender um pouco melhor o que significa dizer que um jogo é bonito ou não:

Mas uma jogada bonita é mais que apenas uma forma - é uma epifania da forma. Uma jogada bonita é produzida pela convergência súbita e surpreendente dos corpos de

⁷ A palavra “drama” é utilizada, aqui, com sentidos ligeiramente diferentes. Em Damatta, o drama é definido como “uma ocasião onde as normas sociais entram em crise e são pensadas de forma reflexiva” (DAMATTA, 1982, p. 55), enquanto para Gumbrecht o drama é a dimensão de uma competição esportiva “responsável pela transfiguração dos grandes atletas em nossa percepção imediata e, mais tarde, em nossa memória” (GUMBRECHT, 2007, p. 61).

vários atletas no tempo e no espaço. As jogadas bonitas são sempre surpreendentes, por dois motivos. Mesmo que a forma específica seja o que os especialistas chamam de jogada ensaiada - pensada com antecedência e praticada inúmeras vezes -, ela será nova e surpreendente para o espectador médio que não está familiarizado com o arsenal de estratégias da equipe. Mas, mais que isso, as jogadas que surgem em tempo real na partida são surpreendentes até para os treinadores e para os jogadores que as executam, porque precisam ser realizadas contra a resistência imprevisível da defesa do outro time. Enquanto o time que está com a bola tenta criar uma jogada e evitar o caos, a equipe adversária, em posição defensiva, tenta destruir a forma emergente e precipitar o caos. (GUMBRECHT, 2007, p. 134)

Para entender o esporte como algo dotado de uma estética própria, o cineasta e escritor italiano Pier Paolo Pasolini escreveu um artigo chamado “Il calcio ‘è’ un linguaggio con i suoi poeti e prosatori” (publicado no Brasil como “O gol fatal”, em 2005). A proposta de Pasolini consiste em buscar uma “semiologia do futebol” a partir da categorização de um “futebol de prosa” e um de “futebol de poesia” para diferenciar os estilos de jogo praticados na final da Copa do Mundo de 1970, entre Brasil e Itália (CORNELSEN, 2006, p. 171 - 172). Essa partida reuniu duas equipes históricas do futebol mundial: de um lado o avassalador Brasil de Pelé, Jairzinho e Tostão, e do outro a disciplinada Itália de Riva, Mazzola e Albertosi. A Itália, que na partida anterior tinha vencido epicamente a poderosa Alemanha, sucumbiu diante da seleção canarinho pelo elástico placar de 4 a 1. Essa avassaladora vitória brasileira serviu como inspiração para o cineasta italiano realizar um processo similar ao empreendido pelo semiólogo Ferdinand de Saussure, a fim de descrever o futebol como um sistema de signos não-linguísticos com as mesmas leis de funcionamento dos signos linguísticos (CORNELSEN, 2006, p. 174).

Apaixonado pelo futebol, Pasolini atribui ao esporte uma “linguagem própria”, que possui “todas as características fundamentais do sistema de linguagem falada-escrita” (CORNELSEN, 2006, p. 175). As jogadas e momentos do jogo seriam “decifrados” ou “lidos” pelos espectadores, sendo os jogadores os “cifradores” que “jogam o jogo”, que cifram o código compartilhado com aqueles que irão decifrá-lo (CORNELSEN, 2006, p. 176). Os espectadores são os leitores dessa linguagem e desse “texto” que deve ser lido. Não é à toa que aqueles que se engajam no decorrer da partida reagem positiva ou negativamente aos acontecimentos em campo, tal como o consumidor típico de romances ou filmes. Pasolini era torcedor do Bologna, e como todo indivíduo que torce para um time de futebol, entendia muito bem as alegrias e tristezas que o futebol proporciona. Talvez por isso sua “semiologia do futebol” tenha os espectadores como os “decifradores” dos acontecimentos da partida. O espectador como “leitor” deste “texto” que reage, seja de forma alegre ou triste, à sua “leitura” dos fatos ocorridos no campo.

Porém, dentro desse “código geral” chamado futebol, poderíamos encontrar “subcódigos”, correspondentes a diferentes formas que a linguagem apresenta, e que o autor italiano procura descrever em sua teoria (CORNELSEN, 2006, p. 179). A utilização artística da linguagem é chamada de literatura, mas dentro da literatura existem diversas formas expressivas, como a poesia e a prosa, no interior das quais existem vários gêneros e estilos, como romance policial, o ensaio, o conto, a poesia concreta etc. Pasolini não se dedica extensamente ao tema, mas dá um pontapé inicial para diversos questionamentos a esse respeito, iniciados pelo próprio autor em sua famosa distinção entre “futebol de prosa” e “futebol de poesia”, inspirada pela partida entre Brasil e Itália, na qual “a prosa estetizante italiana foi batida pela poesia brasileira” (PASOLINI, 2005).

Evidentemente, a formulação de Pasolini se baseia na tradicional distinção entre prosa e poesia, longamente elaborada por Octavio Paz em seu ensaio “Verso e prosa”. De acordo com o escritor mexicano: “As linguagens oscilam entre a prosa e o poema, o ritmo e o discurso. Em algumas é visível o predomínio rítmico; em outras se observa um crescimento excessivo dos elementos analíticos e discursivos, às expensas dos rítmicos e imaginativos.” (PAZ, 2009, p. 16). Assim, a poesia seria uma expressão da linguagem pautada pelo ritmo, em contraste com a prosa, que seria pautada predominante por elementos analíticos e discursivos.

Pasolini não trata especificamente da distinção entre “prosa” e “poesia”, mas afirma que o futebol, entendido como linguagem, têm nos dribladores as suas figuras mais poéticas, enquanto no “jogo coletivo e organizado” encontra seu momento mais prosaico (PASOLINI, 2005). O drible e o gol são momentos essencialmente poéticos para Pasolini, destacando a individualidade dos jogadores, em contraste com um jogo coletivo essencialmente prosaico. Esse contraste faz coro com a definição de Octavio Paz, quando ele diz que “o prosista busca coerência e clareza conceitual” e que “resiste à corrente rítmica que, fatalmente, tende a manifestar-se em imagens e não em conceitos” (PAZ, 2009, p. 12). O futebol driblador e goleador se basearia num ritmo incalculável, dependente da criatividade e capacidade individual de improvisar dos jogadores, enquanto o futebol organizado e estratégico rejeitaria esse ritmo, buscando sempre uma previsão dos acontecimentos, para maximizar as chances de vitória e minimizar as de derrota, o que resulta em menos dribles e menos gols.

Assim, o futebol brasileiro seria poético porque se exprime com mais dribles e gols (PASOLINI, 2005) que o futebol prosaico italiano, como demonstrado na final da Copa de 1970. Talvez Pasolini pudesse ter revisto algumas coisas em sua teoria se tivesse vivido o suficiente para ver a famosa partida do estádio do Sarriá, pois neste caso o futebol dito prosaico da Itália produziu mais gols que o dito futebol poético do Brasil. De qualquer modo, nos resta

a ideia, muito replicada em outros textos, do futebol como um discurso, como uma forma de linguagem que pode abarcar tanto a forma da “prosa” quanto a da “poesia”. José Miguel Wisnik, em sua obra *Veneno Remédio*, trata do esquema proposto por Pasolini:

Pode-se depreender desse esquema a ideia, um pouco modificada, de que o futebol é, por um lado, um “discurso” polêmico e não verbal, em prosa realista, que quer desembocar na poesia do gol. A prosa é consequente, linear, pragmática, atenta à contenção e à evitação dos sucessos adversários, e corresponde àquilo que chamaríamos de “princípios de realidade” - enfrentamento responsável dos obstáculos de modo a atingir o objetivo, obedecendo na medida do possível a um plano predeterminado. Mas o objetivo a ser atingido é desbordante, desviante, erotizado, consumando-se através da queda fulgurante e irreversível de um tabu, sacramentada pelo placar. Retomando a sugestão de Nuno Ramos, podemos dizer que o gol é esse instante ambivalente em que se encontram e se separam o excesso *erótico* e o crivo descontínuo do *sagrado*. Mas quando a poesia, explosivamente concentrada no momento do gol, não se satisfaz com isso e contamina a partida, alastrando-se pelas suas dobras, fulgurando em momentos pontuais de excesso, de surpresa e de gratuidade produtiva e improdutiva, como que a querer potencializar o que há de erótico no jogo e a ponto de se transformar na marca de um estilo, temos o que Pasolini chama de futebol jogado “fundamentalmente em poesia”. (WISNIK, 2023, p. 118)

O que Wisnik traz em seu livro vai um pouco além do texto de Pasolini. O autor italiano não fica restrito a categorias rígidas, como se vê em suas caracterizações de jogadores italianos, por exemplo quando diz que Rivera é um “prosador poético” (PASOLINI, 2005). Porém, o desenvolvimento dessas ideias só caminha até certo ponto no texto do cineasta italiano, avançando posteriormente por meio de pensadores como Wisnik e o próprio Tostão, como veremos mais adiante. Assim, a noção de “mistura” ou “articulação” de estilos, que de certa forma já nasce em Pasolini, é melhor desenvolvida em textos posteriores, como no trecho de Wisnik citado acima.

Podemos considerar a parte mais “gratuita” do jogo como sendo a poética. Ela seria constituída pelos dribles, entendidos como algo não programático ou não calculável, mas como um modo lúdico de encontrar a poesia completa do gol. Mas, em geral, os movimentos do jogo são prosaicos, pois ele segue esquemas estabelecidos com o estrito objetivo de vencer. Parece muito difícil estabelecer as fronteiras deste pensamento. Um futebol totalmente prosaico seria aquele que pensaria apenas na vitória, e um futebol completamente poético seria aquele apenas interessado na plasticidade das jogadas e gols? De certo modo, poderíamos afirmar que o jogo está em constante alternância entre a “prosa” e a “poesia”. Um time pode ser mais prosaico ou mais poético, mas não se pode isolar completamente um ou outro tipo. Até os times mais prosaicos, organizados e lineares possuem momentos poéticos (como o gol), e até os mais poéticos, livres e artísticos precisam de uma estratégia de jogo, mesmo que seja mínima.

Portanto, essas categorias propostas por Pasolini não são rígidas como inicialmente poderiam aparentar. Não é à toa que José Carlos Marques (2015) criticou essa aparente dicotomia, afirmando que “a fraqueza do modelo pasoliniano (...) estaria no fato de não ter previsto uma maior intersecção e imbricamento de suas categorias constituintes - prosa e poesia - aplicadas a um novo gênero” (MARQUES, 2015, p. 106), e que “não é possível aplicar uma dicotomia simples (...) a objetos complexos, como o futebol, os quais parecem demandar modelos menos excludentes e mais mestiços” (MARQUES, 2015, p. 108).

Ao nosso ver, a crítica de Marques tem seus méritos, mas se concentra em uma análise superficial do modelo de Pasolini, que em momento algum de seu texto é tão rigoroso no sentido de delimitar de maneira completamente estanque e binária essa dicotomia. Pelo contrário, Pasolini nos permite uma amplitude de perspectivas híbridas ao definir os jogadores da seleção italiana por meio de combinações entre as duas categorias. Em suma, o que entendemos do ensaio de Pasolini não é uma delimitação cerrada em dois polos contrários. O que apreendemos de seu texto curto mas esclarecedor é um paralelo entre o futebol e as artes, mais especificamente a arte literária. E, no mundo da literatura, embora exista de fato a dualidade entre “prosa” e a “poesia”, não é excluída de modo algum a articulação entre formas e gêneros (como exemplificamos no capítulo 1 desta dissertação), com intenções algumas vezes inovadoras e revolucionárias.

Nos parece que Pasolini compreende essas possibilidades de articulação e movimentos dos gêneros em prol do interesse artístico (não podemos esquecer que ele foi um importantíssimo cineasta) e que transfere essa liberdade da arte para o campo do futebol. Neste sentido, consideramos a crítica de Marques como válida, no sentido de que realmente não se pode fechar a complexidade de algo como o futebol em dois campos opostos e isolados, mas ingênua, no sentido de não enxergar a complexidade que o próprio Pasolini abre em seu curto texto, mesmo trabalhando a partir de uma dualidade central.

Desse modo, é sintomático o fato de que a dualidade apresentada por Pasolini tenha sido não apenas repetida inúmeras vezes, até se tornar um lugar comum nas rodas de discussão sobre futebol em todo o mundo, mas também prevista por outros pensadores de futebol, antes mesmo do italiano ter tido suas ideias, provavelmente durante a Copa de 1970. Um exemplo nos é brilhantemente colocado por Marques, no mesmo artigo citado acima, quando o autor nos apresenta uma aproximação das teses do cineasta italiano com as ideias do icônico teatrólogo e cronista brasileiro Nelson Rodrigues:

Sem usar o arsenal teórico (a *episteme*) de Pasolini, Nelson Rodrigues pratica a defesa do futebol brasileiro exatamente por meio de um binarismo semelhante, sedimentado numa *doxa* (crença empírica) segundo a qual caberiam aos europeus a objetividade linear e o preparo físico (o futebol força), enquanto que aos brasileiros caberiam a magia, a habilidade e a técnica apurada (o futebol arte). Em alguns momentos, esse futebol nacional seria capaz de provocar uma sinestesia completa entre códigos de diferentes linguagens, mais ou menos o que propõe Pasolini ao sugerir uma leitura semiológica do futebol. (MARQUES, 2015, p. 105)

As crônicas rodrigueanas trazem para o futebol uma inegável carga simbólica de drama e emoção (cf. SILVA, 1997). É evidente que Nelson Rodrigues desempenhou um papel pioneiro nessa forma artística de enxergar o futebol, em suas crônicas esportivas focadas geralmente no futebol carioca e na seleção nacional. O contraste “futebol força x futebol arte” foi muito utilizado pelo teatrólogo ao se referir aos embates entre equipes brasileiras e europeias, pela identificação que via da seleção brasileira com um futebol plástico, técnico e “artístico”, em contraste com um futebol europeu pautado na objetividade, truculência e “força”.

Essa dualidade seria pautada em uma *doxa*, uma experiência não sistematizada que Nelson Rodrigues transmitia através de seus textos. Apesar de não resultarem em uma delongada teorização, os textos do cronista refletiram muito do que se tornou lugar comum em diversas discussões esportivas posteriores. Assim, podemos considerá-los, de fato, como uma forma prévia da formulação do futebol em Pasolini, que trabalharia nessa dualidade de forma mais sistematizada.

De certo modo, o “futebol-prosa” nada mais é que uma formulação alternativa do que Nelson Rodrigues queria dizer ao falar em “futebol-força”. Ambos seriam mais praticados por países europeus e consistiriam na prática do futebol de forma mais sistematizada e calculada, com métodos e objetivos mais friamente estabelecidos. De modo semelhante, o “futebol-poesia” é uma expressão desenvolvida por Pasolini para dizer o mesmo que Rodrigues chamava de “futebol-arte”, buscando definir o modo como o esporte é jogado no Brasil, com “ginga”, dribles, enfeites e plasticidade. Logo, como afirma Marques, sejam formuladas de modo diverso (*doxa* x *episteme*), as ideias de Pasolini e Nelson Rodrigues não se encontram distantes.

Poderíamos pensar, talvez, que o encontro entre as teses do italiano e do brasileiro tenha uma relação com a contemporaneidade que compartilharam. O ápice desse encontro (metafórico, pois até onde sabemos Pasolini e Nelson Rodrigues jamais se encontraram pessoalmente) dos dois “pensadores” do futebol foi a final da Copa do mundo de 1970, que ambos assistiram e provavelmente torceram, cada um para sua respectiva pátria. Ambos viram o futebol brasileiro avassalador de Pelé, Tostão e Rivellino vencer com autoridade a forte e

equilibrada equipe da *Azzurra*. Talvez essa coincidência de época tenha influenciado em ambos um pensamento mais geral sobre o futebol que, na verdade, apenas refletia o quadro de um tempo específico. De qualquer modo, este tensionamento será muito importante no modo como Tostão desenvolverá seu pensamento sobre futebol em seu livro, do qual trataremos adiante. Antes, vale ressaltar como a ideia da dualidade entre estilos de jogo não morreu em Pasolini e Nelson Rodrigues e nem no tricampeonato brasileiro de 1970. Para demonstrar esse fato, evocamos um trecho de uma crônica escrita por Chico Buarque na ocasião da Copa do Mundo da França, em 1998, chamada “O moleque e a bola”:

Porém, ainda que esses times jogassem com uniformes embaralhados, penso que não seria difícil distinguir o país rico do país pobre. Os pobres são folgados, os esbanjadores, os exibicionistas, matam a bola no peito, a bola gruda ali que nem uma goma e o locutor francês faz “ôôôô, bien José, magnifique!”. Ou, como diz o locutor brasileiro, eles têm intimidade com a bola. De fato controlam, protegem, escondem, carregam a bola para cima e para baixo, e em vez da intimidade, talvez tenham ciúmes dela. Já os ricos são alunos de outra escola, uma escola prática. Recebem a bola e um-dois, tocam, recebem, desprendem-se dela, não fazem questão dela, correm soltos por toda parte. Parecem conhecer e ocupar melhor o espaço de jogo, podendo se dizer que têm intimidade com o campo. Assim, quando se enfrentam países ricos e países pobres - na Holanda eles se enfrentam dentro do mesmo time - estão se enfrentando os donos do campo e os donos da bola. (HOLLANDA, 1998)

A dualidade entre ‘donos do campo’ e ‘donos da bola’ proposta por Chico Buarque pode ser considerada como uma atualização da teoria de Pasolini. A expressão “donos do campo” (ou os “países ricos”) é uma forma de se referir ao futebol-prosa ou futebol-força, em que a prática do esporte vai por um caminho que consiste em tática, objetividade e jogadas calculadas, próprias do futebol europeu. Em contraste existem os “donos da bola” (ou os “países pobres”), que são os países que praticam o futebol-poesia ou futebol-arte, onde a jogada bonita, o drible, o domínio da bola e a profusão de gols são mais valorizados.

Embora existam diferenças entre os três modelos propostos, como por exemplo na questão dos países que jogam o futebol-poesia (para Nelson Rodrigues era uma coisa brasileira, Pasolini via isso nos países sul-americanos, já em Chico Buarque são englobados outros “países pobres” do mundo), a questão essencial é que existe uma espécie de continuidade (embora constantemente revista e questionada) dessa forma de pensar, que influenciou e continua influenciando a cultura e o pensamento esportivo no Brasil e no mundo.

3.2 - Tostão, o futebol e a dualidade

Em suas memórias, o ex-jogador Tostão buscou não apenas fazer uma reconstrução dos eventos esportivos com que teve contato, mas também uma interpretação desses fatos, à luz de suas ideias sobre o futebol, suas experiências e leituras consagradas ao tema. Sem a intenção de realizar um tratado sobre o esporte bretão, o autor constrói um olhar sobre o futebol, não necessariamente com intenções de originalidade, mas com uma postura de quem busca o bom-senso em primeiro lugar. E, nesse esforço de buscar um terreno de sensatez para um assunto tão discutido, Tostão evoca os já citados Pasolini e Chico Buarque, para então contrasta-los com seu próprio ponto de vista:

Após a Copa de 1970, o futebol brasileiro voltou a ser adorado por todo o mundo, mais ainda do que tinha sido depois das conquistas de 1958 e 1962. Estavam solidificadas a fama e a lenda da magia do futebol brasileiro, abaladas naqueles últimos anos. O cineasta e escritor italiano Pier Paolo Pasolini disse que a poesia brasileira tinha derrotado a prosa italiana. Chico Buarque escreveu que os europeus eram os donos do campo, pela organização, distribuição e posicionamento, enquanto os brasileiros eram os donos da bola, pela habilidade, fantasia e improvisação. Penso que, em 1970, o Brasil foi prosa e poesia, dono da bola e dono do campo, a união perfeita do futebol organizado e planejado com a improvisação, a fantasia e a técnica. Aquele foi um período de encantamento, começando com a seleção brasileira de 1958, seguida pela inglesa de 1966 e a brasileira de 1970, e completando-se com a seleção holandesa de 1974. (TOSTÃO, 2016, p. 78 - 79)

O autor não se compromete nem com o cineasta italiano nem com o compositor brasileiro. Em vez disso, ele se coloca em uma posição especial, diferente daquela do torcedor, uma vez que trata-se de uma equipe da qual ele próprio participou ativamente. Tostão jogou e foi titular na seleção brasileira durante a copa de 1970, possuindo portanto certa “autoridade” no que diz respeito a ela. No entanto, mesmo possuindo essa “autoridade”, ele parece evitar um confronto direto com as outras vozes, sem aderir a elas totalmente nem contrariá-las frontalmente. A postura de Tostão não é de fuga nem de combate, mas nobremente ele busca uma posição de conciliador.

A conciliação entre os dois estilos distintos de futebol, entre a “prosa” e a “poesia” pasolinianas, seria, para Tostão, a verdadeira marca do primoroso futebol apresentado pelo Brasil em 1970, junto com outras equipes desse período mágico do futebol que o autor chama de “encantamento”. Para ele, o sucesso do esporte brasileiro deveu-se a essa conciliação entre o futebol jovial e criativo, de dribles e improviso, com um desempenho organizado, calculado e bem pensado. Uma conciliação de opostos que não se excluem necessariamente, mas podem se mesclar e se articular internamente, produzindo melhores resultados.

Tentamos mostrar na sessão anterior que o esquema interpretativo de Pasolini não exclui a possibilidade de hibridizações entre suas duas categorias centrais, o que explicaria o porquê de Tostão não o contradizer frontalmente. A grande questão de Tostão com o problema das dualidades está em sua desconfiança daqueles que se fixam em apenas um lado, assumindo posturas radicais e tornando-se cegos para as possibilidades de encontro entre partes, excluindo as chances de conciliações e articulações entre elas. Para o autor o problema da dualidade dos estilos de jogos do futebol está no âmago de uma questão mais ampla sobre a essência humana, como fica claro no seguinte trecho:

O dilema entre futebol força e futebol arte, entre coletivo e individual, entre disciplina tática e a improvisação, entre a eficiência e a beleza, continua até hoje. Essa discussão tem a ver com a dúvida primordial do ser humano, presente no cotidiano e em toda a literatura mundial, entre a razão e a imaginação, entre a ética e o desejo, entre o real e simbólico, e várias outras dualidades.

No futebol, os operatórios, utilitaristas, pragmáticos, apaixonados pela prancheta, pelos números e por uma única razão que explique os resultados e as atuações das equipes, estarão sempre em desacordo com os românticos, idealistas, sonhadores, apaixonados pela beleza e pelo mistério.

Sou um homem racional e sonhador. Vivo em, conflito com os dois olhares e sentimentos. Os dois são essenciais, mas, com frequência, não combinam. Um quer saber mais que o outro; um quer ser mais importante que o outro. (TOSTÃO, 2016, p. 91)

A dialética entre opostos chega à sua conclusão a partir da hipótese de uma convivência pelo menos relativamente pacífica. O futebol ideal para Tostão é aquele que, ao mesmo tempo, é disciplinado e fantasiado, aquele que possui simultaneamente tanto a organização tática quanto a improvisação. O autor compreende os problemas que a busca pela conciliação traz, mas nem por isso foge de sua posição. O ser humano e o universo estão em constante situação de conflito, mas nem por isso a possibilidade de acordo entre partes se torna impossível. Existe uma diferença entre ser hipócrita e tentar conciliar aspectos diversos que não necessariamente se contradizem. Para o autor, a paz é possível e desejável. Em outras palavras, como aparece no já citado “Dicionário Tostão de Futebol”, “só a utopia nos salva e salva o futebol” (YOSHIOKA, 2010, p. 123).

Como vimos, os dilemas essenciais da humanidade e da literatura estão relacionados ao futebol no pensamento de Tostão. A busca clássica entre o “ser” e o “não ser” (que repercute Parmênides ou Hamlet) está metaforizada no confronto entre o “futebol força” e o “futebol arte”, estilos que muitas vezes não se encontram, mas que estão sempre presentes quando se busca o futebol mais bem jogado possível. A seleção de 1970 não era perfeita, mas a união de grandes craques do “futebol-poesia” com uma organização ao estilo “futebol-prosa” permitiu

um ótimo desempenho, que levou a equipe a se tornar campeã do mundo. Corroborando esse pensamento, o autor afirma: “Não dá para separar a forma do conteúdo. Os dois são essenciais.” (TOSTÃO, 2016, p. 59). Afinal, não é possível imaginar uma boa equipe de futebol que só tenha um desses fatores a seu favor, ignorando completamente o outro, assim como na vida é impossível viver só racionalmente ou fantasiosamente, é necessário e benéfico um equilíbrio entre essas forças aparentemente opostas.

A busca ética (que já foi trabalhada no capítulo anterior) possui a mesma fórmula dessa busca pelo bom futebol: o bom-senso e o equilíbrio como objetivos a serem procurados. Tostão afirma constantemente que “a perfeição não existe” (frase que é, inclusive, o título de uma de suas coletâneas de crônicas), mas isso não é justificativa para o fim de sua busca. Miramos o ideal e caminhamos em direção a ele, e assim realizamos a boa vida e o bom futebol, na busca pela conciliação de um aparente conflito entre dois polos opostos. Na vida é necessário saber o momento de ser sonhador e o momento racionalizar, assim como em uma partida, em que qualquer pequeno detalhe ou decisão podem afetar criticamente todo o contexto. Tendo isto em mente, a união entre forças que originalmente não se coadunam pode ser a solução para Tostão. No futebol existem momentos em que uma equipe se favorece com uma jogada artística ou uma improvisação certa, ao mesmo tempo em que uma organização calculada pode ser essencial em outro momento da mesma partida. É necessário saber quando um lado de uma dualidade deve sobrepor-se ao outro. Este discernimento é essencial tanto no futebol quanto na vida prática das pessoas, na qual analisar o contexto de uma situação antes de tomar uma atitude é tão importante quanto saber equilibrar e conciliar instintos muitas vezes opostos e contraditórios.

Interessante notar que essa concepção ética de Tostão repercute o pensamento de Aristóteles em sua *Ética a Nicômaco*, livro no qual o filósofo grego afirma que: “Conclui-se ser a virtude um estado que leva à prévia escolha e que consiste na mediania relativa a nós, sendo isso determinado pela razão, isto é, como a pessoa dotada de prudência o determinaria”. (ARISTÓTELES, 2014, p. 93). Assim como o pensador antigo, o ex-jogador brasileiro também encara a postura ética como um afastar-se dos extremos, buscando na “mediania” virtuosa e racional um bom caminho para a vida.

Nessa busca pela conciliação entre a “prosa” e a “poesia”, Tostão caminha por toda a sua memória e pelo futebol que viveu. Partindo das primeiras grandes equipes que viu mais de perto (no caso, o Brasil de 1970, a Inglaterra de 1966 e a Holanda de 1974), e que eram junções do futebol-prosa com o futebol-poesia, para o início do que ele chama de futebol “científico e planejado”, que teve essas equipes históricas como inspiração (TOSTÃO, 2016, p. 89). A partir

dessas equipes marcantes em sua história, o futebol apresentou um desenvolvimento mais acentuado das ideias próximas ao que podemos identificar com o “futebol-prosa”. Foi, para Tostão, uma época em que o futebol procurou ser mais calculado, organizado e tático, acabando por se tornar menos técnico e mais pragmático. Esse período foi marcado por equipes da seleção brasileira sem muito encanto e que foram derrotadas por enfrentarem seleções melhores, com a excessão marcante de 1982, na Copa disputada na Espanha:

Esse período de grande desenvolvimento científico do futebol - entre mais ou menos 1974 e 1994, estendendo-se até 2002 - foi, paradoxalmente, o de pior qualidade técnica, com uma excessiva preocupação com o jogo pragmático e com a marcação. Como a vitória valia dois pontos - a regra mudou na Copa de 1994, quando a vitória passou a valer três pontos, e o empate continuou valendo um ponto -, era mais seguro não arriscar. O empate era bom. Um time esperava o outro, e nada acontecia. O futebol ficou chato e sem gols, em todo o mundo. Nessa época, o Brasil perdeu as Copas de 1978, 1982, 1986 e 1990. Com exceção de 1982, o Brasil perdeu porque havia outras seleções melhores. Não houve surpresas. (TOSTÃO, 2016, p. 90)

A já citada “tragédia do Sarriá” foi marcante para Tostão por ter levado a um resultado inverso ao acontecido em 1970, na visão de Pasolini (que não pôde ver a Copa na Espanha, quando a seleção de seu país eliminou o Brasil e posteriormente sagrou-se campeã, pois foi brutalmente assassinado em novembro de 1975). Se na Copa do México em 1970 “a poesia brasileira venceu a prosa italiana”, o autor mineiro afirma que “em 1982, a prosa italiana venceu a poesia brasileira”, acrescentando que “essa equipe do Brasil de 1982, a holandesa de 1974 e a húngara de 1954 contrariam o lugar-comum de que a história é sempre contada pelos vencedores” (TOSTÃO, 2016, p. 94). A inversão, portanto, serve como refutação do que Pasolini afirmou quando disse que o futebol mais poético é o que resulta em mais gols. Em 1982, o prosaico futebol italiano resultou em três gols de Paolo Rossi, enquanto o poético futebol brasileiro resultou apenas em dois, um de Sócrates e o outro de Falcão.

A seleção canarinho que foi a Espanha se tornou célebre no mundo do futebol por ter sido uma equipe que “perdeu a Copa mas encantou o mundo”, o que justifica a afirmação de Tostão quando diz que foi um time exemplar, contrariando o lugar-comum de que a história é contada por vencedores. O futebol-poesia brasileiro foi derrotado, mas pode-se dizer que é mais lembrado em todo o mundo que o futebol-prosa italiano que o derrotou. Tostão não desmerece a Itália, que considera uma “excepcional equipe”, mas deixa claro que considera que o Brasil era superior, de modo que, se houvesse várias partidas entre os dois times, a seleção brasileira ganharia a maioria (TOSTÃO, 2016, p. 96):

Temos o hábito de achar sempre uma única razão para tudo, como a de que a Seleção (de 1982) perdeu porque não teve cuidados defensivos, quando deveria segurar a vantagem do empate contra a Itália. Os três gols de Paolo Rossi saíram de lances pontuais, de erros isolados e pelos méritos do time italiano. Se o Brasil jogasse várias vezes com a Itália - que tinha também uma excepcional equipe, tanto que foi campeã -, ganharia a maioria das partidas. (TOSTÃO, 2016, p. 96)

O autor não deixa de apontar erros na seleção de 82, como por exemplo a escolha do centroavante, que deveria ter sido alguém mais talentoso que Serginho Chulapa, como Careca ou Reinaldo, que estavam contundidos na época (TOSTÃO, 2016, p. 95). Apesar dessas ressalvas, Tostão não deixa de elogiar o técnico da equipe, Telê Santana, que “gostava de vitórias e do belo e bom futebol” (TOSTÃO, 2016, p. 96). Afirmação que nos permite inferir uma preferência do autor por um futebol que, como afirmamos anteriormente, traz os pontos positivos da “poesia” e da “prosa”, do jogo bonito e tecnicamente bem jogado e da boa organização tática em busca da vitória. Neste sentido, parece que, embora Tostão qualifique a seleção de 82 como praticante do “futebol-poesia”, não podemos entender tal afirmação de forma muito radical. Parece que, de modo similar à equipe de 70, o time de Telê unia pontos de “poesia” e de “prosa”, resultando em uma seleção excepcional, mas não perfeita (o que não existe), e que acabou derrotada em uma partida atípica.

A união entre os dois estilos de futebol, como ocorreu nos times do Brasil de 1970 e 1982, parece ser o ideal de Tostão para uma boa e equilibrada equipe de futebol: a união da arte e da improvisação com a disciplina e a organização tática. Mesmo que não saia vencedora, como aconteceu em Sarriá, a união desses fatores favorece as chances de vitória e da prática de um belo jogo. Além disso, fica explícito no pensamento do autor que, do seu ponto de vista, a tendência dos tempos mais recentes (no período que começa após a Copa do Mundo de 1994, mas especialmente após a Copa do Mundo de 2002) é a busca de um futebol que resulte de uma conciliação entre os dois estilos:

Os últimos vinte anos, especialmente após a Copa de 2002, foram de tentativa de conciliação - que persiste até hoje e que nunca vai acabar - entre o estilo de jogo predominante no período de 1954 a 1974, de mais improvisação, habilidade e fantasia, e o dos vinte anos seguintes, de 1974 a 1994, de mais organização, disciplina tática, força física, planejamento e jogadas ensaiadas. (TOSTÃO, 2016, p. 113)

A primeira fase tratada por Tostão, delimitada entre 1954 e 1974 e chamada pelo autor de “encantamento”, foi o período de predomínio do “futebol-poesia”, pois o esporte era jogado de forma mais lúdica, com mais liberdade para lances belos e plásticos. Já na segunda fase, chamada de “*intermezzo*”, entre 1974 e 1994, a hegemonia ficou com o “futebol-prosa”, em

que as equipes tendiam a se submeter a uma organização tática e a um planejamento prévio mais rígidos, aos quais os jogadores obviamente seguiam.

Nesta lógica, o sentido do título “Conciliação” para a terceira fase, situada entre 1994 ou 2002 e os dias atuais, fica claro. O período em questão é quando mais exemplarmente podemos ver uma tentativa de união entre o “futebol-prosa” e o “futebol-poesia”, a junção de um jogo bonito de dribles, passes e gols com a frieza de um plano tático e técnico para os acontecimentos em campo.

Vale ressaltar, no entanto, que nas melhores seleções das duas fases anteriores a “conciliação” tenha deixado sua marca, destoando da tendência predominante em sua época. Equipes como o Brasil de 1970 e a Holanda de 1974 foram revolucionárias no momento em que o futebol jogado era outro, e por isso influenciaram o mundo (TOSTÃO, 2016, p. 151).

Por considerar o escrete de 1970 não apenas como uma equipe de jogadas mágicas, mas também como uma equipe extremamente organizada, Tostão deixa claro que a grande novidade dessa seleção foi a de unir a “poesia” com a “prosa”, adiantando-se em décadas ao que mais tarde se tornaria uma tendência global. De modo análogo, podemos considerar a seleção de 1982, que jogou em uma época em que o futebol reinante era o prosaico, destacou-se por incluir a poesia de jogadores excepcionais em um plano tático bem elaborado por Telê Santana, o que não impediu sua derrota para a boa seleção italiana. O que mostra, mais uma vez, que a união entre “prosa” e “poesia” no futebol não é a perfeição, pois esta não existe, mas uma “busca eterna” por um ideal impossível, resultando em jogo melhor jogado, mais ainda imperfeito, como sempre será.

Entretanto, a busca por essa conciliação não é sempre bem feita. Frequentemente, mesmo nos tempos atuais, podemos ver um desses arquétipos tomar conta da conjuntura do futebol e torná-lo mais previsível e menos interessante. Um exemplo disso, para Tostão, foi a Copa do Mundo de 2006, que deu ao autor a oportunidade para criticar a troca dos “dribles” pelos “passes” como tendência dos times no Mundial:

Durante a Copa de 2006, levei um susto. O futebol tinha mudado em relação ao Mundial de 2002, com grande aumento no número de passes e diminuição do número de dribles. O jogo ficou mais técnico e mais programado, menos habilidoso e menos imprevisível. Essa é uma das razões da queda de eficiência do futebol brasileiro. A habilidade e a fantasia deixaram de ser determinantes no resultado, e o passe tornou-se mais importante do que o drible. Isso é hoje mais marcante. O passe é feito cada dia com mais segurança, para não perder a posse de bola. (TOSTÃO, 2016, p. 137)

Essa diminuição do número de dribles, acompanhada por um aumento dos passes, era uma tendência que se afastava da conciliação proposta por Tostão, gerando uma variação mais

prosaica e desinteressante do futebol contemporâneo. A preferência foi dada a jogadores que erram menos passes, em detrimento daqueles que se arriscam em dribles e jogadas criativas e fantasiosas. Em outras palavras, o autor critica a excessiva valorização de jogadores que saibam o “arroz com feijão”, o básico da prática futebolística, em vez de jogadores que possam “tirar um coelho da cartola”, que façam jogadas excepcionais em qualquer momento da partida, que sejam exímios dribladores e joguem “poeticamente”.

Um exemplo dessa tendência prosaica do período de conciliação é dado pela figura do técnico Carlos Alberto Parreira, que foi vitorioso no comando da seleção em 1994, mas não conseguiu repetir o mesmo sucesso em 2006, quando voltou à “amarelinha”. Em 2006 a seleção contava com craques como Kaká, Adriano, Ronaldinho e Ronaldo, sob o comando de um técnico cujo sonho parecia ser o de “trabalhar com uma equipe com um perfeito equilíbrio, em que tudo fosse planejado, certinho, previsível e que tivesse menos craques” (TOSTÃO, 2016, p. 136). Parreira parecia desejar uma equipe menos talentosa e com menos jogadores “poéticos”, em favor de um estilo de jogo mais “prosaico”, mais previsível e linear. A situação de Parreira ganha assim um tom irônico, uma vez que qualquer técnico gostaria de ter os craques que ele teve à disposição, menos o próprio Parreira (WISNIK, 2023, p. 391). Talvez por isso, dentre outros fatores, a seleção de 2006 tenha sido um fracasso tão retumbante, apesar de possuir jogadores do mais alto escalão do futebol mundial naquele momento.

A própria concepção do que seja um “craque” é outro ponto interessante do pensamento de Tostão sobre o futebol. Geralmente, pensamos no craque como um jogador excepcional e de caráter essencialmente poético, um mágico que faz suas maravilhas sem avisar e pode mudar o destino uma partida em poucos segundos. Mas, desviando-se sutilmente desse lugar-comum, a definição que Tostão traz para o jogador excepcional equaciona de maneira ligeiramente diferente a dualidade fundamental entre os estilos de futebol:

Os grandes jogadores reúnem, em proporções variáveis para cada um, muita técnica, habilidade e criatividade, além de ótimas condições físicas e emocionais. A habilidade é a intimidade com a bola diante do adversário, a capacidade de criar efeitos especiais. A técnica é a execução dos fundamentos da posição, além da lucidez para tomar decisões certas. A criatividade é a antevisão da jogada, a capacidade de inovar, de surpreender. O talento é a síntese de tudo isso. Muitos confundem habilidade e criatividade com talento. Existem craques com pouca habilidade, mas não há craques sem excepcional técnica. Pelé foi o melhor de todos os tempos porque tinha, no mais alto nível, todas essas qualidades. Pelé foi tão espetacular que atingiu o máximo, a total simplicidade para jogar. (TOSTÃO, 2016, p. 145 - 146)

Novamente nos encontramos com a conciliação, embora de maneira um pouco mais discreta que nos exemplos anteriores, pois o autor não usa explicitamente os mesmos termos

antes empregados. Podemos, no entanto, estabelecer uma associação entre os pares técnica e habilidade, por um lado, e “prosa” e “poesia”, por outro. A técnica é entendida pelo autor como “execução dos fundamentos da posição”, o que indica uma relação com o futebol chamado de “prosaico”, um futebol linear em que todos exercem suas funções programaticamente. Já a habilidade é definida por Tostão como a “capacidade de criar efeitos especiais”, ou seja, fica claro como ela é claramente relacionada ao futebol dito “poético”, pois privilegia as belas e inesperadas jogadas. Porém o grande jogador, como o exemplo máximo de Pelé, deve unir a “prosa” com a “poesia”, o jogo calculado da sua posição com a capacidade mágica de tirar jogadas da sua criatividade. O craque deve unir a habilidade com a técnica, do mesmo modo que o bom futebol une a inventividade com a organização.

Mantendo viva sua ideia de conciliação entre perspectivas como o modo ideal do jogo ser jogado, Tostão destaca equipes que foram excepcionais por terem realizado essa união de modo equilibrado e as vezes inovador. Além do exemplo da seleção brasileira de 1970, o autor evoca uma equipe que tem sido muito aclamada nos dias atuais: o Barcelona de Josep Guardiola. A forma de jogar desse time influenciou grandes equipes que vieram posteriormente. Seguindo uma linha já iniciada por Rinus Michels, Johann Cruyff e outros (TOSTÃO, 2016, p. 150), Guardiola criou um estilo de jogo que torna os times “mais eficientes, sem perder a beleza” (TOSTÃO, 2016, p. 151). A revolução causada por essa equipe se deve, mais uma vez, à união entre esses dois fatores essenciais: a eficiência de um jogo calculado e programático, de um futebol-prosa, e a beleza de um jogo surpreendente e mágico, de um futebol-poesia. O equilíbrio entre esses dois fatores faz o belo e vitorioso futebol para Tostão.

Para o autor mineiro, a forma do jogo vitorioso e belo se diferencia também por condições geográficas. Desse modo, amplia-se o diálogo entre Tostão e Pasolini, especialmente com a afirmação do cineasta de que os sul-americanos têm uma tendência para o futebol-poesia, enquanto os europeus se inclinam para o futebol-prosa (PASOLINI, 2005). No entanto, o ex-jogador tenta analisar a questão de uma forma mais sóbria e elucidativa para os dias atuais:

Enquanto os times europeus são mais organizados, compactos e coletivos, com mais trocas de passe da defesa para o ataque, os brasileiros e os sul-americanos vivem mais de lances isolados e individuais e de estocadas. Por causa dessa diferença, predominam no futebol europeu os grandes armadores, como Iniesta, Kroos, Pogba, Modric, Xabi Alonso, Xavi e outros. Já no futebol sul-americano, destacam-se mais os atacantes agressivos, dribladores, habilidosos, improvisadores. O melhor trio ofensivo do mundo, talvez de toda a história, é formado pelo argentino Messi, pelo uruguaio Suárez e pelo brasileiro Neymar. A solução não é seguir a racionalidade e a técnica europeia nem a paixão e a improvisação sul-americana, mas sim unir o passe com o drible, a técnica com a habilidade e a realidade com a utopia. (TOSTÃO, 2016, p. 176)

Com base em exemplos como o icônico “trio MSN”, formado por sul-americanos (Messi, Suárez e Neymar), e da coleção de armadores nascidos em solo europeu, Tostão nos leva a uma reflexão sobre a durabilidade daquilo que Pasolini afirmou sobre os estilos de cada continente. A princípio, o autor parece concordar que existe uma tendência na América do Sul para esse futebol de dribles, mais agressivo e de ataque, enquanto na Europa ocorre uma tendência para um futebol mais organizado e tático. Em suma, o autor endossa a afirmação de Pasolini. Fica implícito que isso ocorre desde pelo menos os anos 1970, quando Pasolini escreveu seu artigo, até os dias atuais, quando surgem os exemplos lembrados por Tostão.

A solução proposta pelo autor não é nenhuma novidade: novamente se trata da conciliação. Mais uma vez, o melhor caminho seria a busca por uma conciliação entre os estilos de jogo europeu e sul-americano, uma união entre o futebol-prosa e o futebol-poesia, desta vez metaforizada na afirmação da possível união do “passe com o drible”, da “técnica com a habilidade” e da “realidade com a utopia”. Todas essas dualidades podem ser relacionadas com a dualidade pasoliniana que, em constante conflito, não deixa de se completar na busca pela excelência proposta por Tostão, na procura por um futebol que una a fantasia com a tática e a organização com a improvisação.

Porém, de forma geral Tostão possui uma visão crítica em relação a qualquer generalização simplista e tenta fugir dos lugares-comuns na maior parte de seu livro. Falando especificamente sobre a crise no futebol brasileiro, o autor tece uma crítica aos “saudosistas” que vivem falando de uma volta ao futebol do passado:

Os saudosistas falam que o Brasil precisa recuperar a essência e voltar a jogar como nos anos 1960 e 1970. O futebol mudou. Temos que olhar e aprender com o passado, mas sem repeti-lo. É preciso separar a nostalgia, a saudade, um delicioso sentimento, do saudosismo de achar que tudo no passado era melhor. Os saudosistas possuem o hábito de idealizar um passado que nunca existiu. Por causa da globalização e por ter jogadores de todos os países espalhados pelo mundo, não existem mais as diferenças marcantes de estilo que havia antes. Há apenas particularidades de cada país e de cada continente. Os estilos são de jogar bem ou não, de recuar e contra-atacar ou de dominar a partida, ter a posse de bola e pressionar. Melhor ainda são as equipes que unem os dois estilos em uma só partida. O que ocorreu foi que ficamos defasados. Precisamos recuperar a imaginação e a fantasia, mas com planejamento, organização e disciplina. (TOSTÃO, 2016, p. 193)

A crítica do autor se concentra em uma mitificação que ocorre quando se fala de seleção brasileira, um pensamento saudosista que almeja repetir o mito do passado no presente, como solução para a atual crise no futebol brasileiro. Para Tostão, as diferenças entre os países são menores mas ainda existem, o que explica o fenômeno citado anteriormente, de surgirem mais armadores na Europa e mais atacantes na América do Sul. Porém, as diferenças se tornaram

menos evidentes, e o Brasil não possui mais um estilo próprio, que apenas ele conhece. Se o projeto é reafirmar o futebol brasileiro como excepcional no cenário mundial, a solução se tornou mais complexa.

A solução que Tostão propõe para a ressurreição do futebol brasileiro passa novamente, como seria de se esperar, pela conciliação entre estilos opostos de jogo: recuperar uma fantasia dos “tempos áureos” do futebol brasileiro e manter uma organização e uma disciplina tática que aprendemos com os europeus. Em outras palavras, seria um processo de unir o futebol poético que tornou o Brasil famoso nas décadas anteriores com o futebol prosaico desenvolvido pelos europeus.

4 - O FUTEBOL-ARTE E A IDENTIDADE BRASILEIRA NA VISÃO DE TOSTÃO

4.1 - O Brasil, os brasileiros e o futebol

A questão da identidade brasileira sempre foi um problema difícil para todos os pensadores que se dedicaram a ela. Afinal, como identificar um povo tão múltiplo e diverso? Quando pensamos essa questão em relação ao futebol, nos deparamos com problemas semelhantes: Como a identidade brasileira se manifesta no futebol? O futebol é muito provavelmente o esporte mais popular do Brasil, mas como saímos dessa simples afirmação factual para relacioná-lo a uma suposta identidade nacional, tão utópica quanto procurada? Não pretendemos responder essas questões, mas tratar de um modo panorâmico algumas perspectivas que trabalharam com o futebol brasileiro como algo que pode dizer algo sobre o que é o Brasil e os brasileiros.

Um dos primeiros pensadores a se dedicar (ainda que brevemente) ao tema do futebol brasileiro foi o importante sociólogo Gilberto Freyre (2009). Em uma publicação do jornal *Diário de Pernambuco* datada de junho de 1938, ele esboça uma definição do que seria esse tipo de esporte jogado ao “modo brasileiro”:

O nosso estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de brilho e de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo *mulatismo* de que Nilo Peçanha foi até hoje a melhor afirmação na arte política. Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, o alguma coisa de dança e capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e às vezes adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e os sociólogos o *mulatismo flamboyant* e, ao mesmo tempo, malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil. (FREYRE, 2009, p. 309)

A ideia de um “*foot-ball* mulato” (que é inclusive o título original do artigo de Freyre) passa pela relação com a política de Nilo Peçanha, que foi o 7º presidente do Brasil, entre 1909 e 1910, e o primeiro e único mulato presidente do país, até o momento da escrita do texto de Freyre. O ex-presidente expressaria na política um estilo que se manifestaria também em campo, pelo modo como o esporte era jogado pelos mulatos do país: um futebol de “despistamentos” e “floreios com a bola”, frutos de habilidades desenvolvidas pela “dança e capoeiragem” e marcado pela icônica “malandragem” brasileira.

A base dessa concepção do futebol como expressão identitária, portanto, se encontra em suas relações com certos traços raciais e sociais da sociedade brasileira, fortemente marcada

pelas diferenças sociais e pelo preconceito racial, pontos cruciais no processo de inserção do negro no mundo esportivo brasileiro. As dificuldades e lutas que o negro enfrentou para se ver inserido no universo esportivo foi dramatizada pela figura maior da história da mídia esportiva brasileira, o jornalista Mario Filho, em seu clássico livro *O negro no futebol brasileiro*. A obra destaca-se por colocar em foco a “trajetória dos jogadores negros e mulatos, a luta pela superação das barreiras raciais que impediram seu acesso aos principais clubes e ligas esportivas do país e o surgimento do estilo futebolístico brasileiro, que teria possibilitado a ascensão social desses atletas” (SILVA, 2006, p. 170).

De certa forma, Mario Filho segue a linha de Freyre (que inclusive escreveu o prefácio da primeira edição de *O negro no futebol brasileiro*), estabelecendo uma conexão entre o caráter lúdico do jogo brasileiro, com seu estilo descontraído e plasticamente livre, e o fato do Brasil ser um país predominantemente mestiço, com forte influência dos afro-descendentes, refletida na capoeira e outras manifestações culturais. Tradições herdadas de um passado no qual os africanos eram trazidos à força para o continente americano e escravizados. Essas influências, vindas do outro lado do oceano Atlântico, teriam se mesclado ao costume europeu do jogo de *foot-ball*, de modo análogo à figura típica do povo brasileiro, que nasceu de uma miscigenação ocorrida no território nacional. O estilo futebolístico brasileiro seria, então, tributário de uma miscigenação entre os costumes e tradições herdadas de dois povos (o afro-descendente e o europeu), dando origem a uma manifestação intrinsecamente brasileira: o futebol. O futebol brasileiro não era capoeira nem era o *foot-ball*, mas era algo novo, que tinha elementos herdados de ambos os povos antecessores.

Essa miscigenação de raças/etnias, representada pela figura do “mulato” como símbolo desse novo modo de se jogar o futebol, seria a base de pensamentos como os de Gilberto Freyre e Mario Filho. Uma ideia que rendeu intensos e extenuantes debates, realizados por décadas nos campos do jornalismo, das artes e dos estudos acadêmicos. Não é nosso interesse, neste trabalho, um aprofundamento maior nesta discussão, mas apenas reconhecer sua importância fundamental no modo como o futebol esteve presente na história brasileira. Vale à pena, no entanto, destacar alguns dos momentos mais interessantes desse debate.

Em seu pioneiro livro *História política do futebol brasileiro*, Joel Rufino dos Santos (1981) afirma, por exemplo, que o governo brasileiro estimulou a troca da capoeira pelo futebol nas primeiras décadas do século XX (SANTOS, 1981, p. 26), demonstrando a presença de uma ligação de fato entre o esporte e a política, já naqueles primeiros anos da história futebolística brasileira. Nas décadas seguintes, por meio de complexos processos políticos, sociais e culturais, o futebol se popularizou no Brasil, e por isso foi se distanciando de sua versão mais

européia e elitizada. Como afirma o autor, o “futebol à europeia, medido e violento, foi desmoralizado entre os anos 1910 e 1930”, época em que “milhares de jogadores de pelada, ao ingressarem nos clubes antigos, ou fundarem os seus próprios, impuseram outra forma de jogar: à brasileira” (SANTOS, 1981, p. 27). Fica evidente, portanto, a relação estabelecida por Santos entre o modo como o futebol foi inicialmente absorvido e entendido no Brasil e questões de cunho social, histórico e racial.

Outro autor que foi bastante influente nos estudos sobre o futebol no Brasil é o já citado Anatol Rosenfeld (1993), que também destaca a importância dos fatores sócio-culturais externos para o entendimento da história do esporte mais popular do país e do surgimento dessa forma mais “moleque”, “livre” ou “artística” de jogá-lo:

A famosa elasticidade do mulato deriva de sua posição entre as raças e do seu desejo de fixar um *status*, de desempenhar um papel que as camadas dominantes não estão dispostas, sem mais aquela, a lhe conferir. Daí o “mulato pernóstico” que adere “à pompa e à pose e cuja linguagem se compraz em torneios rebuscados e amaneiradas flores de retórica”. Transposto para o futebol, isso resulta numa retórica física do tipo mais brilhante, numa dança ornamental de artimanhas espertas, manobras sabidas e truques manhosos, de capoeira - a louvada “malícia” - à troça maliciosa, muitas vezes perigosa, ladina, daquele que prega uma peça no outro, desviando-o astutamente do caminho. Pois a astúcia também pertence ao ídolo - aquela astúcia dos heróis homéricos, de que se serve Antíloco na corrida de carros, antecipando-se a Menelau, “pela manha, não pela rapidez” e da qual mesmo o árbitro Aquiles, na atribuição do prêmio, não está totalmente livre. (ROSENFELD, 1993, p. 100)

A ideia do estilo brasileiro de futebol como resultado da miscigenação entre raças está presente também aqui, onde Rosenfeld ecoa o pensamento de Freyre segundo o qual o futebol brasileiro é marcado pela “malandragem” típica da cultura do país (relacionada pelo autor também com a capoeira). Essa arte da “enganação” ou de “ludibriar” é uma imagem que teria sido potencializada pelos grandes dribladores no futebol brasileiro, cujo exemplo máximo foi Mané Garrincha. O drible aparece aí como um engano, uma “artimanha” ou malandragem orquestrada por um jogador para enganar seu adversário. Do mesmo modo que os heróis homéricos citados por Rosenfeld, os craques do futebol brasileiro foram exaltados por saberem usar sua esperteza para vencer adversários aparentemente mais fortes.

Foi, portanto, esse “culto à astúcia” que inicialmente pautou o pensamento sobre a identidade do futebol brasileiro. Uma forma de lidar com as adversidades e obstáculos com os quais um jogador se encontra em uma partida. A habilidade de estar diante do adversário e driblá-lo, passando por outro e outro até chegar ao momento sublime do gol, se tornou um verdadeiro mantra do futebol no Brasil, que passou a ser chamado de “futebol-arte” pela beleza

plástica desses lances que, em contraste com o futebol jogado pelos europeus, eram considerados mais “belos”.

Ao tratar da “especificidade do futebol brasileiro”, o antropólogo Roberto DaMatta destaca como a noção de “jogo” foi assimilada pela sociedade brasileira, de forma diferenciada em relação a outros países (DAMATTA, 1982, p. 55 - 56). O autor elabora brevemente uma nota sobre o estilo brasileiro de se jogar futebol, importante em seu pensamento sobre a “dramatização” do esporte:

Paralelamente, sabemos que o futebol brasileiro se distingue do europeu por sua improvisação e pela individualidade dos jogadores, que têm, caracteristicamente, um alto controle da bola. Deste modo, o futebol é, na sociedade brasileira, uma fonte de expressão individual. Realmente, é pelo futebol praticado nas grandes cidades que o povo brasileiro pode se sentir pessoalizado. Do mesmo modo, é dentro de um time de futebol que um membro da massa anônima e desconhecida, o chamado “povão”, pode tornar-se uma estrela e ganhar o centro das atenções como pessoa, como personalidade singular, insubstituível e capaz de despertar atenções. (DAMATTA, 1982, p. 56)

A distinção entre o futebol europeu e o brasileiro funciona, novamente, como um modo de identificação do segundo pela diferença com o primeiro. Diferentemente do futebol jogado no “velho mundo”, o brasileiro joga improvisando, com alto grau de inventividade e individualidade. Por isso, é por meio do futebol que o brasileiro consegue sua identificação como povo “pessoalizado”; é a partir dele que o povo pode realizar sua “catarse”, como afirmaria Rosenfeld anos antes. Algumas vezes, uma grande massa popular pode se ver representada por apenas um indivíduo que consegue seu momento maior de glória ao marcar um gol no último minuto em um clássico muito disputado.

Essa identificação não se resume apenas ao fato de os jogadores representarem os indivíduos de fora do campo, como uma materialização física singular de todo um povo. Pois o modo como se joga o futebol no país ecoa os mais profundos traumas e emoções desse povo, que não só assiste, mas que também sente o jogo. A partir de Damatta podemos entender como os traumas históricos da sociedade brasileira (por exemplo a escravidão) se encontram projetados em um modo de jogar o futebol identificável pelo público popular, um estilo malandro, descontraído e malemolente. Esses aspectos, em conjunto e praticados tanto em competições profissionais quanto em jogos de várzea, deram origem à mitologia do “futebol-arte” brasileiro. Um mito tão repetido que se tornou um lugar-comum, reelaborado e replicado por inúmeros intérpretes, desde Gilberto Freyre e Mario Filho até Anatol Rosenfeld e Roberto DaMatta, como tentamos mostrar sinteticamente.

Vale destacar o futebol brasileiro, em seus tempos áureos, possuía de fato diferenças estilísticas em relação ao futebol de outros países, afinal não foram apenas Mário Filho e Gilberto Freyre que destacaram essas particularidades. Essa distinção foi repetida inúmeras vezes, como por exemplo pelo irmão de Mario Filho, o cronista e teatrólogo Nelson Rodrigues, e pelo cineasta Pier Paolo Pasolini. A ideia de um estilo brasileiro de jogar o futebol ganhou repercussão nas páginas de jornais e livros, em filmes, canções populares, na voz de radialistas e até nas conversas típicas do dia-a-dia de pessoas comuns no país. Em suma, a ideia do jogo artístico que o brasileiro joga se cristalizou no imaginário popular, pois foi repetida à exaustão até se tornar um aspecto da identidade do povo brasileiro e da forma como ele enxerga o futebol e a si mesmo.

4.2 - Tostão e o estilo brasileiro de futebol

Tal como em relação a tantos outros lugares-comuns, Tostão possui uma postura analítica e sóbria sobre a possibilidade de um “estilo brasileiro” de se jogar futebol. O tema aparece inicialmente já no primeiro capítulo de seu livro e volta muitas vezes nas situações em que a problema do futebol brasileiros ganha contornos complexos. Na conclusão do primeiro capítulo de suas memórias, o ex-jogador reflete sobre essa questão, colocando-a sob a ótica de uma “retórica da perda”. A ideia é a de que realmente existiu um estilo único do brasileiro jogar futebol, um estilo mais “artístico” e “plástico” que foi se perdendo com o decorrer do tempo e das mudanças no futebol:

Alguns pensadores relacionam o estilo descontraído e irreverente e a improvisação do futebol brasileiro com a brincadeira e a falta de compromisso - da mesma forma como alguns escritores, como Machado de Assis, definiram o homem brasileiro. Esses e tantos outros motivos foram determinantes para a criação do estilo brasileiro de jogar, único, que se perdeu progressivamente ao longo do tempo. Hoje, estamos sem identidade, sem saber onde estamos nem para onde vamos. (TOSTÃO, 2016, p. 20)

Neste trecho, Tostão assume uma postura similar à de pensadores anteriores a ele, como Damatta e Rosenfeld. Embora o autor não relacione explicitamente o estilo “único” do futebol brasileiro com a questão racial (como fizeram Mario Filho e Gilberto Freyre), ele admite claramente a existência desse modo de expressão esportiva própria do Brasil, diferente dos demais países. O brasileiro possui um modo diferente de jogar futebol, um estilo próprio desenvolvido no nosso país a partir de uma postura mais “artística” dos jogadores, como fica claro nesta definição de “futebol brasileiro” apresentada por Tostão em suas crônicas e glosada por Yoshioka em seu “Dicionário Tostão de futebol”:

Futebol brasileiro - Mesmo se essa fosse a maneira mais eficiente [marcar mais atrás e com mais jogadores para depois contra-atacar] de vencer a maioria das partidas, haveria uma descaracterização do futebol brasileiro, na perda da identidade, da fantasia, do encanto e da capacidade de iludir, de deixar após o jogo a sensação de mistério, de algo que não se explica. (YOSHIOKA, 2010, p. 112)

Na visão do ex-jogador, o estilo brasileiro de futebol está intimamente ligado com a ideia de uma identidade do “homem brasileiro”, tal como definiriam escritores como Machado de Assis. Aparentemente, para Tostão, o futebol brasileiro era irreverente e brincalhão porque o homem brasileiro também seria assim. Desse modo, podemos traçar um paralelo entre as ideias de Freyre sobre o futebol brasileiro, no sentido de que ele está intimamente ligado aos processos históricos e sociais da sociedade e dos indivíduos que vivem no país. As trajetórias de vida que levaram aqueles indivíduos até o esporte influenciaram também o modo como eles o praticaram, bem como os demais aspectos de sua vida social e cultural. O caminho do lúdico, do malandro e do indolente futebol brasileiro passa pelas trajetórias sociais de seus indivíduos. A prática do futebol está intimamente ligada à identidade construída por este povo em seu processo histórico.

No entanto, como observa Tostão, após a criação desse estilo brasileiro de jogar futebol o caminho não foi o de um progresso e de uma ascensão contínua, como alguns otimistas poderiam imaginar. Apesar de alguns desastres históricos como a final da Copa de 1950 e a “tragédia do Sarriá”, o futebol brasileiro teve momentos gloriosos, vencendo cinco copas do Mundo. Mas, com o tempo, o estilo brasileiro de futebol foi-se perdendo, junto com nossa própria identidade como comunidade nacional. Nos dias de hoje, percebe-se muito menos interesse do público pela seleção do Brasil, em contraste com o interesse dos torcedores por seus próprios clubes de futebol profissional. Esse distanciamento em relação à seleção seria sintomático de um processo em que o futebol brasileiro se tornou “como os outros”. O estilo brasileiro de futebol foi-se tornando “menos único” e mais comum, perdendo a “chama” do futebol moleque, descontraído e mágico que o imortalizou e que precisa ser recuperado, junto com a vontade de torcer pela Seleção:

Por causa da corrupção, da constatação de que a Seleção prejudica os clubes e pelo fato de os melhores jogadores estarem fora do Brasil, existe um descrédito com o time brasileiro, como se fosse um estorvo para nosso futebol. Não deveria ser assim. Ao mesmo tempo que o ser humano quer ultrapassar as fronteiras e se tornar um cidadão do mundo, existe um sentimento patriótico, um desejo de pertencer a seu bairro, seu estado, seu país, e vibrar com sua seleção. (TOSTÃO, 2016, p. 192)

Em seu texto, Tostão opera uma fusão da identidade brasileira com o estilo brasileiro de futebol. Quando ele diz que “estamos sem identidade, sem saber onde estamos nem para onde vamos”, duas perdas diferentes são articuladas nos mesmos significantes: a da identidade do brasileiro junto com a de seu futebol. Como duas faces de uma mesma moeda, a identidade nacional, que se arranham e perdem seus contornos com o tempo. O povo brasileiro se esquece de quem é, ao mesmo tempo em que seu futebol também se perde:

Após o Mundial, havia um grande pessimismo. Quase todos diziam que o futebol habilidoso, moleque, criativo, de muita improvisação e de muitos efeitos especiais, que era característica do futebol brasileiro, estava ultrapassado. Quase todos exaltavam o jogo coletivo, a força física, a velocidade, a marcação e a objetividade dos europeus, especialmente dos ingleses. Nelson Rodrigues, que diziam não entender nada de futebol, chamou, com ironia, os jornalistas brasileiros de “entendidos” e de “idiotas da objetividade”. Os pessimistas esqueciam que, após 1966, além de Pelé, havia vários jogadores que tinham grandes chances de estarem entre os melhores da história do futebol, como Gérson, Rivellino, Jairzinho e Carlos Alberto, o que realmente aconteceu na Copa de 1970. Agora, só temos um fora de série, Neymar. E ele não é um Pelé. (TOSTÃO, 2016, p. 35)

Tostão se refere ao clima que ocorreu após o fracasso brasileiro na Copa do Mundo de 1966, disputada na Inglaterra, único Mundial (até aquele momento) em que a seleção do Brasil foi eliminada na fase de grupos. A visão corrente na época era a de que o futebol “artístico” brasileiro estava sendo superado pelo futebol “força” europeu. Uma visão que não se confirmou no Mundial seguinte, em que o Brasil se sagrou tricampeão com grandes atuações de seus craques. Tostão relaciona o estilo descontraído do futebol brasileiro com a habilidade técnica e inventiva de seus jogadores. Se o Brasil possui craques com a possibilidade de realizar belas jogadas e saírem vitoriosos, então o futebol ao estilo brasileiro tem de fato uma vantagem considerável, como aconteceu no México em 1970.

No entanto, Tostão considera que nos dias atuais o estilo brasileiro se perdeu porque não possuímos mais os jogadores “fora de série” que tínhamos antes, restando apenas um para carregar esse peso de ser o “diferencial” da equipe nacional: Neymar. Embora suas habilidades não se compararem às de Pelé, o jovem atacante de Mogi das Cruzes herdou do maior jogador da história o fardo de ser o camisa 10 da seleção brasileira, e consequentemente a função de principal jogador e maestro do escrete canarinho. Diante desse quadro, Tostão acha improvável que a seleção confirme as perspectivas criadas pelos anos de glória, com uma equipe com apenas um craque isolado, sem a capacidade do jogador que foi o principal responsável pela criação desse “mito” da seleção brasileira. O contraste é evidente, não apenas pelas diferenças entre esses dois jogadores, mas também pela qualidade dos companheiros de ambos, o que torna

a comparação ainda mais injusta. Diferente de Neymar, Pelé possuía ao seu lado jogadores que disputariam um posto no pódio nos maiores da história, na visão do autor mineiro.

Para Tostão, a ideia de um estilo do futebol brasileiro passa inevitavelmente pelos indivíduos que o praticam, e consequentemente pela identidade que os envolve. O diálogo que traçamos anteriormente com a tese de Leandro Lima é mais uma vez frutífero para a análise. Em suas palavras, “Tostão desenvolve uma série de raciocínios críticos que, por meio da noção de metáfora, identifica o futebol como produtor de sentidos análogos ao jogo social da vida humana” (LIMA, 2016, p. 80). Como observa Lima, o ex-jogador mineiro liga metaforicamente o futebol com a vida, de uma forma geral, analisando suas situações através de contrastes éticos com o mundo e sociedade. Por isso, em suas memórias, a história e o estilo brasileiro de futebol estão intimamente ligados ao modo como a identidade brasileira se desenvolveu eticamente ao longo do mesmo período. Sem cair no clichê simplista que diz que “se o futebol vai bem, o Brasil vai bem e vice-versa”, Tostão constrói esse contraste como uma espécie de interferência mútua de altos e baixos ligados a uma ideia mais geral sobre a identidade nacional.

Em vários momentos, suas memórias articulam o futebol brasileiro com situações éticas vividas pela política do país, trazendo à tona uma espécie de dualidade constitutiva da identidade brasileira. Se o Brasil vive problemas éticos em sua política, é óbvio então que o futebol também sofre com problemas de natureza similar. De modo semelhante ao que fez Mario Filho, ao trabalhar com os desdobramentos da questão racial no universo do futebol brasileiro, Tostão relaciona a discussão sobre a identidade brasileira no futebol com um problema mais amplo e abstrato, constituído pelos dilemas de natureza ética vividos pela sociedade brasileira.

4.3 - Tostão e a ética no futebol brasileiro

Até que ponto as questões éticas têm influência no futebol e na maneira como ele se relaciona com a sociedade e a história no Brasil? Em diferentes variações, tal questão está sempre presente nas reflexões desenvolvidas por Tostão em seu livro de memórias. Para o autor, a responsabilidade de cada um por seus atos é um problema muito mais complexo do que aparenta inicialmente, seja na vida social seja no esporte. Um momento exemplar de choque entre as exigências do mundo esportivo e as concepções éticas do ex-jogador aparece nas comemorações da vitória brasileira na Copa de 1970:

Como protesto, pensei em não ir a Brasília, onde a seleção seria recebida pelo ditador Médici. Refleti, racionalizei e achei que deveria ir, pelo compromisso com a Seleção

e com os companheiros. Precisava separar a política do esporte. Além disso, de Brasília iríamos para Belo Horizonte, onde haveria uma grande festa. Não poderia chegar à minha cidade separado dos companheiros que atuavam em Minas Gerais - Piazza, Dario e Fontana.

Freud gostava de repetir uma frase de Shakespeare: “A consciência faz de todos nós covardes”, no sentido de que o ser humano, com frequência, dividido entre os compromissos éticos e morais e seus verdadeiros desejos, que moram nas profundezas da alma e que nem sempre são compatíveis com seus deveres sociais, deixa de lutar pelo que pensa e por suas ambições. (TOSTÃO, 2016, p. 70)

Nesse episódio, o compromisso ético de Tostão passa por uma encruzilhada: ao mesmo tempo em que ele deseja tomar uma atitude de protesto contra a ditadura civil-militar que governava o país naquele ano de 1970, o então jogador também sentia a pressão social que vinha de seus companheiros de equipe, principalmente daqueles que atuavam em seu estado e cidade-natal. Ao mesmo tempo em que sentia que “precisava separar a política do esporte”, o autor não conseguia abandonar suas convicções, embora tenha acabado optando por cumprir os “deveres sociais”, em detrimento daquilo que realmente desejava fazer. O ex-jogador trabalha com uma balança moral que nem sempre pode ser 100% satisfeita. Apesar de considerar que o certo seria não ir ao encontro do ditador brasileiro, a necessidade de não abandonar seus companheiros se torna mais importante no momento decisivo.

Nesse sentido, Tostão reafirma seu compromisso com as contradições humanas, muito próximas das “dualidades essenciais” tão valorizadas pelo autor (cf. TOSTÃO, 2016, p. 91). Ao mesmo tempo em que o autor deseja algo, é necessário realizar outra coisa. Ao mesmo tempo em que separa a política do esporte, ele enxerga o campo ético como essencial para a prática do bom futebol. O mundo do futebol não é alheio aos problemas éticos. Na verdade, eles estão intimamente ligados em suas nuances e contradições. Outro caso exemplar é destacado por Tostão ao tratar da seleção brasileira na Copa do Mundo da França, em 1998:

Durante a Copa de 1998, um dos treinos da Seleção terminou mais cedo porque os jogadores e a comissão técnica tinham de comparecer a um evento dos patrocinadores. Na ocasião, o sério capitão Dunga protestou com razão contra esse fato, e depois do Mundial, por causa disso e por outros motivos, falou que o Brasil estava preparado para ser apenas vice-campeão. (TOSTÃO, 2016, p. 121)

Naquela Copa, a seleção brasileira avançou no “mata-mata” da competição, mas na partida final acabou sendo derrotada por 3 a 0 pela anfitriã França, com dois gols de Zidane e um de Petit. A atuação fraca do Brasil encontra suas justificativas através de perspectivas que envolvem também as questões éticas. O fato de que os jogadores foram obrigados a parar um treinamento para comparecer a um evento de patrocinadores demonstra como os objetivos e os métodos que os levariam ao sucesso estavam comprometidos por interesses alheios ao esporte.

A decisão mais ética e responsável seria a de optar pela concentração absoluta, o que não incluiria a participação dos jogadores em eventos que atendiam a interesses estritamente financeiros da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Os jogadores possuem em seus ombros a responsabilidade de jogar o melhor que podem, representando as pessoas de seu país, que acompanham fervorosamente a equipe nas Copas do Mundo. A atitude da CBF, que controla as obrigações a serem seguidas pelo time, de eleger outras prioridades é julgada pelo autor como negativa, não apenas de um ponto de vista esportivo, mas também ético.

Tostão concorda com o jogador Dunga quando ele diz que a seleção só podia ser vice-campeã, afinal a ética e o futebol não estão separados. Para o cronista mineiro, em acordo com o ex-volante gaúcho, os atos “extra-campo” da seleção de 1998 influenciaram diretamente nos resultados da equipe na Copa. Apesar de ter jogadores de altíssimo nível, como Ronaldo, Taffarel e o próprio Dunga, a seleção mostrou que não estava preparada para ser a melhor do mundo. Faltou seriedade e compromisso ético de todos os envolvidos, o que resultou no resultado de 2º lugar no pódio mundial. A seleção brasileira não foi derrotada apenas pela equipe francesa, mas também por si mesma e por suas atitudes, que não condiziam com uma equipe que tinha a ambição de ser a melhor do mundo. No futebol, assim como na vida, os objetivos precisam estar de acordo com os métodos em favor do sucesso.

Outro caso similar ao da final da Copa de 1998, e que também representa a íntima ligação entre a excelência esportiva e o compromisso ético, acontece na Copa do Mundo de 2006, disputada na Alemanha. O autor mais uma vez foca na perspectiva brasileira do torneio para criticar posturas que julga condenáveis. O Brasil era o atual campeão do mundo (tendo vencido o Mundial de 2002), contando com a reputação altíssima de seus jogadores e com o técnico campeão de 1994, Carlos Alberto Parreira. Apesar de toda a expectativa que se criou por aquele time, os resultados não agradaram. Era uma equipe que não convencia em campo e que acabou sendo eliminada nas quartas-de-final para o bom time francês, que contou com grande atuação de seu craque Zidane e com o gol do atacante Thierry Henry.

Além de comentar aqueles que foram considerados os principais motivos para o fracasso brasileiro de 2006, como por exemplo as péssimas condições físicas de Ronaldo e Adriano e o esquema tático que não condizia com o time que Parreira possuía em mãos, Tostão destaca a “estadia de Weggis” como algo pelo menos significativo em todo o conjunto de circunstâncias que acarretou na eliminação precoce do Brasil:

O Brasil ficou uns vinte dias na pequena e bela cidade de Weggis, na Suíça, antes de chegar à Alemanha para a Copa. Havia uma grande festa na cidade, com um número enorme e surpreendente de brasileiros e brasileiras, de todos os tipos e com todos os

interesses. Os treinos da Seleção estavam sempre lotados, e de vez em quando alguém invadia o campo. Por ter recebido de graça a estadia na cidade, a CBF, por retribuição de contrato, tinha que permitir toda aquela farra, apesar de ter ficado em hotel privativo, diferentemente da Copa de 2002.

(...)

Ate hoje, a estadia de Weggis é muito criticada - com razão - e vista como uma das causas do fracasso da Seleção. (TOSTÃO, 2016, p. 136)

Em sua preparação para a Copa, a equipe inteira, incluindo jogadores e comissão técnica, ficou concentrada na cidade suíça de Weggis, onde ocorreram todos os tipos de “farras” que Tostão considera criticáveis, dentro de uma perspectiva da preparação de um time para um Mundial.

As duas situações são similares, pois revelam uma postura ética do autor em relação ao futebol brasileiro e global. Não é suficiente possuir um estilo único de futebol e nem táticas avançadas e modernas (aspecto em que o Brasil também ficou relativamente atrasado) se não existir uma postura ética e responsável por parte daqueles que vão exercer a atividade esportiva. O futebol brasileiro e aqueles que o orbitam devem assumir uma postura de ética e responsabilidade para ser capaz de constituir a complexa tríade que o habilitaria para execução do bom futebol: a (1) habilidade/técnica, a (2) tática e o (3) compromisso ético. Faltando um desses três pilares, a prática esportiva perde o seu equilíbrio, o que acaba acarretando em fracasso. Os três aspectos em completa harmonia e perfeição é algo que não existe, mas que deve ser almejado, tal como as utopias (cf. YOSHIOKA, 2010, p. 123).

Tostão não se contenta em criticar o que acha que deve ser criticado. Além disso, o autor procura, sempre que possível, mostrar sua busca pessoal para se comportar como um sujeito ético, ou pelo menos como um sujeito que se importa com o compromisso ético. No mesmo trecho em que o ex-jogador critica as posturas que levaram o Brasil ao fracasso na Copa de 2006 (como “estadia em Weggis”), ele narra um episódio em que jornalistas que foram cobrir o Mundial foram convidados para um luxuoso jantar com a comissão técnica de Parreira. Tostão se sentiu obrigado a ir, devido a relação que tinha com o técnico da seleção, que havia sido seu companheiro na Copa de 1970. Porém, o sentimento que ficou do episódio foi o de arrependimento, por considerar que a “imprensa não deveria ter esse tipo de relacionamento com a Seleção” (TOSTÃO, 2016, p. 136). Tostão admite um arrependimento por uma atitude que não considera consistentemente ética para alguém que está na posição de criticar as atitudes de outros. Trata-se de um constante exercício de consistência e coerência praticado pelo autor, na busca por manter seus argumentos bem articulados e evitar a contradição e a hipocrisia interna.

A situação do jantar é simbólica, remetendo a vários outros momentos em que Tostão tenta se mostrar como um indivíduo ético, situação que se repete diversas vezes no livro. Sempre que se depara com um dilema ético, mesmo que tenha agido corretamente ou não, Tostão busca destacar qual seria a postura certa a se tomar. Além disso, o autor sempre se esforça para relacionar essa postura com o mundo do futebol, como na situação a seguir:

Depois da Copa de 1970, recebemos muitos prêmios pela conquista. Um deles, que me incomoda até hoje, foi o Fusca dado pela Prefeitura de São Paulo, cujo prefeito era Paulo Maluf. Na época, ele não tinha tanta fama de corrupto como tem hoje. Recebi o carro como uma homenagem, um reconhecimento pelo título. Eu era um jovem de 23 anos e não tinha o conhecimento que tenho hoje. A prefeitura foi processada por um cidadão, e Paulo Maluf foi condenado a devolver aos cofres públicos o dinheiro gasto. Ele recorreu e foi absolvido. Com o tempo, amadureci, entendi e aprendi que dinheiro público não pode ser distribuído para quem quer que seja. Essa é uma das razões de eu ter recusado, anos atrás, o prêmio em dinheiro concedido pelo governo federal aos campeões de 1970, 1962 e 1958. Muitos não compreenderam. (TOSTÃO, 2016, p. 78)

No trecho acima Tostão narra mais um evento em que sua atitude acarretou em um arrependimento posterior. O autor não se exime da culpa que sente por ter aceitado um presente dado com o dinheiro público por um político que depois seria conhecido por ser corrupto. As justificativas de Tostão passam pela ideia de uma juventude em que ele não possuía os conhecimentos atuais, adquiridos com a maturidade e a aprendizagem. O autor se constrói como alguém que possui a sabedoria de entender que atitudes como aquelas são condenáveis e não devem ser repetidas, para o “bem” ético da sociedade. A atitude do ex-jogador, ao recusar tanto a compensação financeira oferecida aos campeões de 1958, 1962 e 1970 quanto o plano de saúde concedido pela CBF aos campeões mundiais (TOSTÃO, 2016, p. 78), manifesta a opção por um afastamento de uma relação que considera promíscua entre entidades oficiais e imprensa, grupo do qual ele fazia parte. É uma atitude ética que leva em conta não apenas o que ele fala e critica, mas também quem ele é e como se comporta.

Tostão é um cronista esportivo que escreve e que critica jogadores e dirigentes esportivos. Logo, não seria correto de sua parte ter relações que pudessem comprometer sua honestidade jornalística. Sua opção por elogiar ou criticar não deve se basear em suas amizades ou atritos pessoais. Um caso exemplar é o de sua relação com o técnico Luiz Felipe Scolari, o “Felipão”. O técnico gaúcho foi muito amistoso com Tostão, chegando a receber o colunista em seu apartamento em Belo Horizonte para conceder uma entrevista, na época em que vivia na cidade e dirigia o Cruzeiro (TOSTÃO, 2016, p. 127). Aparentemente, Felipão teria acreditado que isso seria motivo para Tostão não o criticar, opinião que não foi acatada pelo jornalista mineiro. O autor acredita que, independentemente das ligações entre as pessoas

envolvidas, o jornalista deve compromisso apenas à verdade e à sua opinião, o que resultou em uma relação turbulenta com Felipão, que não viu com bons olhos suas críticas após a eliminação do Brasil na Copa América de 2001. Foi uma situação que fez Tostão acreditar que deveria evitar se aproximar das figuras que critica ou elogia. Em suas próprias palavras: “Perco a informação mas não perco a independência” (TOSTÃO, 2016, p. 128).

Em conformidade com seus princípios, Tostão sempre afirma que recusa cargos dentro das instituições esportivas oficiais, como clubes e federações (sendo até acusado de ter medo pelo técnico Felipão. Cf. TOSTÃO, 2016, p. 128). Em 2001, ano anterior à Copa da Coreia do Sul e do Japão, Tostão foi convidado por Ricardo Teixeira para ser diretor técnico da seleção brasileira. O autor conta que ficou seduzido por diversos motivos, desde vaidade até a possibilidade de realmente fazer um bom trabalho no cargo. No fim das contas, acabou recusando o posto devido ao fato de ser um contumaz crítico de Ricardo Teixeira, pensando que não se sentiria bem em atuar em um cargo de confiança de alguém por quem não nutria nenhuma admiração:

Em 2001, fui convidado por Ricardo Teixeira, depois da dispensa de (Emerson) Leão, para ser o diretor técnico da Seleção. Primeiro, fui contactado por um intermediário, um jornalista. Na hora, sabia que não aceitaria, mas fiquei curioso. (...) Fiquei com vontade de aceitar, pelo desafio, pela vaidade de ocupar uma posição de destaque no futebol, por me considerar capaz de fazer um bom trabalho e por ter a chance de ser campeão do mundo em outra função. Mas não aceitei. Não me sentiria bem, pois era um cargo de confiança de Ricardo Teixeira, a quem eu criticava com frequência e por quem não tinha nenhuma admiração, e também porque já havia muitas suspeitas de falcaturas na CBF. Fiquei também na dúvida se o gesto dele tinha motivos técnicos ou se servia apenas para agradar à imprensa e ao público, como tinha feito com Zico na Copa de 1998. (TOSTÃO, 2016, p. 127)

A atitude de Tostão nesse episódio reflete sua visão mais ampla do futebol brasileiro, como um esporte carregado de problemas éticos. É muito comum, em seu texto, Tostão criticar essas relações promíscuas como algo que atrapalha o bom desenvolvimento do futebol brasileiro. Os interesses escusos que muitas vezes movem o relacionamento entre equipes, empresários, dirigentes e outros seriam, para ele, a força motriz do nosso fracasso esportivo e humano, da hipocrisia social que nos ronda diariamente:

A primeira conduta de um dirigente ou de um treinador, quando assume o comando de uma seleção, deveria ser abolir todos os vínculos com empresários. Com frequência, um técnico convoca um jogador pela primeira vez, que então passa a ser valorizado, é transferido para um grande clube na Europa e nunca mais é chamado. Fica a suspeita de mutreta, ainda mais se o empresário do jogador é o mesmo do treinador. Melhor ainda é não escolher um dirigente da CBF que já tenha sido empresário de técnicos e jogadores. Mesmo que ele interrompa formalmente todos os contratos anteriores, há sempre o perigo da permanência de vínculos afetivos.

Empresários costumam fabricar notícias, e jornalistas, por ingenuidade ou sem perceber, dão destaque e acabam se tornando participantes de um jogo de interesses. O marketing, importante em qualquer atividade, passou também a dominar o futebol, com a promoção de jogadores medíocres a bons e de excelentes a craques. O torcedor, consumidor, fica perdido, confuso, muitas vezes sem saber que está sendo enganado. (TOSTÃO, 2016, p. 179 - 180)

A situação destacada é emblemática no que diz respeito ao futebol brasileiro. A relação entre as figuras envolvidas mostra uma crise no profissionalismo tão valorizado por Tostão, que sempre que possível tenta se colocar como um indivíduo que preza por valores éticos e tenta empregá-los em seus próprios atos. Assim, não é fortuito que o cronista destaque as diversas vezes em que evitou envolvimento com figuras que, por sua profissão atual, é obrigado a criticar ou elogiar honestamente. O autor critica essas relações promíscuas e se preocupa em dar exemplo das atitudes que realmente julga serem as melhores para um bom desenvolvimento futuro do futebol brasileiro.

O ex-jogador não se restringe ao julgamento ético dos indivíduos poderosos no futebol brasileiro. O compromisso ético deve ser seguido por todos, não importa em qual degrau da hierarquia social (ou do futebol) o indivíduo se encontre, incluindo desde o jogador profissional e o dirigente esportivo até o mais simples torcedor sentado na arquibancada. A posição de Tostão é a de que todos devemos honrar os compromissos com o bem-estar do próximo. Posição que justifica sua contundência ao criticar, por exemplo, as torcidas organizadas:

Outra relação promíscua no futebol é a do clube com as torcidas organizadas, que chantageiam os dirigentes e até mesmo os jogadores. Além disso, costumam desrespeitar as leis. Se as torcidas organizadas se limitassem a torcer, a embelezar e promover o espetáculo, seriam ótimas, essenciais. Apesar de a maioria absoluta dos integrantes das torcidas organizadas não participar de arruaças, a minoria marginal é a principal causa da diminuição de público nos estádios, segundo pesquisas. A solução é manter as torcidas organizadas e acabar com os arruaceiros, prendê-los ou proibi-los de frequentar os estádios. (TOSTÃO, 2016, p. 180)

O autor não generaliza e critica aspectos que realmente considera negativos na atividade das torcidas organizadas, sem torná-las vilãs por sua simples existência. Tostão acredita que as torcidas organizadas devam existir como movimentos para embelezar o espetáculo esportivo, tornando-o melhor para todos, e não o contrário. Os criminosos envolvidos com as torcidas são os verdadeiros culpados pelo afastamento do público dos estágios, por contribuírem com a violência que assusta os cidadãos comuns. A crítica ética de Tostão tenta manter vivas as instituições no que elas tem de necessárias e benéficas para o futebol e a sociedade, e eliminar os pontos negativos que impedem que elas se realizem plenamente. No caso das torcidas organizadas, como fica claro no trecho anterior, os criminosos ou “arruaceiros” devem ser

contidos para que as torcidas organizadas possam realizar seu verdadeiro propósito, o de tornar a festa do futebol mais bonita.

De modo similar ao que acontece com as torcidas organizadas, a política brasileira é vista por Tostão como algo que poderia ser benéfico se os indivíduos envolvidos fossem éticos e responsáveis em seus atos. As atitudes daqueles que não se importam com o próximo permeiam toda as instituições políticas brasileiras e a visão que temos delas, exprimindo uma tendência negativa e prejudicial a todos, que envolve também o futebol. Mostramos que o futebol brasileiro está intimamente ligado às pessoas, e na concepção de Tostão isso envolve uma profunda questão ética.

O auge dessa discussão sobre a tensão entre as questões éticas e humanas e a identidade futebolística brasileira talvez se dê nos momentos em que Tostão fala sobre a forma como o Brasil viveu o futebol durante a Copa do Mundo de 2014, disputada no próprio país. A questão central do debate é o contraste entre um país que se tornou a sede da maior competição do esporte mais popular do mundo e a grave crise política vivida pela nação naquele momento, que se arrastaria por anos e se somaria ao fracasso esportivo da seleção brasileira nas semifinais da competição, quando foi goleada por 7-1 pela Alemanha, no estádio Mineirão, em Belo Horizonte, terra natal de Tostão. A análise de Tostão desse momento é delongada, começando pelo próprio contraste entre o acontecimento da festa maior do futebol e a eclosão da instabilidade política e social no país:

Durante a Copa das Confederações, eram realizadas as manifestações contra a corrupção, os problemas sociais e os gastos abusivos com o Mundial, contrariando o que se tinha dito antes, quando o Brasil foi escolhido como sede, de que todas as despesas seriam privadas. Ainda não havia a Operação Lava Jato, e o Brasil não passava por problemas políticos, sociais e econômicos tão graves. Interessante que a maioria do pessoal que aplaudia a Seleção durante as partidas e cantava com emoção o Hino Nacional, geralmente pessoas da classe média ou alta, também era contra os gastos com a Copa e contra os problemas sociais. Separavam a Seleção das manifestações. Vaiavam a presidenta e aplaudiam o time brasileiro. (TOSTÃO, 2016, p. 158)

Ao mesmo tempo, a seleção brasileira era aplaudida e a presidenta vaiada, estabelecendo-se um contraste entre as reações do público com o espetáculo do futebol e as críticas ao momento político brasileiro. Tostão escreve o trecho acima com um tom carregado de uma ironia não totalmente explícita. O autor claramente é um crítico dos problemas que ocorreram na realização do Mundial, mas também questiona a hipocrisia daqueles que usufruem da Copa mesmo tendo sido contra a sua realização.

Consideramos que o autor usa esse contraste com dois motivos: primeiro, para criticar a hipocrisia que permeia o ambiente sócio-político brasileiro, especialmente o das classes médias e altas, que aproveitaram aquela Copa do Mundo cuja realização elas mesmas haviam criticado; segundo, para questionar a sociedade brasileira como um todo, tentando entender até que ponto ela é capaz de separar o futebol da situação geral do país, que seria o mais importante. Tostão faz uma análise da reação das pessoas à sua volta, após a emblemática derrota brasileira para o time alemão, encerrando com um questionamento:

A derrota do Brasil, mesmo por 7 a 1, foi vista como uma grande tristeza, mas não como uma tragédia, como a da Copa de 1950. Dessa vez, não ouve um único culpado, um Barbosa, o goleiro daquela seleção. Pelo contrário, um grande número de brasileiros levou os 7 a 1 na gozação, o que ocorre até hoje. Seria isso uma evolução da sociedade, mais preocupada com os graves problemas sociais, políticos e econômicos e com a corrupção? (TOSTÃO, 2016, p. 166)

No trecho acima, ressoam claros questionamentos: Será que de fato o brasileiro mudou desde 1950? Será que realmente nos preocupamos mais com os problemas sociais do que com o futebol? Tostão não apresenta respostas para estas questões. Sua posição parece ser a de que o brasileiro e a sociedade em geral não se importam realmente com o futebol ou com política, interessando-se na verdade pelo “circo” que tudo isso acaba gerando: “A sociedade do espetáculo não gosta necessariamente do futebol. Gosta mais de consumir, festejar, descartar e trocar seus ídolos rapidamente.” (TOSTÃO, 2016, p. 182)

Apesar de todas essas críticas ao futebol brasileiro, Tostão não chega a ser totalmente negativo em sua análise. O autor também se dedica a imaginar as possibilidades e o potencial que o futebol brasileiro apresentaria se fosse bem conduzido. Sua postura revela um leve otimismo quanto à seleção brasileira, em contraste com o futebol de clubes jogado profissionalmente no país, ofuscado pelo poderio econômico europeu:

É preciso separar a Seleção do resto do futebol que se joga no país. Pela tradição, pelo enorme tamanho do território nacional, por ter muitos jogadores nas principais equipes do mundo e por ter milhares de crianças correndo atrás de uma bola, sonhando em ser craques, em vez de estarem em escolas públicas em período integral, o Brasil tem condições de ter uma seleção melhor do que a atual, mesmo com apenas um grande craque, Neymar. Já com relação ao futebol que se joga no Brasil como um todo, por causa da desorganização e da impossibilidade financeira de manter os principais atletas nos clubes, o nível é de segunda divisão, em comparação com os melhores times do mundo. (TOSTÃO, 2016, p. 180)

O futebol brasileiro pode sobreviver graças aos pés dos milhões que pegam uma bola e a jogam pelas ruas do país. A tese otimista de Tostão se baseia na imensa popularidade que o

esporte possui no Brasil. Uma popularidade que o mantém vivo, apesar dos problemas econômicos e éticos que o esporte profissional sofre no território brasileiro. Mais uma vez notamos a importância das questões éticas para a identidade do futebol jogado no país, um futebol que é estimulado e ao mesmo tempo sabotado pela mídia e pelos poderosos.

Curiosamente, as críticas de Tostão aos atos antiéticos dos que conduzem o futebol brasileiro encontram sua versão mais forte quando ele afirma que o Brasil ainda pode continuar sendo a “pátria de chuteiras” de Nelson Rodrigues. Apesar de todo o seu ceticismo e sobriedade, o autor não consegue fugir da imagem do torcedor que permanece acreditando, mesmo nos piores momentos. O autor teme que a ideia do Brasil como “país do futebol” se torne uma coisa do passado, um mito que não corresponde mais à realidade. Por isso, seria nosso objetivo, enquanto sociedade, impedir que isso aconteça em um futuro próximo:

Receio que, no futuro, a história conte que, no passado, havia um lugar, o país do futebol, o Brasil, que tinha um rei, Pelé, que ainda é o melhor de todos os tempos, e um grande número de craques fenomenais que jogavam um futebol espetacular, mágico, bonito e eficiente. O mundo todo parava para ver o Brasil jogar. Mas, por causa da desorganização, da ganância, da incompetência, da corrupção, da falta de cuidado, dos otimistas prepotentes e da evolução dos outros países, tornou-se igual a tantos outros da América do Sul e da Europa, abaixo das grandes potências. Não podemos permitir que seja assim. Temos que ficar atentos. O futuro não é destino. O futuro é o que será construído. (TOSTÃO, 2016, p. 194)

Entre o medo e a crítica, Tostão termina suas memórias com um tom esperançoso. Uma esperança de que possamos combater aquilo que prejudica o futebol e a vida das pessoas, atuando como indivíduos éticos. O ex-jogador mineiro acredita que o futebol no Brasil pode corrigir seus problemas e continuar sendo o melhor do mundo caso a luta contra a corrupção no meio esportivo seja bem sucedida:

O futebol brasileiro continua doente, mas a doença tem cura. Ele começa a melhorar. É preciso ficar atento, para que não haja recaídas. Para o doente ficar curado, é necessária a limpeza de nomes, de conceitos e da estrutura do futebol. A sujeira deve ir para o lixo, e não para debaixo do tapete. Os dirigentes corruptos, do Brasil e de todo o mundo, acusados de assaltarem o futebol, estão sendo denunciados e presos. É preciso desconstruir e reconstruir nosso futebol. A reconstrução tem que ser permanente. (TOSTÃO, 2016, p. 193)

Como o médico que foi, Tostão desenvolve sua reflexão a partir da metáfora da doença. Ele não desiste facilmente de seus pacientes e se esforça ao máximo para cuidar para que eles voltem mais fortes que nunca. Com o futebol brasileiro não é diferente. O autor acredita que o futebol no Brasil está “doente” e que pode (e deve) ser “curado”. A ideia central é da busca por um futebol mais belo e ao mesmo tempo eficiente, sem as “falcaturas” que prejudicaram nosso

maior esporte por tanto tempo, e continuam prejudicando. A “cura”, portanto, estaria no propósito ético, tão defendido pelo autor ao longo de seu livro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando o juiz dá o seu apito final, encerrando uma partida de futebol, podem ser despertados, naqueles que nela estão de alguma forma envolvidos, os mais diversos sentimentos: desde a mais pura e eufórica alegria até a mais deprimente tristeza. De qualquer modo, toda partida de futebol tende a um fim, o que não significa de modo algum o fim do jogo, que continua indefinidamente a ser jogado em campos, quadras, ruas ou qualquer lugar em que um espírito anseia por se divertir. Da mesma forma, é necessário encerrar essa partida que foi a nossa pesquisa para a produção desta dissertação, sabendo no entanto (e torcendo para isto) que as investigações sobre a obra de Tostão e as relações entre o futebol e a literatura vão continuar se desenvolvendo, ampliando nossa compreensão desse fenômeno cultural tão significativo.

Ao longo desse percurso, analisamos o livro *Tempos vividos, sonhados e perdidos: um olhar sobre o futebol*, publicado por Tostão em 2016, a fim de discutir um aspecto fundamental nele presente: a concepção de futebol elaborada pelo autor a partir das relações entre o esporte, a linguagem, a arte e a vida. Para isso, tentamos elaborar uma abordagem do livro de Tostão, com foco no modo como sua “filosofia do futebol” se baseia num conjunto de dualidades essenciais da vida humana, colocadas permanentemente em analogia umas com as outras, e na busca ética pela conciliação dos contrários. Para Tostão, tanto essas dualidades quanto a ética como solução para os impasses por elas gerados se manifestam também não apenas na vida, como também no futebol. O objetivo central da nossa pesquisa foi tentar mostrar como esse pensamento funciona internamente no texto do ex-jogador mineiro.

O percurso se iniciou no primeiro capítulo da dissertação, no qual realizamos uma leitura panorâmica do livro, para mostrar como as lembranças da carreira do autor servem como meio para uma reflexão que extrapola os registros autobiográfico e memorialístico, estendendo-se na elaboração de uma concepção mais ampla sobre o futebol, em suas múltiplas relações com a vida. Neste sentido, buscamos mostrar como o livro possui um caráter essencialmente híbrido, não se restringindo a um único gênero isoladamente, mas mesclando-os e articulando-os em um texto que em alguns momentos é mais autobiográfico, em outros é predominantemente memorialístico. O resultado é uma obra que não se limita a narrar a vida do autor ou a história do futebol, mas ganha um caráter reflexivo, exprimindo uma visão particular do autor sobre este esporte e suas possibilidades. Para isso, é fundamental a articulação operada pelo autor, entre as fases de sua vida e as fases da história do futebol, permitindo que os acontecimentos

de sua vida pessoal reverberem significações mais amplas, ligadas ao futebol como um todo e aos dilemas existenciais do ser humano.

Em seguida, no segundo capítulo do trabalho, tentamos mostrar, de uma forma mais detida, como estas possibilidades do futebol são articuladas no texto de Tostão. Detivemo-nos, para isso, no modo como a concepção de futebol elaboradas pelo autor coloca tal esporte em relação com a linguagem, a arte e a vida. A relação entre esses domínios passa inevitavelmente pela visão de Tostão do futebol como uma prática significativa, que pode ser analisada a partir de diversas dualidades essenciais da vida, como por exemplo entre a racionalidade e o sonho, ética e desejo, real e simbólico, entre outras. Percebemos no texto que essas dualidades se apresentam tanto no futebol quanto na vida, permitindo uma série de relações analógicas por meio das quais se articula a “poética” do futebol elaborada pelo autor. Na visão de Tostão, essas dualidades só podem ser relativamente resolvidas a partir de uma postura ética do indivíduo, refletindo uma percepção do autor que ecoa a concepção aristotélica da ética, que encara o bem como uma espécie de mediania. Embora uma conciliação perfeita seja impossível, é na sua busca que podemos encontramos o melhor caminho. A ética, então, se apresenta como essa busca para um encontro entre os opostos que dividem a sociedade e o futebol.

No terceiro capítulo, o objetivo foi mostrar como essas dualidades que pautam o pensamento de Tostão ganham corpo na discussão empreendida por ele sobre os estilos e as formas de jogar o futebol. O ponto de partida, aqui, foi a “clássica” teoria desenvolvida pelo cineasta Pier Paolo Pasolini, baseada na oposição entre “futebol-prosa” e “futebol-poesia”, que ecoa de muitas formas no livro em análise. Além da tradicional tese pasoliniana, trouxemos para a discussão outras reflexões similares, que também colocam em foco a dimensão artística do futebol. Mobilizando essas reflexões, o que buscamos foi mostrar como essas categorias e reflexões se articulam internamente na obra e no pensamento de Tostão sobre o esporte.

No quarto e último capítulo da dissertação, o nosso esforço caminhou no sentido de mostrar como a concepção de futebol elaborada por Tostão se relaciona com um determinado contexto sociocultural e com os discursos de construção de identidade nacional brasileira que circularam nesse contexto. Tentamos discutir a ideia de um estilo brasileiro de futebol e como essa ideia se desenvolveu historicamente até chegar a Tostão, para finalmente pensar no modo como ele se posiciona em relação a essa tese em seu livro. Encerramos mostrando que essa ideia de futebol brasileiro se relaciona intimamente com a dicotomia essencial refletida no futebol, visto como conflito e encontro entre “futebol-prosa” e “futebol-poesia”, bem como com a tentativa de conciliação entre esses polos por meio de uma postura ética. Um pensamento que se reflete em diversas análises do autor de situações do contexto sociopolítico brasileiro e

do futebol, buscando sempre destacar a importância de uma postura ética pessoal em seus escritos.

A ética se torna, assim, um instrumento de conciliação para o autor, que em todo o seu livro articula sua trajetória pessoal e a história do futebol a partir de constantes conflitos entre tendências e interesses diversos e muitas vezes opostos. Ao mesmo tempo em que vive em conflito entre o sonho e realidade, entre a vontade de ir e de ficar, Tostão também analisa o futebol como esse esporte que vive em conflito entre a magia e a racionalidade, entre o artísticos e os eficientes. O autor constrói em seu texto uma visão de mundo segundo a qual podemos conviver com esses eternos conflitos dentro de nós, assim como o futebol e a própria sociedade brasileira. Assumindo uma postura ética, isto é, centrada, sóbria e pautada em uma bem pensada e consciente mediania, podemos então alcançar a felicidade, o bem estar social e ao mesmo tempo um futebol primoroso, que tenha momentos tanto de magia e de arte quanto de racionalidade e eficiência. Do mesmo modo que o ser humano, quando é feliz, tem momentos de sonho e outros de realidade, sabendo equilibrar-los dentro do bom senso.

Assim, na vida e no futebol, existem momentos de ir e de ficar, tal como agora ficaremos por aqui e encerraremos nossa caminhada. No início da dissertação, citamos o lance genial de Tostão que gerou o inesquecível drible de Pelé no goleiro Mazurkiewicz, na Copa de 1970. Lance histórico mas que, curiosamente, não resultou em gol, uma vez que o “Rei do futebol” chutou a bola pela linha de fundo. Tal como o lance em questão, pode ser que esta dissertação não resulte em gol, mas temos a pretensão de pelo menos dar mais um passe, de acrescentar uma pequena letra nesse universo tão potencialmente rico que são os estudos sobre as relações entre futebol e literatura no Brasil. Não se encerram aqui os estudos sobre Tostão e sua obra, que são, em sua riqueza e beleza, passíveis de muitas investigações futuras. Como diz o próprio Tostão, no encerramento de sua obra, “a vida e o futebol continuam” (TOSTÃO, 2016, p. 194), e que bom que continuam.

BIBLIOGRAFIA

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2014.
- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: Dilemas da subjetividade contemporânea*. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2010.
- ARRIGUCCI, David. O móbil da memória. In: *Enigma e comentário*. São Paulo: Companhia das letras, 1987, p. 67 - 111.
- ASSMAN, Aleida. *Espaços da recordação: Formas e transformações da memória cultural*. Trad. Paulo Soethe (Coord.). Campinas: Editora Unicamp, 2021.
- ASSUNÇÃO, Teodoro Rennó. Brasil 3 x 1 Uruguai, semifinal da Copa de 70 (um relato-ensaio retrospectivo). In: *FuLiA/UFMG*, v. 5, n. 3, set. - dez., 2020, p. 27 - 57.
- AUGUSTIN, Gunther. Uma poética do futebol nas crônicas de Tostão. In: *Suplemento: o futebol no campo das letras*. Edição especial. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura, 2014. p. 9 - 12.
- BARTHES, Roland. O mundo do catch. In: *Mitologias*. Trad. Rita Buongiorno e Pedro de Souza. São Paulo: DIFEL, 1982, p. 11 - 20.
- BOSI, Éclea. *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.
- CORNELSEN, Elcio Loureiro. A "linguagem do futebol" segundo Pasolini: "Futebol de prosa" e "futebol de poesia". In: *Caligrama: revista de estudos românicos*. Belo Horizonte, v. 11, dezembro de 2006, p. 171 - 199.
- CORNELSEN, Elcio Loureiro. Memória e futebol no Brasil: Escritas da vida de jogadores brasileiros. In: *História: Questões & Debates*. Curitiba v. 68, n. 37, jul./dez. 2020. p. 133 - 159.
- DAMATTA, Roberto. Futebol: ópio do povo ou drama de justiça social. In: *Novos estudos CEBRAP*. São Paulo, v. 1, nº 5, 1982, p. 54 - 60.
- DELEUZE, Gilles. Do Jogo Ideal. In: *Lógica do sentido*. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 61 - 68.
- ECO, Umberto. A falação esportiva. In: *Viagem na irrealidade cotidiana*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 220 - 226.
- FREYRE, Gilberto. *Sociologia: Introdução ao estudo dos seus princípios*. São Paulo: É Realizações, 2009.

- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Elogio da beleza atlética*. Trad. Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das letras, 2007.
- HOLLANDA, Chico Buarque de. *O moleque e a bola*. O Globo/Estado, 21 Jun. de 1998. Disponível em: < <http://www.chicobuarque.com.br/textos?Tipo=2&Busca=MOLEQUE> > . Acesso em: 27 Mar. de 2023.
- HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. Trad. João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 2020.
- LEJEUNE, Phillippe. O pacto autobiográfico. In: *O pacto autobiográfico: De Rousseau à internet*. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: editora UFMG, 2014, p. 14 - 45.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Trad. Tânia Pellegrini. São Paulo: Editora Papirus, 2021.
- LIMA, Leandro Siqueira. *Crônicas de Tostão: Futebol e ética, vida e literatura*. Vitória: Centro de ciências humanas e naturais da UFES, 2016. Tese (Doutorado em Letras).
- MARQUES, José Carlos. Há futebol em prosa e futebol em poesia? O modelo proposto por Pasolini, antecipado nas crônicas de Nelson Rodrigues. In: AUGUSTIN, Günther; CORNELSEN, Elcio; SILVA, Silvio Ricardo da (Orgs.). *Futebol, linguagem, artes, cultura e lazer*. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2015, p. 93 - 109
- PAZ, Octavio. Verso e prosa. In: *Signos em rotação*. Trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 11 - 36.
- PASOLINI, Pier Paolo. O gol fatal. Trad. Maurício Santana Dias. *Folha de S. Paulo*, Caderno "Mais!", março de 2005, p. 4 - 5.
- RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- RODRIGUES, Sergio. *O Drible*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- ROSENFELD, Anatol. O futebol no Brasil. In: *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: Perspectiva, 1993, p. 73 - 106.
- SANTOS, Joel Rufino dos. *História política do futebol brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- SILVA, Marcelino Rodrigues da. Guará, o craque que não foi: ficção e história na biografia esportiva. In: *Aletria*. Belo Horizonte, v. 26, n. 3, 2016, p. 157 - 174.
- SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- SILVA, Marcelino Rodrigues da. *O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues*. Belo

Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1997. Dissertação (Mestrado em Letras - Estudos Literários).

SILVA, Marcelino Rodrigues da. Os gêneros de um clássico: ficção e história na recepção de O negro no futebol brasileiro. In: SAID, Roberto; TEIXEIRA, Maria Juliana Gambogi. (Orgs.). *Saberes, literaturas, pela pluralidade de sentidos*. Belo Horizonte: Mercado de Letras, 2024, p. 145-172.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Quem desloca tem preferência*: ensaios sobre futebol, jornalismo e literatura. Belo Horizonte: Relicário, 2014.

TOSTÃO. *Tempos vividos, sonhados e perdidos*: um olhar sobre o futebol. São Paulo: companhia das letras, 2016.

WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio*: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das letras, 2023.

YOSHIOKA, Gilson. *Trocando os pés pelas mãos*: O futebol e a vida nas crônicas de Tostão. Rio de Janeiro: Maquinaria editora, 2010.